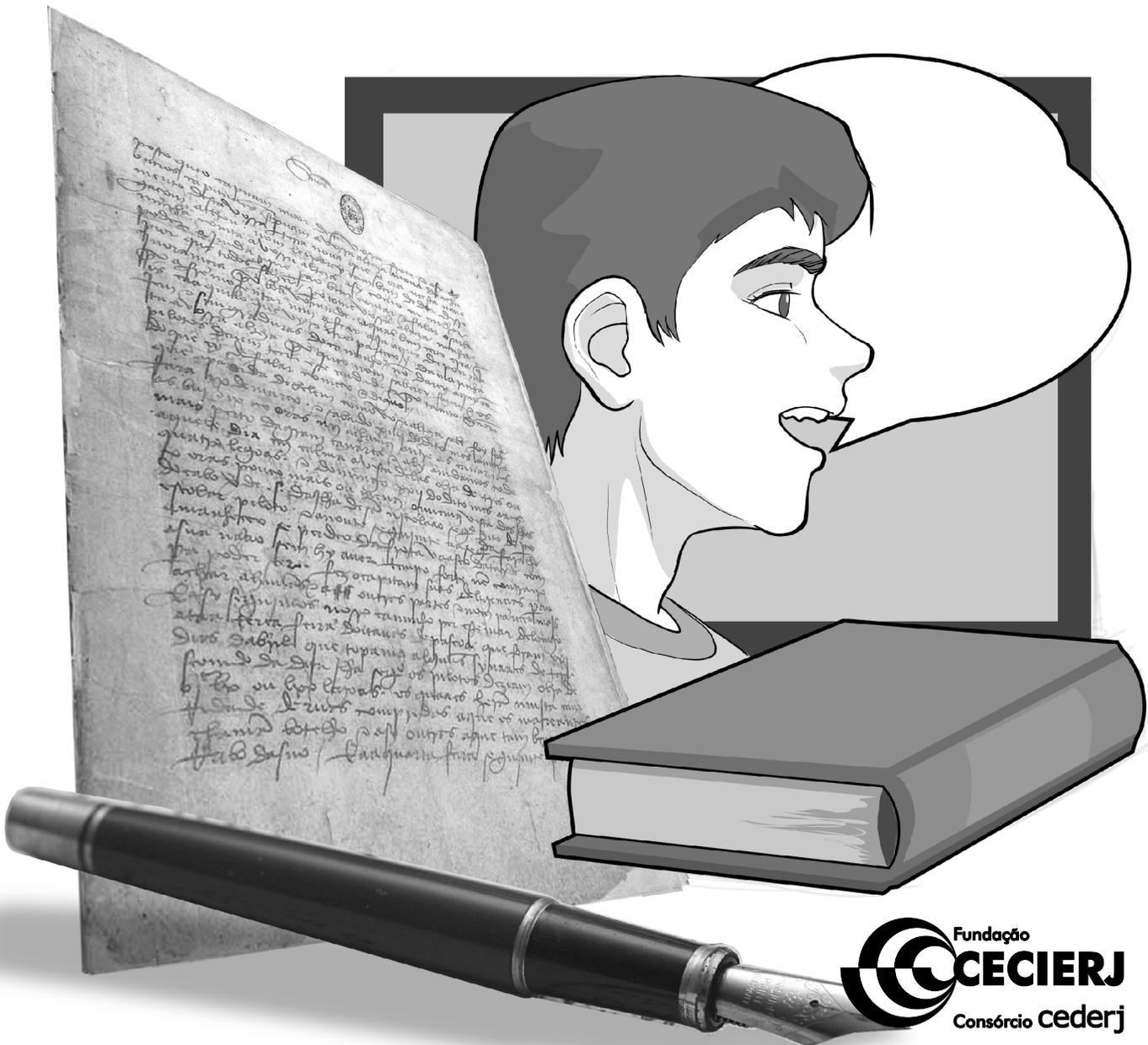


Português II





Fundação

CECIERJ

Consórcio **cederj**

Centro de Educação Superior a Distância do Estado do Rio de Janeiro

Português II

Volume 2

Ivo da Costa do Rosário

Mariangela Rios de Oliveira



**GOVERNO DO
Rio de Janeiro**

**SECRETARIA DE
CIÊNCIA E TECNOLOGIA**

**UNIVERSIDADE
ABERTA DO BRASIL**

Ministério da
Educação

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
PAÍS RICO É PAÍS SEM POBREZA

Apoio:

**FAPERJ**
Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo
à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro

**FUNDAÇÃO
SANTA CABRINI**
Provedora de acesso à Cidadania

Fundação Cecierj / Consórcio Cederj

Rua da Ajuda, 5 – Centro – Rio de Janeiro, RJ – CEP 20040-000

Tel.: (21) 2333-1112 Fax: (21) 2333-1116

Presidente

Carlos Eduardo Bielschowsky

Vice-presidente

Masako Oya Masuda

Coordenação do Curso de Letras

UFF - Livia Reis

Material Didático

ELABORAÇÃO DE CONTEÚDO

Ivo da Costa do Rosário

Mariangela Rios de Oliveira

COORDENAÇÃO DE DESENVOLVIMENTO INSTRUCIONAL

Cristine Costa Barreto

SUPERVISÃO DE DESENVOLVIMENTO INSTRUCIONAL

Flávia Busnardo

DESENVOLVIMENTO INSTRUCIONAL E REVISÃO

Mariana Pereira de Souza

Milena Aguiar

AVALIAÇÃO DO MATERIAL DIDÁTICO

Thais de Siervi

Departamento de Produção

EDITOR

Fábio Rapello Alencar

COORDENAÇÃO DE REVISÃO

Cristina Freixinho

REVISÃO TIPOGRÁFICA

Beatriz Fontes

Carolina Godoi

Cristina Freixinho

Elaine Bayma

Patrícia Sotello

Thelenayce Ribeiro

COORDENAÇÃO DE PRODUÇÃO

Ronaldo d'Aguiar Silva

DIRETOR DE ARTE

Alexandre d'Oliveira

PROGRAMAÇÃO VISUAL

Ricardo Polato

Patrícia Seabra

ILUSTRAÇÃO

Sami Souza

CAPA

Sami Souza

PRODUÇÃO GRÁFICA

Verônica Paranhos

Copyright © 2013, Fundação Cecierj / Consórcio Cederj

Nenhuma parte deste material poderá ser reproduzida, transmitida e gravada, por qualquer meio eletrônico, mecânico, por fotocópia e outros, sem a prévia autorização, por escrito, da Fundação.

R789p

Rosário, Ivo da Costa do.

Português II. v. 2. / Ivo da Costa do Rosário, Mariangela Rios de Oliveira. - Rio de Janeiro: Fundação CECIERJ, 2013.

168p. ; 19 x 26,5 cm.

ISBN: 978-85-7648-885-9

1. Português. I. Oliveira, Mariangela Rios de. II. Título.

CDD: 469.07

2012.2/2013.1

Referências Bibliográficas e catalogação na fonte, de acordo com as normas da ABNT.
Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Governo do Estado do Rio de Janeiro

Governador
Sérgio Cabral Filho

Secretário de Estado de Ciência e Tecnologia
Alexandre Cardoso

Universidades Consorciadas

UENF - UNIVERSIDADE ESTADUAL DO
NORTE FLUMINENSE DARCY RIBEIRO
Reitor: Silvério de Paiva Freitas

UERJ - UNIVERSIDADE DO ESTADO DO
RIO DE JANEIRO
Reitor: Ricardo Vieiralves de Castro

UFF - UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
Reitor: Roberto de Souza Salles

UFRJ - UNIVERSIDADE FEDERAL DO
RIO DE JANEIRO
Reitor: Carlos Levi

UFRRJ - UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL
DO RIO DE JANEIRO
Reitor: Ricardo Motta Miranda

UNIRIO - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO
DO RIO DE JANEIRO
Reitor: Luiz Pedro San Gil Jutuca

SUMÁRIO

Aula 10 – Termos acessórios I: adjunto adnominal _____	7
<i>Ivo da Costa do Rosário / Mariangela Rios de Oliveira</i>	
Aula 11 – Termos acessórios II: adjunto adverbial _____	23
<i>Ivo da Costa do Rosário / Mariangela Rios de Oliveira</i>	
Aula 12 – Agente da passiva _____	43
<i>Ivo da Costa do Rosário / Mariangela Rios de Oliveira</i>	
Aula 13 – Aposto _____	61
<i>Ivo da Costa do Rosário / Mariangela Rios de Oliveira</i>	
Aula 14 – Vocativo _____	77
<i>Ivo da Costa do Rosário / Mariangela Rios de Oliveira</i>	
Aula 15 – Funções sintáticas e relações textuais _____	87
<i>Ivo da Costa do Rosário / Mariangela Rios de Oliveira</i>	
Aula 16 – Introdução à sintaxe do texto falado _____	105
<i>Ivo da Costa do Rosário / Mariangela Rios de Oliveira</i>	
Aula 17 – Abordagens sintáticas alternativas – Azeredo _____	123
<i>Ivo da Costa do Rosário / Mariangela Rios de Oliveira</i>	
Aula 18 – Abordagens sintáticas alternativas – Perini _____	143
<i>Ivo da Costa do Rosário / Mariangela Rios de Oliveira</i>	
Referências _____	163

Termos acessórios I: adjunto adnominal

Ivo da Costa do Rosário
Mariangela Rios de Oliveira

AULA

10

Meta da aula

Apresentar o conceito de adjunto adnominal e destacar sua função na frase.

objetivos

Esperamos que, ao final desta aula, você seja capaz de:

1. reconhecer o adjunto adnominal;
2. distinguir adjunto adnominal e complemento nominal.

INTRODUÇÃO

Na aula anterior, vimos o complemento nominal, termo que completa o sentido de substantivos, adjetivos e advérbios, e que é um dos termos integrantes das orações.

Nesta aula, iremos começar a estudar os termos acessórios. Termos acessórios são aqueles elementos que modificam o significado dos termos essenciais e integrantes. Não são imprescindíveis para a completude sintática das orações, por essa razão, são identificados como “acessórios”, porém, com a sua supressão, a produção dos sentidos é prejudicada.

Iniciamos esta aula pela definição de “termos acessórios” e destacamos sua função e importância na organização sintática da oração em língua portuguesa. Na sequência, apresentamos as formas de manifestação de um dos tipos de termo integrante: o adjunto adnominal, sua classificação e produtividade no uso linguístico.

FUNÇÃO ACESSÓRIA E HIERARQUIA ORACIONAL

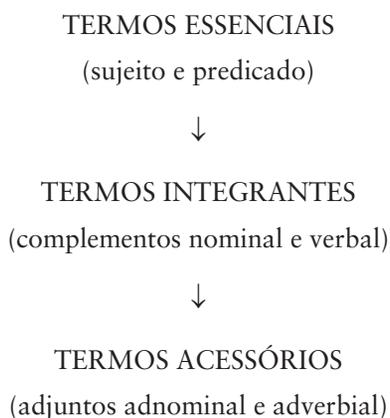
Os termos acessórios são entendidos como aqueles que “se juntam a um nome ou a um verbo para precisar-lhes o significado” (CUNHA; CINTRA, 1985, p. 145). Mesmo considerados como portadores de informações relevantes, esses termos são tomados como alternativos e dispensáveis, como acréscimos de forma e de sentido que são feitos aos termos essenciais (sujeito e predicado) e aos termos integrantes (complementos verbais e nominais) para melhor especificar essas funções sintáticas mais básicas e fundamentais.

Segundo Lima (1987, p. 224), os termos acessórios “podem figurar na oração”; são entendidos, portanto, como sintagmas opcionais na organização da frase portuguesa. Na mesma linha de interpretação, Luft (1987, p. 42) considera esses termos “não rigorosamente necessários à compreensão básica do enunciado” já que “têm a (sub) função de determinar, qualificar e modificar outros termos”.

Na condição de constituintes de (sub)função, ou função menor e mais subordinada, os termos acessórios são chamados genericamente de “adjuntos”, por estarem “junto a” nomes ou verbos, atuando na referida precisão do significado desses termos maiores. Do mesmo modo que há complementos para nomes e verbos, há adjuntos de nomes e verbos. A função adjuntiva é considerada a mais periférica e marginal das que

temos visto até aqui, e os termos acessórios, muitas vezes, representam sintagmas subordinados a outros sintagmas que, por sua vez, encontram-se também subordinados a outros.

Assim, do ponto de vista hierárquico, os termos acessórios são subordinados aos integrantes, e estes, aos essenciais, estabelecendo-se a seguinte escala:



Para ilustrar o comentário e a escala apresentados, tomemos as duas orações a seguir:

(1) *José comprou livros.*

(2) *Meu primo José comprou dois livros de história.*

Do ponto de vista de sua constituição básica, (1) e (2) são correspondentes: há um sujeito em posição inicial, cujo núcleo é *José*, seguido do predicado verbal em torno do núcleo *comprou*, integrado pelo complemento verbal, a partir do nome *livros*. Assim, o que distingue (1) e (2) é justamente a adjunção de termos, na segunda oração, que determinam e ampliam o conteúdo do núcleo do sujeito *José* e do núcleo do objeto direto *livros*. Esquemáticamente, teríamos a seguinte distribuição:

Sujeito	Predicado (Verbo + Complemento)
(1) <i>José</i>	<i>comprou livros</i>
(2) <i>Meu primo José</i>	<i>comprou dois livros de história</i>

Os três termos destacados em (2), *meu primo*, *dois* e *de história*, são classificados, assim, como acessórios. Por estarem determinando o sentido de dois nomes – *José* e *livros*, núcleos respectivamente do sujeito e do objeto direto –, são chamados “adjuntos adnominais”.

“Adjunto adnominal”, na verdade, não é um bom rótulo, na medida em que a preposição latina *ad*, que indica aproximação, quando usada no nome *adjunto*, já tem sentido de proximidade ou contiguidade. Assim, “adjunto adnominal” é um sintagma redundante, com a dupla ocorrência de *ad*; a expressão “adjunto nominal” seria mais adequada. Porém, na NGB, o que prevalece é a construção redundante citada e que, pelo uso generalizado no ensino de língua portuguesa e nos compêndios gramaticais, foi consagrada na referência a essa função sintática. Ainda de acordo com a NGB, há três tipos de termos acessórios: adjunto adnominal, adjunto adverbial e aposto.

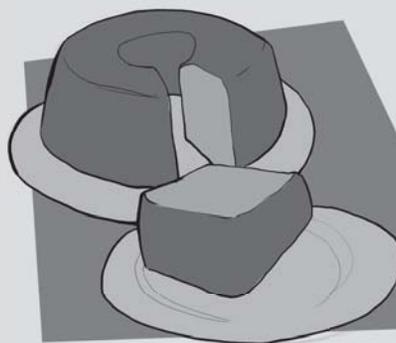
ATIVIDADES



Atendem ao Objetivo 1

1. As receitas culinárias compõem um tipo de gênero textual muito presente no cotidiano dos sujeitos sociais e possuem um forte apelo cultural. Elas nos dão instruções para preparar alimentos:

Bolo de fubá cremoso



Ingredientes:

- 4 ovos - 1 colher de sopa de fermento em pó
- 3 xícaras de leite - 1 xícara de fubá
- 3/4 xícara de farinha de trigo - 2 colheres de sopa de margarina
- 6 colheres de sopa de queijo ralado - 2 xícaras de açúcar

Modo de fazer:

Bater todos os ingredientes no liquidificador, colocando por último o queijo ralado. Colocar a massa em uma forma untada com margarina e enfarinhada. Assar em forno moderado até que enfiando um palito no bolo, este saia seco.

a) Os termos grifados no enunciado acima exercem um papel importante na construção do sentido do texto. Comente.

b) Esses termos desempenham que função sintática?

2. Cada brasileiro poderia ser um quadro de Portinari.

Nenhum artista pintou tanto um país quanto Portinari pintou o Brasil. Ele eternizou em tinta e tela a alma de um povo inteiro. Brancos, pretos, índios, mestiços, retirantes, artistas, trabalhadores, heróis e anônimos, estão todos lá, mostrando quem somos para o mundo e para nós mesmos. Neste ano em que se comemoram os 100 anos de nascimento do pintor, uma série de exposições e eventos vão lembrar sua vida e seu trabalho. E tentar realizar o maior sonho: que cada brasileiro veja sua obra. E nela se reconheça. (O Globo, 30 jul. 2003).

Os termos grifados são classificados sintaticamente como acessórios. Por quê?

3. Leia os primeiros versos da canção “Prova de carinho”, de João Rubinato, mais conhecido como Adoniran Barbosa, compositor, cantor, humorista e ator brasileiro:

Prova de carinho
(Adoniran Barbosa)

Com a corda mi
Do meu cavaquinho
Fiz uma aliança pra ela,
Prova de carinho.

Releia o 2º verso e diga qual a função sintática de “do meu cavaquinho”.

RESPOSTA COMENTADA

1.

a) Por tratar-se de um texto do gênero receita, que relata um tipo de procedimento a ser executado, é necessário que haja clareza e precisão nas informações. Na função determinativa, o adjunto

adnominal concorre para a precisão do sentido do núcleo substantivo a que se subordina.

b) Os termos destacados desempenham a função de adjunto adnominal.

*2. Os termos destacados – “a, um, inteiro”, “uma”, “sua, seu”, “sua” – são classificados como acessórios por estarem precisando o sentido das seguintes expressões – **alma, povo, série, vida e trabalho, obra** – núcleos respectivamente do objeto direto, sujeito, objetos diretos e objeto direto, são chamados “adjuntos adnominais”.*

3. “Do meu cavaquinho” exerce a função sintática de adjunto adnominal.

FORMAS DE EXPRESSÃO

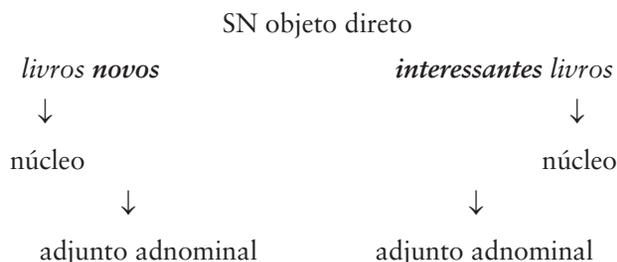
Definido como “o termo de valor adjetivo que serve para especificar ou delimitar o significado de um substantivo, qualquer que seja a função deste” (CUNHA; CINTRA, 1985, p. 145), o adjunto adnominal tem distintas formas de expressão em língua portuguesa. Vejamos as mais frequentes e comuns, de acordo com os mesmos autores:

a) Adjetivo: é muito comum o adjunto adnominal ser articulado com base em adjetivo, que atua como termo determinante, ou dependente, no SN em que se encontra; como elemento de qualificação do substantivo, o adjetivo subordina-se ao núcleo do SN, apontando uma marca ou característica do nome, como em:

(3) *José comprou livros **novos**.*

(4) *José comprou **interessantes** livros.*

Nas orações (3) e (4), os SNs *livros novos* e *interessantes livros*, que funcionam como objeto direto, são formados por adjunto adnominal expresso por adjetivo. Em (3), temos a ordem padrão, ou canônica, em que o adjetivo é usado no SN – após o núcleo, especificando-o; em (4), encontramos uma ordenação mais inusitada, com a antecipação do adjetivo ao substantivo. Assim, os complementos verbais aqui tratados organizam-se conforme a seguinte disposição, demonstrando a possibilidade de o adjunto ocorrer como pré (4) ou pós-determinante (3), de acordo com Bechara (1999):



b) Locução ou sintagma adjetivo: nesse tipo de expressão, o adjunto adnominal, sob a forma de um SPrep, subordina-se ao substantivo, equivalendo a um adjetivo, localizando-se após o núcleo nominal, em posição pós-determinante:

(5) *José comprou livros de história.*

(6) *José comprou livros sem qualquer gravura.*

Em (5) e (6), as orações são ampliadas pela adjunção dos SPreps destacados ao núcleo do objeto direto *livros*, em uma estratégia que concorre para a precisão do significado desse núcleo. Embora se trate da articulação de informações relevantes, do ponto de vista estritamente “estrutural”, pelo caráter acessório de que se revestem, esses adjuntos adnominais não participam da organização básica das referidas orações, que se resume na sequência *sujeito + verbo + complemento*.

c) Artigo: essa classe morfológica funciona de modo regular como adjunto adnominal, em posição pré-determinante, principalmente em sua versão “definida”, contribuindo para significação do substantivo que a sucede no SN:

(7) *José comprou uns livros.*

(8) *O José comprou livros.*

O adjunto adnominal *uns*, em (7), nos informa sobre a indefinição acerca dos objetos comprados: não importa ou interessa quantos e quais os livros adquiridos por José. Na oração (8), o adjunto adnominal participa do SN sujeito *o José*, num tipo de referência considerado forma de expressão mais coloquial ou íntima, pois um nome próprio, como *José*, já é tomado como termo definido, de certa, “dispensando” o artigo definido.

d) Pronome adjetivo: várias subclasses pronominais, em função adjetiva, acompanhadas por substantivo, podem atuar como adjunto adnominal:

(9) *José comprou esses livros.*

(10) *José comprou vários livros.*

Nas orações anteriores, atuam como adjunto adnominal do SN objeto direto o demonstrativo *esses*, em (9), e o indefinido *vários*, em (10), em sua posição comum pré-determinante. O valor adjetivo desses pronomes lhes é atribuído por conta de sua integração ao SN objeto direto, como determinantes do núcleo substantivo *livros*.

e) Numeral: como elemento que designa número, sua sequência ou parcela, o numeral é costumeiramente usado como adjunto adnominal, em posição pré-determinante, trazendo informes numéricos a respeito do substantivo que acompanha e a que está subordinado:

(11) *José comprou cinco livros.*

(12) *José leu metade do livro.*

Em (11) e (12), o numeral cardinal *cinco* e o fracionário *metade* atuam como adjunto adnominal do objeto direto, subordinados ao substantivo *livro(s)*.

É comum ainda a combinação de adjuntos adnominais de distinta classe morfológica na referência ao mesmo núcleo substantivo. Retomemos a oração (2):

(2) *Meu primo José comprou dois livros de história.*

O SN sujeito *meu primo José* é formado por dois adjuntos adnominais de categoria diversa – o pronome possessivo *meu* e o adjetivo **PRIMO**. O SN objeto direto, do mesmo modo, é constituído por adjuntos adnominais da classe dos numerais (*dois*) e do grupo das locuções adjetivas (*de história*).

Na combinação de adjuntos adnominais, pode ocorrer a coordenação desses termos, que se subordinam ao núcleo do SN por eles integrados:

(13) *Meu primo e amigo José comprou livros de história e de matemática.*

Em (13), podemos falar que ocorrem dois adjuntos adnominais “compostos”; um no SN sujeito, *primo e amigo*, e outro no SN objeto direto, *de história e de matemática*. Trata-se de um tipo de termo acessório formado por dois núcleos de valor adjetivo, que qualificam os nomes *José*, no sujeito, e *livros*, no predicado.

O nome **PRIMO**, em português, pode funcionar como substantivo, como em *Ele viu o primo* ou *O primo chegou*, e também como adjetivo, como em *Ele é primo da minha amiga* ou na oração (2) *Meu primo José comprou dois livros de história*, em que, devido à presença do nome próprio *José*, mais definido, opta-se por considerar este o núcleo do SN, enquanto *primo* se interpreta como adjunto adnominal.

ATIVIDADES



Atendem aos Objetivos 1 e 2

4. Observe os enunciados abaixo:

- a) "Seu interesse por futebol começou na infância."
 b) "O Cão dos Baskervilles" (título do livro do escritor britânico Arthur Conan Doyle, criador do detetive Sherlock Holmes)

Em qual dos enunciados o termo grifado exerce a função de adjunto adnominal? Por quê?

5. Os mitos, as lendas e os contos populares de um povo são um importante componente de seu patrimônio cultural. Leia o fragmento a seguir, extraído da parte inicial de um conto africano:

O rapaz e o crânio

Um rapaz foi fazer uma viagem e no caminho encontrou uma cabeça humana.

As pessoas costumavam passar por ela sem fazer caso, mas o rapaz não procedeu assim.

Aproximou-se, bateu-lhe com um pau e disse:

– Deves a morte à tua estupidez.

O crânio respondeu:

– A estupidez me matou, a tua esperteza também o matará.

O rapaz aterrorizou-se tanto que, em vez de prosseguir, voltou para casa.

(...)

(MOUTINHO, Viale (Org.). *Contos populares de Angola*: folclore quimbundo. São Paulo: Princípio, 1994, p. 25-6.)

O adjunto adnominal tem distintas formas de expressão em língua portuguesa. Exemplifique as ocorrências abaixo, utilizando os termos grifados no enunciado:

- a) Adjetivo:
 b) Artigo:
 c) Pronome adjetivo:

6. Leia os versos iniciais do poema que se segue e responda à questão proposta:

Confissão

Mãe,
 Cansei dessas bobagens:
 Casinhas, bonecas,
 Xou da Xuxa...

(...)

(BINHO. *Na ponta da Língua*. Belo Horizonte: Miguilim, 1995.)

a) Casinhas, bonecas, xou da Xuxa referem-se a um termo da oração, anteriormente expresso. Identifique-o.

b) O termo identificado na questão anterior possui dois elementos que são: o determinante e o determinado. Aponte-os.

RESPOSTA COMENTADA

4. A locução adjetiva “dos Baskervilles” é o adjunto adnominal, pois individualiza o substantivo “cão”, indicando que não se trata de um cachorro qualquer, mas de um animal em particular: o que pertence aos membros da família Baskerville. No entanto, em “Seu interesse por futebol começou na infância”, a exclusão de “por futebol” faz com que não exista mais lógica, o que sinaliza um complemento nominal.

5.

a) Humana;

b) Um, a, as, uma;

c) Tua.

6.

a) Referem-se ao sintagma nominal “dessas bobagens”.

b) O termo determinante “essas” e o determinado “bobagens” são adjunto adnominal e núcleo do sintagma nominal respectivamente.

PAPÉIS SEMÂNTICOS

De acordo com Luft (1987, p. 42-43), são dois os sentidos básicos articulados pelo adjunto adnominal em orações da língua portuguesa, conforme sua constituição morfológica:

a) Determinativo: papel cumprido basicamente pelos adjuntos adnominais formados por pronome adjetivo e numeral, como nas orações aqui revistas:

(9) José comprou *esses* livros.

(10) José comprou *vários* livros.

(11) José comprou *cinco* livros.

(12) José leu *metade* do livro.

Na função determinativa, o adjunto adnominal concorre para a precisão do sentido do núcleo substantivo a que se subordina. Assim, os pronomes, em (9) e (10), e os numerais, em (11) e (12), ajudam a recortar o significado do nome *livro(s)*, fornecendo informações sobre seu grau de determinação, (in)definição e aspectos quantitativos, respectivamente.

b) Restritivo/qualificativo: função cumprida pelo adjunto adnominal constituído por adjetivo e locução adjetiva, tal como:

(3) *José comprou livros novos.*

(4) *José comprou interessantes livros.*

(5) *José comprou livros de história.*

(6) *José comprou livros sem qualquer gravura.*

Nas orações de (3) a (6), os adjuntos adnominais destacados restringem e qualificam o nome *livros*, a que estão subordinados no SN objeto direto. Formados por adjetivo em (3) e (4) e por locução adjetiva em (5) e (6), esses adjuntos modificam de certa forma o sentido de *livros*, fornecendo-lhe atributos que, embora não essenciais e necessários à estruturação oracional, trazem informações relevantes para a precisão do sentido articulado

ATIVIDADES



Atendem aos Objetivos 1 e 2

7. Leia os versos iniciais da música do Skank antes de responder à questão proposta:

Pacato cidadão

(Samuel Rosa/Chico Amaral)

Pacato cidadão, te chamei a atenção
 Não foi à toa, não
 C'est fini la utopia, mas a guerra todo dia
 Dia a dia não
 (...)

Em “Pacato cidadão, te chamei a atenção”, o termo *te* poderia ser substituído por *a ti* (chamei a atenção a ti) ou por *tua* (chamei tua atenção)? Considere o sentido e determine a função sintática do pronome.

8. Considere as frases abaixo:

- a) Os retirantes arrastavam *uma pesada carga de utensílios*.
- b) *O primeiro bonde elétrico* amedrontou alguns pedestres.
- c) Fabiano foi maltratado *por um despótico soldado de farda amarela*.

Aponte os adjuntos adnominais destacando e classificando os sintagmas aos quais se referem.

RESPOSTA COMENTADA

7. Sim. O sentido do pronome "te" é de "tua atenção", com a função sintática de adjunto adnominal.

8. No primeiro enunciado, "Uma pesada carga de utensílios" é objeto direto; o núcleo desse objeto é o substantivo "carga". As palavras "uma", "pesada", e "de utensílios" são adjuntos adnominais de "carga".

No segundo enunciado, o sujeito é "O primeiro bonde elétrico"; o núcleo do sujeito é o substantivo "bonde". As palavras "o", "primeiro" e "elétrico" são adjuntos adnominais que modificam o substantivo "bonde".

No terceiro enunciado, "por um despótico soldado de farda amarela" é agente da passiva; o núcleo é "soldado"; "um", "despótico" e "de farda amarela" são adjuntos adnominais de "soldado".

CONCLUSÃO

Como vimos nesta aula, o adjunto adnominal configura-se como uma função sintática de caráter acessório na oração. Por intermédio do adjunto adnominal, é possível dar maior especificação de sentido a outras funções de base nominal, como o sujeito, os complementos verbais e nominais, o predicativo, entre outras. Na expressão morfológica do adjunto adnominal, podem atuar artigos, pronomes, numerais, adjetivos ou locuções adjetivas.

ATIVIDADES FINAIS

Atendem aos Objetivos 1 e 2

1. Leia o fragmento abaixo:

Do jeito que eu quero ser

Os sites que abrem portas para mundos virtuais em três dimensões, como o Second Life ou o do jogo Star Wars Galaxies, são um dos grandes sucessos atuais da internet. Não é para menos. Eles tornam corriqueira e divertida uma prática que a psicanálise há tempos detectou ser comum a todos os seres humanos – a de projetar uma imagem ideal de si mesmo através de outras pessoas. É o que se faz, por exemplo, quando se pensa em ganhar na loteria e levar uma vida igual à dos milionários que aparecem nas revistas. Na internet, essa projeção de si próprio se chama avatar e não existe apenas na mente de cada um. Ela se materializa nos personagens criados para participar dos mundos virtuais. (...)

(Veja Especial – Tecnologia, agosto, 2007, p. 18)

a) Qual a função sintática dos termos destacados no texto?

b) Como os referidos termos concorrem para a articulação do sentido do enunciado?

2. Leia o trecho de uma notícia sobre o Twitter.

Documentos confidenciais do Twitter vão parar na internet

Mais de 300 documentos confidenciais do Twitter caíram na rede depois de um ataque feito por hackers, na semana passada. Os dados incluem possíveis parcerias entre o Twitter e as empresas Microsoft e Dell, contas bancárias de funcionários e planos de negócios. (...)

(Folha de S.Paulo. 22 jul, 2009. Caderno Informática.)

a) Imagine que os termos *confidenciais* e *do Twitter* fossem omitidos do título. A construção sintática da oração seria afetada? Explique.

b) Qual seria a mudança de sentido?

3. Leia o enunciado abaixo:

Quando formados por expressão composta por preposição “de”, os sintagmas abaixo têm uma estrutura semelhante, mas se distinguem no sentido:

- Adjunto Adnominal (AA) = agente da ação
- Complemento Nominal (CN) = paciente da ação

Observe as orações abaixo e distinga os dois termos:

a) O invento *do avião* coube a Santos Dummont.

b) O invento *de Santos Dummont* o levou à celebridade.

4. O texto abaixo pertence a um romance do Consagrado Érico Veríssimo. Leia, neste trecho do primeiro capítulo, uma pequena descrição da personagem.

Toda gente tinha achado estranha a maneira como o Capitão Rodrigo Cambará entrara na vila de Santa Fé. Um dia chegou a cavalo, vindo ninguém sabia de onde, com o chapéu de barbicacho puxado para a nuca, a bela cabeça de macho altivamente erguida e aquele seu olhar de gavião que irritava ao

mesmo tempo fascinava as pessoas.

Apeou na frente da venda do Nicolau, amarrou o alazão no tronco dum cinamomo, entrou arrastando as esporas, batendo na coxa direita com o rebenque, e foi logo gritando, assim com ar de velho conhecido:

– Buenas e me espalho! Nos pequenos dou de prancha, nos grandes dou de talho.

(*Um certo Capitão Rodrigo*. São Paulo, Abril Cultural, 1981.)

Faça um levantamento das locuções adjetivas presentes no texto que exercem a função sintática de adjunto adnominal.

5. Leia o texto abaixo:

O penteado

Capitu deu-me as costas, voltando-se para o espelhinho. Peguei-lhe dos cabelos, colhi-os todos e entrei a alisá-los com o pente, desde a testa até a últimas pontas, que desciam à cintura. Em pé não dava jeito: não esqueceste que ela era um nadinha mais alta que eu, mas ainda que fosse da mesma altura. Pedi-lhe que se sentasse.

(...)

(Machado de Assis. *Dom Casmurro*. São Paulo, Edigraf, s.d.)

Os pronomes destacados no texto desempenham a mesma função sintática? Explique.

RESPOSTA COMENTADA

1.

a) Os termos destacados são adjuntos adnominais, integrantes dos SNs predicativo do sujeito.

b) Nesse enunciado, o narrador usa os adjuntos adnominais, artigo e adjetivos, para informar acerca dos sites e do “mundo virtual” que são caracterizados no texto.

2.

a) Não. “confidenciais” e “do Twitter” modificam o significado do núcleo do sujeito, mas sem eles a oração continuaria sintaticamente completa.

b) A palavra “documentos” ficaria com significado muito genérico, afetando a objetividade, a precisão e a clareza da notícia. Logo, o título provocaria menos impacto no leitor e despertaria menos interesse.

3. Em “a”, o termo destacado é complemento nominal, paciente da ação, pois [O avião foi inventado por Santos Dummont]. Em “b”, o sintagma grifado é adjunto adnominal, visto que é o agente da ideia [Santos Dummont foi a agente do invento].
4. As locuções adjetivas que exercem a função sintática de adjunto adnominal são: “de barbicacho”, “de macho”, “de gavião”, “dum cinamomo”, “de velho conhecido”.
5. Não exercem a mesma função sintática. No primeiro caso, o pronome é adjunto adnominal, pois tem valor possessivo, ou seja, pode ser substituído por um pronome possessivo: “Peguei os seus cabelos”. Já na segunda ocorrência, o termo destacado é objeto indireto, uma vez que completa o sentido de um verbo transitivo indireto.

RESUMO

O adjunto adnominal é o termo que caracteriza um substantivo sem a intermediação de um verbo. É uma função acessória da oração, sendo desempenhada por adjetivos, locuções adjetivas, artigos, pronomes e numerais. Em qualquer função sintática que desempenhe, o substantivo pode ser caracterizado por um ou mais adjuntos adnominais. É comum confundir-se o adjunto adnominal na forma de locução adjetiva com o complemento nominal. No entanto, somente os substantivos podem ser acompanhados de adjuntos adnominais, assim, o termo ligado por preposição a um adjetivo ou a um advérbio só pode ser complemento nominal.

Termos acessórios II: adjunto adverbial

Ivo da Costa do Rosário
Mariangela Rios de Oliveira

AULA

11

Metas da aula

Apresentar o conceito de adjunto adverbial e destacar sua função na frase.

objetivos

Esperamos que, ao final desta aula, você seja capaz de:

1. reconhecer o adjunto adverbial;
2. distinguir adjunto adverbial e complemento circunstancial;
3. identificar e classificar os adjuntos adverbiais.

INTRODUÇÃO

Na aula anterior, vimos o adjunto adnominal que é um termo que determina ou qualifica o substantivo, independentemente da função que este exerce na oração.

Nesta aula, vamos estudar outro termo acessório – o adjunto adverbial, que é usado na oração para fazer referência a uma série de circunstâncias, como lugar, tempo, intensidade, entre outras. Vamos lá!

DUAS FUNÇÕES – COMPLEMENTO E ADJUNTO ADVERBIAL

De acordo com a NGB e com a tradição gramatical, as circunstâncias adverbiais teriam somente papel acessório, atuando “junto” a outros constituintes, como um adendo informacional. A função adjuntiva é aquela, portanto, que concorre para delimitação ou maior definição de outro termo; é um papel secundário, que concorre para a maior determinação de sentido de outros papéis mais fundamentais, como os essenciais ou integrantes.

Com base nesse entendimento, apenas a função adjuntiva está prevista para esses termos. Contudo, um olhar mais atento nos permite observar outro tipo de relação sintática possível de ser cumprida pelos referidos termos.

Na sintaxe oracional do português, as circunstâncias adverbiais podem funcionar como constituintes complementares ou acessórios. Em outras palavras, podem ser fundamentais para a integralização de outros termos, sem os quais o sentido da oração ficaria comprometido, ou, numa outra função, podem somente acrescentar informações, de caráter adicional, com vistas ao maior esclarecimento ou precisão do significado. Daí, podemos nos referir, respectivamente, às funções de complemento e de adjunto adverbial, conforme ilustramos a seguir:

- (1) *A criança dorme no quarto.*
- (2) *A criança dorme um sono pesado no quarto.*
- (3) *A criança está no quarto.*

Nas orações (1) e (2), o SPrep *no quarto* atua como adjunto, uma vez que não participa da predicação verbal de forma direta, não se “integra” ao verbo *dormir* de modo necessário e fundamental. Trata-se, em ambas as orações, de um adendo, de sentido locativo, que concorre para precisar e esclarecer acerca do espaço onde se situa o sujeito *a criança*. Sem esse SPrep, ainda continuaria preservada a estrutura sintá-

tica e semântica de (1) e (2), uma vez que *A criança dorme*, ou, em uma outra versão com atribuição de objeto direto, *A criança dorme um sono pesado* são orações bem formadas e inteligíveis da língua portuguesa.

Já em (3), a situação é distinta, por conta da função complementar do SPrep *no quarto*, que integra a predicação de *estar*. A construção *A criança está* não constitui frase ou oração em português, devido à sua incompletude sintática (falta do complemento adverbial) e semântica (falta da referência de local). Portanto, a função do SPrep em (3) não se confunde com a das orações (1) e (2) na hierarquia oracional.

Nesta aula, observamos especificamente as circunstâncias adverbiais cumpridoras da função adjuntiva ou acessória, aquelas consideradas mais subsidiárias na escala hierárquica das funções sintáticas da oração.

ATIVIDADES



Atendem aos Objetivos 1 e 2

1. Os versos abaixo fazem parte de uma música do cantor e compositor Gilberto Gil:

Andar com Fé

Andá com fé eu vou
Que a fé não costuma faiá...(4x)
Que a fé tá na mulher
A fé tá na cobra coral

No texto, os termos grifados têm somente papel acessório ou funcionam como constituintes complementares da oração? Comente.

2. Leia o fragmento do poema “Vou-me embora pra Pasárgada”, de Manuel Bandeira.

Vou-me embora pra Pasárgada
Lá sou amigo do rei
Lá tenho a mulher que eu quero
Na cama que escolherei
Vou-me embora pra Pasárgada
Vou-me embora pra Pasárgada
Aqui não sou feliz
Lá a existência é uma aventura
De tal modo inconsequente
Que Joana a Louca de Espanha

Rainha e falsa demente
Vem a ser contraparente
Da nora que nunca tive
(...)

BANDEIRA, Manuel. *Libertinagem & Estrela da manhã*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000, p. 66.

a) A que espaço se refere o advérbio *lá* no segundo e no terceiro versos do poema?

b) A que espaço se refere o advérbio *aqui*?

c) É possível dizer que os dois advérbios atuam em função anafórica, ou seja, retomando elementos apresentados anteriormente pelo texto? Explique.

RESPOSTA COMENTADA

1. Em todos os casos, os termos destacados são complementos circunstanciais do verbo, pois integram a significação da forma verbal ao qual estão relacionados.

2.

a. A *Pasárgada*.

b. Ao local em que o eu lírico se encontra.

c. O advérbio *lá* tem função anafórica, pois faz referência a um elemento já citado no texto. No entanto, o *aqui* tem como referente um elemento situacional, externo ao texto, atuando, portanto, como dêitico.

A FUNÇÃO “ADJUNTO ADVERBIAL”

O adjunto adverbial, conforme Cunha e Cintra (1985, p. 147), se define como “o termo de valor adverbial que denota alguma circunstância do fato expresso pelo verbo, ou intensifica o sentido deste, de um adjetivo, ou de um advérbio”.

Para Luft (1987, p. 43), numa perspectiva mais ampla, o adjunto adverbial é o constituinte “que se anexa ao verbo, ao adjetivo ou ao advérbio, ou a toda uma oração ou período”.

Rocha Lima (1987, p. 227) apresenta maior precisão, ao declarar que o adjunto adverbial “modifica o verbo, exprimindo as particularidades que cercam ou precisam o fato por este indicado”.

Das três definições anteriores, podemos chegar a algumas generalizações. A primeira delas diz respeito ao caráter acessório do termo. Ao se referir a *alguma circunstância do fato expresso*, ao fato de que o termo *se anexa* ou *modifica o verbo*, os autores ratificam a função adjuntiva. Nas orações (1) e (2), o SPrep *no quarto* ilustra esse tipo de vinculação semântico-sintática mais “frouxa”, também observado nos exemplos a seguir:

- (4) *Comprei o livro naquela loja.*
- (5) *Comprei o livro na noite de ontem.*
- (6) *Comprei o livro às pressas.*
- (7) *Comprei o livro com cartão de crédito.*
- (8) *Comprei o livro para a prova.*

As orações de (4) a (8) têm como estrutura fundamental o SV *Comprei o livro*, integrado pelo verbo transitivo direto e seu complemento. A partir dessa estrutura, são “anexadas” informações que dão conta das circunstâncias em que foi feita a compra. Tais circunstâncias modificam o predicado verbal, acrescentando-lhe informações acerca do local, em (4); do tempo, em (5); do modo, em (6); do instrumento, em (7); bem como da finalidade, em (8), em que ocorreu a ação.

Outra generalização possível com base nas definições dos autores é a relação maior entre o adjunto adverbial e o verbo, presente nas três declarações, demonstrando que a tendência maior do português é de que a circunstância referida incida sobre o verbo, como podemos verificar nas orações (1) e (2) e de (4) a (8). Contudo, esporadicamente, a referência adverbial pode recair sobre outros constituintes:

- (9) *Esse livro é muito bom!*
- (10) *O trabalho está bem feito.*
- (11) *Ele viu você aqui de manhã.*
- (12) *Escrevi a mensagem rapidamente com lapiseira.*

Em (9) e (10), os adjuntos adverbiais *muito* e *bem* incidem sobre os adjetivos *bom* e *feito*, que atuam, respectivamente, como predicativo do sujeito. Já as orações (11) e (12) ilustram um tipo de relação em que se justapõem dois adjuntos adverbiais, de modo que a referência do segundo recai sobre o primeiro; assim, em (11), *de manhã* modifica *aqui*, outro adjunto adverbial, enquanto em (12), *com lapiseira* se anexa ao adjunto adverbial *rapidamente*.

De acordo com a definição de Luft citada anteriormente, a referência do adjunto adverbial pode recair em domínios mais amplos, atingindo toda a oração. A circunstância de modo é a mais recorrente nessa função:

(13) *Realmente, esse livro é bom!*

(14) *Certamente, ele viu você.*

(15) *O trabalho está feito, evidentemente.*

Em geral, ao incidir sobre a oração como um todo, o adjunto adverbial ocupa posição inicial, como em (13) e (14), separado ou destacado por pausa, que, na modalidade escrita, é indicada por vírgula. Nessa referência maior do adjunto adverbial, menos frequente é a posição no fim da oração, como ilustrada em (15).

Nos três exemplos, o que temos é um tipo de adjunto “oracional”, uma vez que a circunstância de modo incide sobre toda a oração. De certa forma, essa função maior não é considerada estritamente “gramatical”, no sentido de que não participa da sintaxe da oração. Trata-se de um tipo de uso “discursivo” ou “textual”, já que atua na atribuição de valor, de modalidade, por parte do emissor, ao conteúdo declarado.

Nessa perspectiva, tomando-se as orações (13), (14) e (15), podemos dizer que *realmente*, *certamente* e *evidentemente* não participam, de fato, da estrutura oracional, mas expressam a avaliação do emissor ao que declara, conferindo valor de verdade ou certeza a seu comentário. O uso desses “adjuntos” torna as declarações mais evidentes, como uma estratégia de natureza argumentativa.

Em síntese, a partir das definições aqui trazidas, assumimos, como Bechara (1999, p. 439), a concepção de que “o adjunto adverbial constitui uma classe muito heterogênea – à semelhança do advérbio que normalmente desempenha o papel de seu núcleo – não só do ponto de vista formal como ainda do ponto de vista de valor semântico”.

ATIVIDADES



Atendem aos Objetivos 1 e 2

3. Quanto às orações abaixo, é correto afirmar que os termos grifados são adjuntos adverbiais? Comente.

- a) Ele chegou *de trem*.
b) Ele precisa *de amor*.

4. Berthold Brecht foi um destacado dramaturgo, poeta e encenador alemão do século XX. Seus trabalhos artísticos e teóricos influenciaram profundamente o teatro contemporâneo. Leia os versos iniciais do poema de Brecht, apresentados a seguir, e responda a questão que se segue:

O analfabeto político

O pior analfabeto
É o analfabeto político,
Ele não ouve, não fala,
nem participa dos acontecimentos políticos.
Ele não sabe que o custo de vida,
o preço do feijão, do peixe, da farinha,
do aluguel, do sapato e do remédio
dependem das decisões políticas.
(...)
(Berthold Brecht)

O emprego do sintagma adverbial de negação está de acordo com a tradição gramatical? Comente.

RESPOSTA COMENTADA

3. Os termos em destaque – *de trem* e *de amor* – não se confundem em construções sintáticas, pois, na primeira, o verbo “chegar” é intransitivo, e “*de trem*” é adjunto adverbial. Na segunda frase, “precisa” é verbo transitivo indireto, e “*de amor*” é seu complemento, um objeto indireto.

4. O emprego do adjunto adverbial de negação está de acordo com a tradição gramatical, antecedendo os verbos a serem negados. No terceiro verso, temos a repetição da negação, com “não ouve” e “não fala”, seguida do adjunto negativo “nem participa” (no 4º verso), como uma forma de retomada, sem o uso da mera repetição, já que

“nem” equivale a “e não”. No 5º verso, o uso do adjunto adverbial negativo no primeiro verso “Ele não sabe que...” acaba por negar todas as declarações subsequentes (não sabe o custo de vida, o preço do feijão, do peixe, da farinha, etc.).

EXPRESSÃO E ORDENAÇÃO

No período simples, ou oração absoluta, o adjunto adverbial pode ser expresso por um só advérbio ou ainda por locução ou sintagma de valor adverbial, como em:

(16) *Comprei o livro ali.*

(4) *Comprei o livro naquela loja.*

(17) *Comprei o livro ontem.*

(5) *Comprei o livro na noite de ontem.*

Nos pares de oração referidos, em (16) e (17), encontramos adjuntos adverbiais constituídos por um só advérbio, enquanto em (4) e (5) essa função é cumprida por SPrep. Em termos de frequência, podemos declarar que a expressão por SPrep é mais usual ou comum.

Embora os compêndios gramaticais informem acerca da relativa liberdade de ordenação do adjunto adverbial, há certa tendência de esse constituinte se colocar após o verbo e seu(s) complemento(s), na parte final da oração, como ocorre com os pares oracionais aqui tratados. Essa é uma ordenação coerente com a função acessória cumprida pelo adjunto adnominal, uma vez que, como termo hierarquicamente inferior, costuma se situar também no lugar de menor “visibilidade” da oração, ou seja, na parte final, de acordo com a sequência dos pares oracionais comentados, que se traduzem na seguinte escala:

sujeito + predicado (verbo + complemento verbal + adjunto adverbial)

Em algumas ocasiões, às vezes, devido à natureza do próprio advérbio ou SPrep, o adjunto adverbial situa-se antes do verbo:

(18) *Talvez eu compre o livro.*

(19) *No mês passado comprei o livro.*

As orações (18) e (19) ilustram anteposições “motivadas” do adjunto adverbial. Na primeira, em conformidade com a tendência da sintaxe portuguesa, a circunstância de dúvida ocupa posição inicial, de certa forma anunciando que se trata de uma probabilidade, de um provável ato. Na segunda oração, o SPrep *no mês passado* destaca a informação temporal, que se enfatiza pela anteposição não só em relação ao verbo como pela localização no primeiro segmento da oração.

Uma outra motivação, de caráter discursivo, para a posição inicial do adjunto adverbial encontra-se nos comentários sobre as orações (13), (14) e (15), em que a circunstância modalizadora incide sobre toda a oração.

Um tipo de procedimento que destaca o adjunto adverbial é sua intercalação a outros termos oracionais, em geral, acompanhada por pausa. Trata-se de estratégia que põe em relevo a circunstância, conferindo-lhe a ênfase que, em seu local costumeiro, ao final da oração, esse termo não teria. Comparemos as orações seguintes:

- (6) *Comprei o livro às pressas.*
- (20) *Comprei, às pressas, o livro.*
- (7) *Comprei o livro com cartão de crédito.*
- (21) *Comprei, com cartão de crédito, o livro.*

Em princípio, temos dois pares oracionais equivalentes, cuja única distinção reside na troca de posição do adjunto adverbial no interior da oração – da posição final para a intercalada. Na leitura mais atenta, porém, observamos que essa alteração de ordem implica outro tipo de alteração: a semântica. O deslocamento do adjunto adverbial, intercalado ao SV e margeado por pausa, confere à circunstância de modo, em (20), e à de instrumento, em (21), sensível destaque em relação aos usos mais regulares, como os encontrados em (6) e (7).

ATIVIDADE



Atende aos Objetivos 1, 2 e 3

5. Leia atentamente o texto publicitário abaixo para responder às questões:



AGORA É AQUI!

Agora você pode ter, aqui em Nossa Rede Hospitalar, as maiores condições de fazer seus exames para um diagnóstico rápido e seguro na prevenção do câncer de mama. Não deixe para amanhã. Venha agora nos procurar aqui em Nossa Rede Hospitalar.

a) Considerando as reflexões a respeito dos referentes dos termos *agora* e *aqui* no título, explique a que se referem esses advérbios no enunciado principal.

b) De que maneira o emprego desses advérbios contribui para a construção do sentido no enunciado principal?

RESPOSTA COMENTADA

5.

a) "Agora" refere-se ao tempo presente, ao momento em que o anúncio está sendo lido. "Aqui" refere-se ao hospital "Nossa Rede Hospitalar".

b) "Agora é aqui" é uma frase que sugere agilidade, solução imediata, requisitos fundamentais para quem busca o tratamento do câncer. O paciente não terá que esperar e nem deslocar-se para fazer um bom tratamento.

CLASSIFICAÇÃO

São muito variados os sentidos, ou circunstâncias, expressos pelo adjunto adverbial. De acordo com Cunha e Cintra (1985, p. 147), “muitas vezes, só em face do texto se pode propor uma classificação exata”. Kury (1986, p. 56) chega a declarar, diante dessa complexidade semântica, que, em termos de classificação dos sentidos expressos pelo adjunto adnominal, “deve o professor aceitar todas as que revelem no aluno compreensão inteligente”.

De todo modo, há algum consenso sobre determinados tipos de circunstância. A seguir apresentamos dez dos mais recorrentes:

a) Lugar: um dos sentidos mais comumente expressos pelo adjunto adverbial, podendo expressar um lugar físico, concreto, ou ainda um lugar mais abstrato, virtual:

(4) *Comprei o livro naquela loja.*

(16) *Comprei o livro ali.*

(22) *Comprei o livro no meu sonho.*

Os constituintes destacados em (4), (16) e (22) classificam-se como adjuntos adverbiais de lugar, mas esse espaço é um pouco distinto, se comparadas as referidas orações. Em (4) e (16), *naquela loja* e *ali* representam lugares efetivos, demarcados, com dimensões definidas; já *no meu sonho*, em (22), faz referência a um espaço meio etéreo, mais abstrato, de contornos pouco precisos.

Do ponto de vista formal, observamos que os adjuntos adverbiais de lugar podem ser expressos por advérbio, como *ali*, ou SPrep, como *naquela loja* e *no meu sonho*.

Em algumas propostas mais complexas de classificação da referência locativa, os autores (BECHARA, 1999; CUNHA e CINTRA, 1985; ROCHA LIMA, 1987) chegam a distinguir sentidos como: *lugar aonde*, *lugar onde*, *lugar donde*, *lugar para onde*, *lugar por onde*, entre outros. Ocorre que, além de tornar a classificação mais complexa e refinada, abrindo muitas subcategorias, a maioria desses “lugares” funciona como efetivo complemento adverbial, integrando o sentido de verbo transitivo, numa função distinta da acessória, como comentado na parte inicial desta aula.

Nas produções textuais, os adjuntos adverbiais de lugar concorrem para situar do que ou de quem se está tratando, conferindo o enquadramento espacial necessário à expressão linguística. Muitas histórias infan-

tis, lendas e contos, entre outras produções, por exemplo, começam por sintagmas que atuam como adjuntos adverbiais, como *num reino muito distante, num castelo encantado, na densa floresta*, e assim por diante.

b) Tempo: como o lugar, o tempo é uma das referências mais recorrentes do adjunto adverbial; pode ser imediato, relativo ao momento atual, ou então se reportar ao passado ou ao futuro, mais ou menos remotos;

(5) *Comprei o livro na noite de ontem.*

(23) *Vou comprar o livro na próxima semana.*

(24) *Estou comprando o livro agora.*

(25) *Sempre compro livros.*

Nas orações anteriores, encontramos o adjunto adverbial de tempo em referência a quatro distintas dimensões. Em (5), o momento é passado; em (23), o sentido é futuro; em (24), a referência é o presente, e em (25) o sentido é de um tempo constante, habitual.

Como o sentido temporal tem sua origem no sentido espacial, certos usos adverbiais partilham referência de tempo e de espaço, num tipo de circunstanciação híbrida, conforme identifica Bechara (1999, p. 440). Trata-se de usos como os destacados a seguir:

(26) *Comprei o livro no lançamento.*

(27) *Escrevi a mensagem na reunião.*

Segundo o autor, os adjuntos adverbiais *no lançamento* e *na reunião* podem ser interpretados como portadores de sentido espacial (*no local* “stand” do lançamento; *no contexto/ambiente da reunião*) ou de sentido temporal (*na ocasião/momento do lançamento; na hora/momento da reunião*). Não se trata, aqui, de tentar encontrar um sentido mais adequado ou “certo” para tais adjuntos; antes, deve-se promover a reflexão acerca de tais usos, na demonstração de que as duas alternativas de interpretação são coerentes e plausíveis, em conformidade com a lição de Kury (1986), referida no início desta seção. Para a comunidade linguística, não há problema ou equívoco em relação ao que se expressa; para o analista ou o professor, exemplos como (26) e (27) devem constituir ricos contextos para a análise dos usos linguísticos.

Em termos textuais, tal como referido em relação aos locativos, os adjuntos adverbiais de tempo atuam na contextualização de uma série de cenas, como na abertura de histórias. Expressões do tipo *era uma vez*, *há muito tempo*, *numa certa manhã*, entre outras, são exemplos dessa estratégia.

c) Intensidade: esse tipo de advérbio confere maior ou menor ênfase ao termo sobre o qual incide:

(9) *Esse livro é **muito** bom!*

(28) *Esse livro parece **pouco** recomendável.*

Nas orações (9) e (28), os predicativos *bom* e *recomendável* são, respectivamente, mais e menos intensificados pelos adjuntos *muito* e *pouco*.

A frequência no uso dos adjuntos adverbiais de intensidade depende basicamente dos propósitos textuais. Assim, textos mais “neutros” ou isentos devem evitar esse recurso, enquanto declarações de maior nível de adesão ou comprometimento costumam lançar mão de tal estratégia linguística. Ao contrário da referência de lugar e de tempo, a de intensidade é tida como mais subjetiva e pessoal, do âmbito do emissor.

d) Finalidade: noção semântica articulada pelo adjunto adverbial em que se destacam propósitos ou fins:

(8) *Comprei o livro **para a prova**.*

(29) *Comprei o livro **por interesse profissional**.*

Conforme observamos nas duas orações anteriores, *para a prova* e *por interesse profissional* constituem as justificativas para a ação de *comprar* (o livro). Em geral, o adjunto adverbial de finalidade se expressa por intermédio de um SPrep em torno da preposição *para*, a forma regular e padrão de articulação de finalidade em língua portuguesa.

Por vezes, confundem-se as noções de finalidade e de causa, principalmente com SPrep iniciado pela preposição *por*, como em (29) e em (30), que apresentamos a seguir.

e) Causa: nesse uso, o adjunto adverbial faz referência a motivos e justificativas:

(30) *Comprei o livro **por causa da prova**.*

(31) *Comprei o livro **em virtude do pagamento antecipado**.*

Do mesmo modo que tratamos a falta de limites precisos entre algumas ocorrências da circunstância locativa e da temporal, aqui também faltam critérios mais precisos para classificar, por exemplo, os adjuntos adverbiais das orações (29) e (30) como final ou causal.

f) Instrumento: trata-se da circunstância que informa sobre o meio usado na ação verbal:

(7) *Comprei o livro com cartão de crédito.*

(32) *Comprei o livro pela internet.*

Os adjuntos adverbiais destacados em (7) e (32) precisam a forma usada para a compra do livro – *com cartão de crédito* e *pela internet*. Em geral, quando esse tipo de adjunto ocorre, o emissor tem algum interesse ou necessidade de fazer referência ao meio usado, ou seja, esse recurso gramatical é motivado por fatores de ordem discursiva, relativos aos propósitos comunicativos dos usuários.

g) Dúvida: com esse tipo de referência, o adjunto adverbial, em geral situado no início da oração, deixa em aberto o comentário subsequente:

(18) *Talvez eu compre o livro.*

(33) *Acaso você compraria esse livro?*

Por conta de exigências de coesão e de coerência textuais, o uso do adjunto adverbial de dúvida motiva a expressão hipotética verbal, conferindo a toda a oração o sentido de dúvida. Assim, em (18), *talvez* se articula com o presente do subjuntivo *compre*, e, em (33), *acaso* guarda correspondência com o futuro do pretérito *compraria*.

h) Modo: o adjunto adverbial de modo participa da predicação verbal, ao informar a maneira pela qual se cumpre a ação verbal:

(6) *Comprei o livro às pressas.*

(34) *Comprei de propósito o livro.*

(35) *Vantajosamente comprei o livro.*

As orações (34) e (35) ilustram a ordenação mais típica do adjunto adverbial de modo – ao lado do verbo, compondo com este um todo de sentido e de forma. O adjunto *vantajosamente* exemplifica o recurso regular de expressão dessa função sintática, com a flexão nominal (no caso, o adjetivo *vantajosa*) e a adjunção do sufixo *mente*.

i) Companhia: trata-se de um adendo referente a quem acompanha, em geral, o sujeito na ação verbal:

(36) *Comprei o livro com o atendente mais jovem.*

(37) *Comprei, sem você, o livro.*

O adjunto adverbial de companhia é articulado basicamente por um SPrep em torno da preposição *com*, ou, mais raramente, da preposição *sem*, de acordo com o que podemos observar nos sintagmas destacados em (36) e (37). Em relação ao SPrep iniciado por *com* e sua funcionalidade, há um contexto, em língua portuguesa, que deve ser considerado, como ilustramos a seguir:

(38) *Eu, com você, comprei o livro.*

(39) *Eu com você compramos o livro.*

Na oração (38), *com você*, entre vírgulas, funciona como adjunto adverbial de companhia, referente ao sujeito *eu*, com o qual concorda a forma verbal *comprei*. Já em (39), o sintagma *com você*, sem qualquer marcação de pausa ou vírgula, é parte integrante do sujeito composto *eu com você*, com cujos núcleos concorda o verbo *compramos*. Portanto, em (38), o sujeito é somente a primeira pessoa – *eu*, enquanto em (39) temos o sujeito composto *eu com você*. Trata-se, assim, de duas distintas configurações oracionais e de dois sentidos diversos articulados.

j) Negação: como o nome indica, é a expressão negativa do adjunto adverbial, cumprida por somente uma forma – a partícula *não*, costumeiramente em posição pré-verbal:

(40) *Não comprei o livro.*

(41) *Não comprei o livro não.*

(42) *Comprei o livro não.*

De acordo com a tradição gramatical, a negação em português se processa como em (40), com a anteposição de *não* ao verbo. Porém, no uso mais informal, a comunidade linguística costuma reiterar a expressão negativa, como em (41), repetindo, após o verbo, o advérbio *não*. Há ainda uma terceira variante (42), usada em algumas regiões brasileiras basicamente na modalidade falada, em que o termo negativo é usado somente uma vez, em posição pós-verbal.

Para alguns estudiosos, a negação deveria ser retirada da lista dos tipos de adjunto adverbial, uma vez que se trata de um tipo de referência cumprida por somente um item – a partícula *não*. Na argumentação desses investigadores, abrir uma categoria para apenas um item seria como usar uma gaveta para pôr somente uma peça de roupa, ou seja, seria sobrecarregar e ocupar a classificação com um só constituinte. Ademais, a negação não representaria efetivamente um tipo de circunstância, como todas as demais, não podendo ter, portanto, *status* de adjunto adverbial. De acordo com esse entendimento, a partícula *não* deveria ser analisada e tratada num outro nível de análise linguística, mais amplo, no âmbito da frase ou oração.

ATIVIDADES



Atendem aos Objetivos 1, 2 e 3

6. Dê a função sintática dos termos em destaque:

“Só um inexperiente faz uma declaração explícita, formal. Uma mulher, convence-se de que é amada muito melhor pelo que adivinha do que pelo que se lhe diz.”

7. Leia um trecho da música “Cálice” de Chico Buarque:

Cálice

Chico Buarque

(...)

Como beber dessa bebida amarga

Tragar a dor e engolir a labuta?

Mesmo calada a boca resta o peito

Silêncio na cidade não se escuta

De que me vale ser filho da santa?

Melhor seria ser filho da outra

Outra realidade menos morta

Tanta mentira, tanta força bruta

(...)

Observe o termo grifado e diga como podemos classificá-lo nesse contexto. Comente.

8. Nos trechos:

“Marciano subiu ao forro da igreja e acabou com elas **a pau**.”

“Não posso ver o mostrador assim **às escuras**.”

Como as expressões destacadas podem ser classificadas sintaticamente?

RESPOSTA COMENTADA

6. Ambos são adjuntos adverbiais de causa.

7. No texto, o advérbio “como” é interrogativo e tem valor de modo. Ele tem uma função argumentativa, pois introduz um questionamento que procura levar os leitores a uma reflexão política.

8. As expressões são, respectivamente, adjunto adverbial de instrumento e de modo.

CONCLUSÃO

Nesta aula, estudamos a função sintática acessória denominada “adjunto adverbial”. Vimos que seu uso está vinculado à expressão de uma série de circunstâncias, como lugar, tempo, modo, intensidade, negação, dúvida, entre outras. Observamos ainda que nem sempre a expressão adverbial tem função acessória, já que, junto a alguns verbos, esta expressão atua como termo complementar, destacando seu papel fundamental para o sentido verbal.

ATIVIDADES FINAIS

Atendem aos Objetivos 1, 2 e 3

1. Leia o fragmento de texto abaixo para responder à questão proposta:

Meia

– Você acha que estou meia gordinha?

– Não é meia, é meio.

– Como é que é?

– Não é meia gordinha que se diz. É meio gordinha.

– Meio gordinha? Imagina. Meio gordinha... Não acredito.

– Se você fosse meia gordinha, significaria que você é só meia, só metade, entende?, só metade gordinha. A outra metade, magrinha.

– Qual parte? A de cima ou a de baixo?

(PRATA, Mário. *Diário de um magro*. 14.ed. São Paulo: Globo, 2005 p. 20-21

– fragmento)

a) Na expressão “meia gordinha”, qual seria, em termos tradicionais, a função da palavra *meia*?

b) Se ela usasse a palavra *meio*, como sugerido pela outra personagem, qual seria a função sintática do termo?

2. Noel Rosa foi sambista, cantor, compositor, bandolinista, violonista brasileiro e um dos maiores e mais importantes artistas da música no Brasil. Os versos a seguir são de uma famosa música de sua autoria:

Conversa de botequim

Seu garçom, faça o favor de me trazer depressa
Uma boa média que não seja requentada,
Um pão bem quente com manteiga à beça,
Um guardanapo e um copo d’água bem gelada.
Feche a porta da direita com muito cuidado
Que eu não estou disposto a ficar exposto ao sol.
(...)

Considerando os versos apresentados, aponte exemplos, extraídos do texto, em que:

a) O advérbio modifica o verbo:

b) O advérbio modifica o adjetivo:

c) Aparece uma locução adverbial de intensidade:

d) Aparece uma locução adverbial de modo no superlativo analítico:

RESPOSTA COMENTADA

1.

a) A palavra “meia” teria a função de adjetivo.

b) A função sintática da palavra “meio” seria adjunto adverbial de modo.

2.

a) trazer depressa; não seja.

c) à beça.

b) bem quente.

d) com muito cuidado.

RESUMO

O adjunto adverbial é o termo da oração que indica uma circunstância do verbo ou intensifica o sentido de um adjetivo, de um verbo ou de outro advérbio. Trata-se de uma função que equivale a um advérbio. Por sua atuação periférica, o adjunto adverbial pode estar em diversos pontos da oração, iniciando, intermediando ou finalizando a frase. Os adjuntos adverbiais podem ser agrupados de acordo com a circunstância que expressam: lugar, tempo, modo, negação, intensidade etc.

Agente da passiva

Ivo da Costa do Rosário
Mariangela Rios de Oliveira

AULA

12

Metas da aula

Apresentar o conceito de agente da passiva e destacar sua função na frase.

objetivos

Esperamos que, ao final desta aula, você seja capaz de:

1. reconhecer o agente da passiva;
2. distinguir as vozes verbais.

INTRODUÇÃO

Na aula anterior, vimos o termo acessório usado na oração para fazer referência a uma série de circunstâncias, como lugar, tempo, intensidade, entre outras. Iniciamos pela questão, nem sempre muito clara e consensual, dos limites entre a função complementar e a acessória do termo adverbial. A partir da definição de adjunto adverbial, seus modos de expressão e tendências de ordenação na estrutura oracional, apresentamos os tipos mais comuns de circunstância expressos por essa função sintática.

Nesta aula, vamos estudar outra função sintática oracional: o agente da passiva. Trata-se do termo da oração que complementa o sentido de um verbo na voz passiva, indicando o *ser que praticou a ação verbal*. O emprego da voz passiva permite destacar a relação entre o processo e quem o sofre (o sujeito paciente da ação verbal). Para estudar o agente da passiva, vamos também abordar as vozes verbais, distribuídas em três tipos distintos: ativa, passiva e reflexiva.

O AGENTE DA PASSIVA

Além da flexão de modo, tempo, pessoa e número, o verbo possui flexão de voz. Essa flexão indica a relação que ocorre entre o sujeito de um verbo e o processo que esse mesmo verbo expressa. Observe a oração seguinte:

(1) *A Presidente aprovou a reforma ministerial.*

O sujeito dessa oração é *a presidente*; *a reforma ministerial* é objeto direto da forma verbal *aprovou*. *A presidente* é também o agente do processo verbal, ou seja, é o termo que indica quem executa o processo expresso pelo verbo; *a reforma ministerial* é o paciente desse mesmo processo verbal, pois é o termo que indica aquilo ou aquele que sofre a ação expressa pelo verbo.

Na oração que estamos analisando, o sujeito é também o agente do processo verbal. Isso ocorre porque o verbo está na voz ativa. Se for alterada a voz do verbo da oração inicial, surgirá a oração:

(2) *A reforma ministerial foi aprovada pela presidente.*

O sujeito dessa oração é *A reforma ministerial*. Esse sujeito é o paciente do processo verbal. A locução *foi aprovada* é, portanto, uma forma passiva do verbo aprovar. *Pela presidente* é o termo que exprime quem pratica a ação nessa construção na voz passiva. Esse termo é

chamado, por isso, agente da passiva. A característica fundamental do agente da passiva é, pois, o fato de somente existir se a oração estiver na voz passiva. Em geral, na língua portuguesa, um verbo apresenta sujeito paciente quando está na voz passiva.

Há três vozes verbais na nossa língua: a *voz ativa*, na qual a ênfase recai na ação verbal praticada pelo sujeito; a *voz passiva*, cuja ênfase é a ação verbal sofrida pelo sujeito; e a *voz reflexiva*, em que a ação verbal é praticada e sofrida pelo sujeito. Nota-se, com isso, que o papel do sujeito em relação à ação verbal está em evidência.

Na voz ativa, o sujeito exerce a função de agente da ação e o agente da passiva não existe. Para completar o sentido do verbo na voz ativa, este verbo conta com outro elemento – o objeto (direto ou indireto). Na voz passiva, o sujeito exerce a função de *receptor* de uma ação praticada pelo *agente da passiva*. Por consequência, é este mesmo agente da passiva que complementa o sentido do verbo neste tipo de oração, substituindo o objeto (direto ou indireto).

Sob a ótica da morfossintaxe, pode-se dizer que o agente da passiva é mais uma função substantiva da oração: na oração que analisamos, seu núcleo é o substantivo *presidente*.

Também podem atuar como agentes da passiva pronomes e numerais substantivos, além de outras palavras substantivadas.

Observe os agentes da passiva destacados nas orações seguintes:

- (3) *Aqueles livros foram indicados por mim.*
- (4) *O livro é composto de dizeres populares.*
- (5) *Fomos enganados por ambos.*

ATIVIDADE



Atende ao Objetivo 1

1. Leia com atenção o fragmento a seguir para responder às questões propostas:

Fui abandonado por Flora (e que a humildade dessa voz passiva pulverize os que sempre me pintaram como bastião do porco-chauvinismo, embora isso importe muito pouco agora) no meio de uma mononucleose.

(RODRIGUES, Sérgio. O homem que matou o escritor. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000. p.13.)

a) Explique por que o narrador se refere à “humildade dessa voz passiva” como comprovação para o fato de não poder ser considerado “chauvinista”.

b) Qual é a função sintática desempenhada, nessa frase, pela expressão “por Flora”?

RESPOSTA COMENTADA

1.

a) O narrador refere-se à “humildade dessa voz passiva” porque, uma vez que o sujeito sofre a ação verbal nessa estrutura sintática, ele está em posição inferior em relação a Flora.

b) A função desempenhada é agente da passiva.

VOZES VERBAIS

O estudo do agente da passiva nos leva a falar nas vozes verbais. Uma vez que já estudamos os termos integrantes da oração, é mais fácil ampliar os conhecimentos acerca das vozes verbais do português.

Voz ativa

De acordo com Bechara (1999, p. 222), na voz ativa, o verbo “se apresenta para normalmente indicar que a pessoa a que se refere a ação é o *agente* da ação”. Poderíamos ainda acrescentar à definição do autor que, via de regra, nesse tipo de voz, ao sujeito agente corresponde um verbo de ação ou processo que atinge um objeto, chamado de *paciente*, sobre o qual recai a ação verbal, como em:

(6) *O aluno já fez todo o trabalho.*

(7) *Mandei um e-mail para o aniversariante.*

(8) *Aquela mulher comprou um novo aparelho de DVD.*

Nesses exemplos, temos respectivamente um sujeito (*o aluno, eu e aquela mulher*), localizado na parte inicial da oração, que pratica uma ação (*fez, mandei e comprou*) que recai sobre um objeto, o qual é modificado pela ação desse sujeito. Em (6), o objeto é construído (*todo o trabalho*); em (7), é construído e deslocado (*um e-mail*), e em (8) é transferido de posse e de lugar (*um novo aparelho de DVD*).

As orações (6), (7) e (8), como demonstramos, estão na voz “ativa”. Essa classificação leva em conta tendências gerais desse tipo de voz verbal, como: a) o traço “agentividade” do sujeito, que o caracteriza como praticante da ação verbal; b) o tipo semântico do verbo, de ação ou processo; c) a “afetação” do objeto, que é modificado pela ação do sujeito.

Trata-se do tipo mais comum e regular de voz verbal da língua portuguesa. A esse propósito, Azeredo (2000, p. 174), declara que “a voz ativa corresponde à **FORMA NÃO MARCADA** desse subsistema”.

Há, contudo, no conjunto das orações de voz ativa, uma série de exemplos que se distanciam, em maior ou menor grau, do modelo padrão dessa categoria. Vejamos, a seguir, alguns desses casos:

(9) *O carro fez a curva em alta velocidade.*

(10) *Marta ganhou uma bicicleta no Natal.*

(11) *Peguei um resfriado muito forte.*

As orações de (9) a (11), embora identificadas como de voz ativa, são desprovidas de alguns traços básicos deste tipo de voz. Isso porque, em (9), o sujeito sintático *o carro* não “pratica ação”. Na verdade, alguém é que dirige o carro e esse alguém é que efetivamente faz a curva “com” o carro; assim, a agentividade de *o carro* é discutível e problemática para a inclusão de (9) no conjunto das orações de voz ativa. Por outro lado, na mesma oração, o verbo *fazer* não se apresenta como um verbo de efetiva ação, uma vez que o SV *fazer a curva* constitui um todo indicativo de processo, ao contrário, por exemplo, de *fazer o trabalho*, como em (6), em que o resultado da ação de *fazer* é um produto acabado (*o trabalho*).

Numa categoria, classe ou sistema, **FORMAS NÃO MARCADAS** são as mais frequentes e mais simples do ponto de vista estrutural e do ponto de vista cognitivo, no sentido de que são mais acessíveis e processadas em menos tempo pela comunidade linguística, em oposição às marcadas, mais raras e complexas, estrutural e cognitivamente. Assim, a voz ativa seria a não marcada em face da passiva e da reflexiva.

Em (10) e (11), o afastamento da classe das orações de voz ativa ocorre devido ao fato de que os sujeitos *Marta* e *eu*, nesses contextos, do ponto de vista semântico, figuram como pacientes e não como agentes da ação verbal. *Ganhar uma bicicleta* e *pegar um resfriado*, embora predicados verbais, não podem ser interpretados como ações.

Segundo Luft (1987, p. 132), temos voz ativa “quando o sujeito é agente ou pelo menos ponto de partida da afirmação (sujeito formal, gramatical)”. Com tal definição, o autor amplia um pouco mais os pré-requisitos da voz ativa. Para ilustrar sua declaração, o autor apresenta três exemplos:

- O lobo ataca.
- O lobo morre.
- O lobo recebe (leva) um tiro.

Com base na declaração de Luft e a partir dos exemplos trazidos pelo autor, podemos, com maior “comodidade”, interpretar as orações acima como de voz ativa, uma vez que o sujeito, nesses casos, constitui apenas o referido “ponto de partida da afirmação”.

Um tipo de construção oracional com menor visibilidade de voz ativa é aquele composto por verbo intransitivo, sem objeto no predicado, como em alguns dos exemplos de Luft e nas orações a seguir:

- (12) *Meu irmão nasceu.*
- (13) *O carro enguiçou.*
- (14) *A inflação caiu.*

Como a concepção de voz ativa tem como base a sequência *sujeito + verbo + complemento*, a falta desse argumento final (o complemento ou objeto) prejudica a concepção da “atividade” ou “ação” do sujeito, uma vez que não há objeto sobre o qual possa recair a ação verbal. Nas orações (12), (13) e (14), os sujeitos *meu irmão*, *o carro* e *a inflação* não são propriamente *agentes*, mas temas a partir dos quais se faz uma declaração genérica, com base, respectivamente, nas formas verbais *nasceu*, *enguiçou* e *caiu*. Novamente aqui a definição de Luft (1987) apresentada anteriormente pode ser uma alternativa mais viável para a inclusão desse grupo entre as orações de voz ativa.

Devido a essa dificuldade, alguns autores, como Kury (1986, p. 34), restringem a voz ativa apenas às orações com verbo transitivo, excluindo as construções com verbo intransitivo desse rol. Segundo Kury, “voz ativa é a forma habitual que reveste o verbo transitivo direto para denotar que o seu sujeito (claro, elíptico ou indeterminado) é AGENTE, isto é, *executa* ou *pratica* a ação que exprime” (destaques do autor).

Nos fragmentos a seguir, extraídos da revista *Superinteressante*, Editora Abril, edição 229, de agosto de 2006, o diretor de redação, no editorial que inicia a revista, assim se dirige aos leitores:

(15) *Você nunca viu isso* (título do editorial)

(16) *Imagine a cena.*

(17) *‘Planeta Terra’ usa muita tecnologia.*

(18) *A série tem orçamento de superprodução.*

(19) *(e) usa o know-how de Hollywood...*

Em (15) e (16), o editor dirige-se diretamente ao leitor, por meio da voz ativa, colocando esse interlocutor como agente da ação verbal. Já em (17), na referência ao documentário *Planeta Terra*, o editor toma esse material como agente verbal para, metaforicamente, atribuir-lhe ação (*usa muita tecnologia*). Nas orações (18) e (19), novamente a série *Planeta Terra* é tematizada como sujeito da ação verbal.

Portanto, o conjunto de orações que nomeados como de voz ativa é composto por um grupo muito diversificado de orações, que, em maior ou menor grau, portam os traços característicos desse conjunto.

ATIVIDADE



Atende ao Objetivo 2

2. Observe o trecho inicial do modo de preparo de uma receita culinária:

Risoto de camarão e aspargos verdes

Cozinhe os aspargos em caldo de legumes. Quando cozidos, **retire** as pontas dos aspargos **e processe** o restante, **coe** e **consERVE**.

Em uma panela grossa, **derreta** metade da manteiga e **adicione** o molho.

a) Todas as orações, cujos verbos se encontram destacados, pertencem ao mesmo tipo de voz verbal. Qual é esse tipo?

b) Justifique essa incidência exclusiva com base no gênero textual em elaboração:

RESPOSTA COMENTADA

2.

a) *Todas as orações desse fragmento são articuladas na voz ativa.*

b) *Essa incidência exclusiva da voz ativa é motivada pelo gênero discursivo em elaboração. Na seção “modo de preparo”, é preciso informar ações, procedimentos a serem executados pelo sujeito a fim de obter o resultado final esperado – o prato preparado.*

Voz passiva

Contrastivamente à voz ativa, a voz passiva define-se como aquela “que indica que a pessoa é o *objeto* da ação verbal. A pessoa, neste caso, diz-se *paciente* da ação verbal” (BECHARA, 1999, p. 222).

Para estabelecermos o contraste entre as duas vozes – ativa e passiva –, ilustramos o procedimento de “transformação” das orações (6), (7) e (8), anteriormente apresentadas, que passam a ter as seguintes correspondentes passivas:

(20) *Todo o trabalho já foi feito pelo aluno.*

(21) *O e-mail para o aniversariante foi mandado por mim.*

(22) *Um novo aparelho de DVD foi comprado por aquela mulher.*

Como podemos observar, os termos que funcionam como sujeito em (20), (21) e (22) não mais têm o traço da agentividade, pelo contrário, são pacientes, alvos da ação. Na voz passiva, quebra-se o vínculo entre a função sintática de sujeito e o traço semântico da agentividade.

Após esse sujeito paciente, as orações de (20) a (22) apresentam o termo verbal sob forma de locução (*foi feito, foi mandado, foi comprado*), seguida do efetivo autor da ação, denominado tradicionalmente de “agente da passiva”.

Cabem aqui novamente as palavras de Bechara (1999, p. 222), que distingue a marca de passividade da efetiva voz passiva: “*Passividade* é o fato de a pessoa receber a ação verbal. A passividade pode traduzir-se, além da voz passiva, pela ativa, se o verbo tiver sentido passivo.” O autor refere-se, com esse comentário, a orações do tipo (10) e (11), aqui retomadas:

(10) *Marta ganhou uma bicicleta no Natal.*

(11) *Peguei um resfriado muito forte.*

Assim, de acordo com Bechara, nas orações anteriores, o que marca a passividade não é a configuração sintática ou a organização dos argumentos, que são próprios da voz ativa, mas o sentido dos verbos *ganhar* e *pegar* nesses contextos.

São duas as formas de expressão da voz passiva, segundo a tradição gramatical, que são detalhadas nas subseções que se seguem.

Voz passiva analítica

Esse tipo é considerado o mais clássico e consensual modo de expressão da voz passiva em língua portuguesa, sobre o qual não se registram maiores discussões.

A passiva analítica é assim chamada por ser formada em torno de uma locução verbal. De acordo com Kury (1986), nessa locução verbal que caracteriza a voz passiva, o auxiliar mais comum é o verbo *ser*, conforme o encontramos em destaque nas orações (15), (16) e (17).

Segundo o mesmo autor, a voz passiva analítica pode ainda, de modo mais esporádico, ser articulada em torno de outros auxiliares, como *ficar*, *ir*, *vir*, *andar*, *viver* ou *estar*, em construções como as seguintes:

(23) *O acusado vive (anda, está) perseguido por repórteres de todas as emissoras.*

(24) *Ficaram suspensas todas as visitas ao presídio neste final de semana.*

(25) *O capitão do time ia (vinha) acompanhado pelo treinador.*

Além do sujeito paciente e da locução verbal, os manuais de português registram um outro termo componente da voz passiva analítica, que sintaticamente tende a ocupar a posição final na oração e semanticamente corresponde ao efetivo praticante da ação verbal. Nas orações

retomadas a seguir, destacamos agora esse constituinte que se expressa por SPrep geralmente introduzido pela preposição *por* (ou *per*), ou, em poucas ocasiões, por *de*:

(20) *Todo o trabalho já foi feito pelo aluno.*

(21) *O e-mail para o aniversariante foi mandado por mim.*

(22) *Um novo aparelho de DVD foi comprado por aquela mulher.*

Nomeado de *agente da passiva*, esse termo é incluído pela NGB na classe das funções integrantes ou complementares, com o mesmo *status* do objeto direto e indireto, bem como do complemento nominal. Conforme a tradição gramatical, a voz passiva analítica, portanto, é organizada segundo a estruturação:

sujeito paciente + locução verbal + agente da passiva.

Nessa estruturação ideal, todos os constituintes são apresentados como termos de mesma produtividade e importância: o sujeito paciente corresponde ao objeto direto da voz ativa; o agente da passiva, ao sujeito da ativa, e, por fim, a locução verbal, ao verbo pleno da ativa, como em:

(26) *Você nunca fez isso.* → voz ativa

(27) *Isso nunca foi feito por você.* → voz passiva

Numa perspectiva mais crítica e analítica, com a qual nos alinharmos nesta aula, consideramos que, de fato, o papel do agente da passiva é acessório, e, na maioria das vezes, mesmo “dispensável”. Em fontes tradicionais do português, encontramos suporte para a defesa desse ponto de vista. Rocha Lima (1987, p. 224), embora inclua esse termo no rol dos integrantes, destaca que “o agente da passiva pode declinar de importância a ponto de ser omitido”. Para Bechara (1999, p. 434), “tal complemento pode ser opcional”, e, em sua interpretação, o agente da passiva foi incluído no grupo dos termos complementares “em vista de seu relacionamento com o sujeito e com o complemento direto”.

Numa análise mais atenta das orações na voz passiva que efetivamente circulam na comunidade linguística, os termos recorrentes, sem os quais não pode haver declaração, resumem-se no sujeito paciente e na locução verbal. Em geral, o agente da passiva é omitido, como nos seguintes fragmentos, integrantes da matéria “Eternos casais”, da revista *Camicado Houseware* (nº. 2, s/d):

(28) *Estes dois personagens de uma das maiores obras da história da literatura, escrita no século 16 pelo renomado escritor William Shakespeare, ficaram imortalizados como ícones do amor puro.* (sobre o casal Romeu e Julieta)

(29) (...) *os apaixonados são proibidos de viver esse grande amor.* (sobre o casal Romeu e Julieta)

(30) *Célebre casal dos desenhos animados, estes dois simpáticos ratinhos de Walt Disney foram vistos juntos pela primeira vez em um filme de 1928.* (sobre o casal Mickey e Minnie)

Em nenhum dos trechos acima se declara o agente da passiva. Essa omissão deve-se basicamente a dois possíveis fatores:

a) ou pela pressuposição, no entendimento de que o interlocutor já sabe de quem se trata, já compartilha esse conhecimento com o emissor;

b) ou pela irrelevância, na consideração de que o agente da ação verbal não constitui informação importante ou necessária ao que é declarado.

Na verdade, quando o agente da ação verbal é, de fato, saliente, os usuários optam pela voz ativa, contexto linguístico em que se pode destacar e tematizar o traço da agentividade na função de sujeito. Ao usar a voz passiva, destaca-se e tematiza-se o paciente, colocando-o em primeiro lugar, deixando em plano secundário, ou, como é feito na maioria das vezes, simplesmente ignorando o praticante da ação, o agente da passiva.

Por conta de sua baixa ocorrência no uso efetivo da língua e sua discreta relevância na hierarquia da oração de voz passiva, a classificação do agente da passiva como função complementar ou integrante, conforme orienta a tradição gramatical, é questionável e passível de reconsideração.

Em relação ainda à voz passiva analítica, de acordo com Kury (1986, p. 35), não há correspondência absoluta entre verbos transitivos/voz ativa e locução verbal/voz passiva. Há verbos transitivos que não permitem a transposição para voz passiva. Essa impossibilidade, segundo o autor, se justifica:

a) pelo fato de determinados verbos já terem conteúdo passivo, como *ganhar* e a construção *pegar (resfriado)*, aqui apresentados nas orações (5) e (6);

Chamamos “**IDIOS-SINCRASIAS**” aos traços e comportamentos linguísticos particulares e específicos de certos termos, que não obedecem a regras e padrões gerais, antes, são marcas peculiares.

b) por certas **IDIOSSINCRASIAS** idiomáticas do português, que impossibilitam voz passiva a partir de verbos como *querer*, *crer* e *conter*, entre outros.

Ainda de acordo com Kury (1986, p. 40), verbos intransitivos, transitivos indiretos e verbos de ligação não fazem parte de voz passiva ou ativa, classificados, por isso, como *neutros*.

Voz passiva sintética

Também chamada de “voz passiva pronominal”, esse outro tipo de organização da voz passiva tem recebido muitas críticas por parte de linguistas e mesmo de gramáticos, quanto a tal classificação.

De acordo com a tradição gramatical, a passiva sintética é formada por verbo transitivo direto, acompanhado da partícula *se*, que nessa construção funciona como “pronomes apassivador”, acompanhado por nome substantivo na função de “sujeito paciente”. Na passiva sintética, não há possibilidade de ocorrência do agente da passiva.

Conforme preconiza o registro mais formal da língua, principalmente na modalidade escrita, em tais construções, o verbo deve concordar, em número e pessoa, com esse sujeito posposto, como em:

(31) *Afia-se todo tipo de alicate.*

(32) *Vendem-se casas.*

(33) *Alugam-se vagas para moças.*

Quando o termo posposto ao verbo está no singular, não há maiores problemas – verbo e nome são usados regularmente no singular. A questão se torna crítica quando temos nomes plurais após o verbo, uma vez que, no uso cotidiano, o que de fato encontramos sistematicamente em circulação são orações do tipo:

(32') *Vende-se casas.*

(33') *Aluga-se vagas para moças.*

Antes de apontarmos o “erro”, o desvio do uso formal, o que devemos nos perguntar, já que se trata de um comportamento linguístico muito generalizado, é: o que faz com que os usuários evitem a flexão verbal em (32') e (33')? Que tipo de compreensão orienta tais opções consideradas desviantes do padrão indicado pela tradição gramatical?

Segundo Luft (1987, p. 133), esse uso sem flexão de plural é motivado por um conjunto de fatores. Assim, o autor considera orações como (32') e (33') exemplos da “fala espontânea”, como a expressão do “sentimento do falante”. De acordo com esse “sentimento”, a voz passiva sintética é compreendida como voz ativa, em que o sujeito é omitido, ou representado pela partícula *se*, num tipo de construção equivalente ao que ocorre com verbos intransitivos ou transitivos indiretos (*precisa-se de vendedores; vive-se bem aqui*), casos em que o sujeito é classificado como “indeterminado” pela mesma vertente tradicional.

Ainda segundo Luft (1987), a posição posposta ao verbo do suposto “sujeito”, típica do complemento verbal, faz com que não se use a flexão. Esse entendimento tem como base o fato de que, em português, o termo que estabelece concordância verbal é o sujeito, o antecedente, e não o objeto, o subsequente ao verbo.

Devido a esse descompasso entre o que preconiza a tradição gramatical e o que é a realidade no uso da suposta “passiva sintética”, estamos diante de um dos exemplos de maior distância entre orientação normativa e comportamento linguístico efetivo.



ATIVIDADE

Atende aos Objetivos 1 e 2

3. Leia o trecho a seguir:

“Após sete dias desaparecidos, os menores foram encontrados pelos sargentos Vanderlei e Renato Gomes e ainda pelo Conselheiro Tutelar Ronaldo.”

(Jornal *Feifoacre on line*, em 22/7/2011)

a) Em que voz está articulada a oração do enunciado?

b) Qual é a função sintática do termo grifado no texto?

RESPOSTA COMENTADA

3.

a) A oração está na voz passiva analítica, uma vez que tem o sujeito “os menores” como paciente e é articulada em torno da locução verbal “foram encontrados”.

b) O termo *cumpr* cumpre a função sintática de agente da passiva, pois funciona como o agente da ação verbal, na referência àqueles que efetivamente encontraram os menores, ou seja, os dois sargentos e o Conselheiro.

VOZ REFLEXIVA

De acordo com Cunha e Cintra (1985, p. 395), nesse terceiro e último tipo, “o verbo vem acompanhado de um pronome oblíquo que lhe serve de objeto direto ou, mais raramente, de objeto indireto e representa a mesma pessoa do sujeito”. Pelo fato de a ação do sujeito recair sobre si mesmo, num tipo de espelhamento, esse tipo de voz é chamado de reflexivo.

Conforme Bechara (1999, p. 222), a voz reflexiva “indica que a ação verbal não passa a outro ser (negação da transitividade), podendo reverter-se ao próprio agente (sentido reflexivo propriamente dito), atuar reciprocamente entre mais de um agente (reflexivo recíproco) [...]”.

As orações (34) e (35) são exemplos do primeiro tipo de voz reflexiva referido por Bechara:

(34) *Ele se penteou hoje pela manhã.*

(35) *Não me aprontei com calma para a festa.*

Nas orações anteriores, os sujeitos *ele* e *eu* (oculto) praticam ações que incidem sobre si mesmos. Os pronomes *se* e *me*, como objetos diretos, representam essa reciprocidade, ao se referirem aos próprios sujeitos oracionais.

O segundo tipo de reflexiva citado por Bechara ilustra-se a seguir:

(36) *Eles se cumprimentaram com indiferença.*

(37) *As amigas não se viam desde a formatura.*

Nas orações (36) e (37), o sujeito, embora formalmente simples, com um só núcleo (*eles* e *as amigas*), têm referência plural. Esse sentido plural é reforçado pela forma pronominal *se*, que passa a significar *a si mesmo(a)s*, na articulação do conteúdo de reciprocidade entre mais de um agente.

Nos quatro exemplos, de (34) a (37), o pronome oblíquo ordena-se antes do verbo, na ilustração da tendência de uso dessas construções no Brasil – a chamada “próclise”. Já em Portugal, seria mais comum a ocorrência do pronome após o verbo – a “ênclise”, conforme declaram Cunha e Cintra (1985, p. 395).

Conforme Kury (1986, p. 38/39), que adota o nome *medial* para a referência a esse tipo de voz, a NGB engloba, na expressão *voz reflexiva*, pelo menos quatro distintos processos de organização semântico-sintática. Os dois primeiros a que o autor se refere são os aqui apresentados em (34) e (35), considerados por Kury exemplos da *voz reflexiva propriamente dita*, e em (36) e (37), chamado pelo autor de *voz medial recíproca*.

Segundo o mesmo autor, ainda há o grupo de *voz medial dinâmica*, composto por verbos que, embora usados regularmente na voz ativa, admitem uso reflexivo, quando o sujeito volta a ação para si mesmo, porém sem a “ideia de direção reflexa”, como em:

(38) *João fez-se de tolo.*

(39) *Retirei-me da reunião mais cedo.*

De acordo com Kury (1986), nas orações (38) e (39) os verbos *fazer* e *retirar*, respectivamente, são articulados como reflexivos, num tipo de ocorrência especial, que não corresponde à “ideia de direção reflexa”. De modo mais regular na voz ativa, tais verbos são articulados com sujeitos que executam uma ação que recai ou modifica um objeto (*alguém faz/retira algo*), o que não ocorre nas orações referidas.

Por fim, Kury (1986, p. 39) destaca um quarto tipo de voz reflexiva, a *voz reflexiva pronominal*, formado por verbos que nunca se conjugam sem o pronome reflexivo. Esse pronome, segundo o autor, encontra-se “fossilizado, sem função sintática”, e aparece obrigatoriamente em português nas construções *queixar-se*, *arrepender-se*, *orgulhar-se*, entre outras.



ATIVIDADES

Atendem ao Objetivo 2

4. Leia o enunciado:

“O prisioneiro conseguiu desvencilhar-se das cordas.”

Com base na leitura feita no enunciado anterior, esclareça por que a oração em estudo está na voz reflexiva.

5. Observe as orações abaixo:

a) Procura-se uma solução para o problema.

b) A garota pintou-se rapidamente.

É correto afirmar que nos dois casos há voz passiva? Comente.

RESPOSTA COMENTADA

4. No enunciado em questão, o verbo vem acompanhado de um pronome oblíquo que lhe serve de objeto direto ou, mais raramente, de objeto indireto e representa a mesma pessoa do sujeito. Pelo fato de a ação do sujeito recair sobre si mesmo, num tipo de espelhamento, esse tipo de voz é chamado de reflexivo.

5. Em “a”, temos voz passiva sintética, já que o sujeito da oração é uma solução para o problema; o agente do processo verbal está indeterminado (não se pode precisar quem procura a tal resposta). Em “b”, o sujeito **a garota** pratica e sofre a ação expressa pelo verbo, o que caracteriza a voz reflexiva.

CONCLUSÃO

Como vimos nesta aula, o agente da passiva é uma função sintática que se articula em orações na voz passiva. Nesse tipo de oração, temos um sujeito paciente, sobre o qual incide a ação verbal, e um agente da passiva, aquele que de forma efetiva age sobre o sujeito. O estudo do agente da passiva nos conduz ao estudo das vozes verbais em português, divididas em três grandes tipos: a ativa, mais frequente na língua, a passiva (sintética e analítica) e a reflexiva. A distinção entre a passiva sintética e o sujeito indeterminado, em muitos casos, é um ponto crítico da descrição gramatical do português.

ATIVIDADE FINAL

Atende aos Objetivos 1 e 2

1. Fornecemos, a seguir, duas redações para uma mesma manchete de jornal:

MINISTRO DO PLANEJAMENTO ANUNCIA NOVO PROGRAMA DE COMBATE À SECA NO NORDESTE.

NOVO PROGRAMA DE COMBATE À SECA NO NORDESTE É ANUNCIADO PELO MINISTRO DO PLANEJAMENTO.

a) Compare os enunciados e indique as diferenças de sentido que transmitem:

b) Relacione tais diferenças com a voz verbal em que cada redação se articula:

RESPOSTA COMENTADA

1.

a) A primeira forma enfatiza o agente do processo verbal e o próprio processo verbal; a segunda forma enfatiza o paciente do processo verbal. Na primeira, o sujeito Ministro do planejamento é o agente do anúncio sobre o novo programa de combate à seca no Nordeste; na segunda, o sujeito passa a ser o novo programa de combate à seca no Nordeste, que, por sua vez, é anunciado pelo agente Ministro do planejamento.

b) A construção na voz ativa, na primeira redação, dá destaque ao ministro e à sua ação; a construção na voz passiva, na segunda redação, dá destaque ao que está sendo anunciado.

RESUMO

O agente da passiva é o complemento de verbo na voz passiva e designa o ser que pratica a ação sofrida pelo sujeito paciente. Geralmente é introduzido pela preposição *por* e seus derivados. Voz verbal é a flexão do verbo que indica se o sujeito pratica, ou recebe, ou pratica e recebe a ação verbal, o que, respectivamente, corresponde às vozes ativa, passiva e reflexiva.

Aposto

*Ivo da Costa do Rosário
Mariangela Rios de Oliveira*

AULA

13

Meta da aula

Apresentar o conceito de aposto.

objetivos

Esperamos que, ao final desta aula, você seja capaz de:

1. reconhecer o aposto nos enunciados;
2. classificar o aposto de acordo com a função no enunciado;
3. diferenciar aposto de adjunto adnominal.

INTRODUÇÃO

Em nossa última aula, nós concluímos o estudo do adjunto adverbial, um dos termos acessórios das orações. Tivemos a oportunidade de conceituar os adjuntos sob diferentes perspectivas e vimos que, na sintaxe oracional do português, as circunstâncias adverbiais podem funcionar como constituintes complementares ou acessórios. Em outras palavras, podem ser fundamentais para a integralização de outros termos, sem os quais o sentido da oração ficaria comprometido, ou, numa outra função, podem somente acrescentar informações, de caráter adicional, com vistas a um maior esclarecimento ou precisão do significado. Daí podermos nos referir, respectivamente, às funções de complemento e de adjunto adverbial.

Nesta aula, iremos estudar o aposto. Ao fazermos uma descrição geral do termo *aposto* sob a ótica da referenciação, partindo do aspecto sintático para depois chegar aos aspectos semânticos e discursivos, percebemos que o aposto não é apenas um “termo acessório” como descrevem os gramáticos da língua portuguesa, mas, pelo contrário, esse termo possui aspectos semântico-pragmáticos que podem contribuir para que haja (re)construção dos objetos de discurso através da interação locutor/interlocutor e, conseqüentemente, para a progressão textual. Que tal agora conhecer mais sobre esse assunto?

RELAÇÕES SINTÁTICAS E RELAÇÕES TEXTUAIS

No uso linguístico, costumamos distinguir as práticas exigidas pela **GRAMÁTICA** da língua – considerada aqui como o conjunto de regras que nos permitem a interação verbal em nossa comunidade – das práticas discursivas, relativas às estratégias pessoais de elaboração, às escolhas que fazemos ao formular nossas declarações com base em motivações intralinguísticas (como o gênero discursivo e a **SEQUÊNCIA TIPO-LÓGICA** em elaboração, por exemplo) e extralinguísticas (como o papel social do emissor e do receptor, local e tempo da interação, entre outras). Essas distintas motivações se correlacionam continuamente e são responsáveis pelo resultado final da produção e da recepção de nossas declarações.

Com base nessa distinção, a sintaxe, relativa às formas regulares de ordenação de constituintes, inclui-se no domínio da gramática como um dos níveis de descrição e análise da língua. Assim posto, as funções sintáticas dizem respeito aos papéis fundamentais cumpridos pelas formas linguísticas, hierarquicamente organizadas, com vistas à elaboração dos conteúdos veiculados nas interações cotidianas.

Os conceitos de “**GRAMÁTICA**” e “discurso” assumidos neste capítulo baseiam-se na perspectiva da linguística funcional, conforme Furtado da Cunha, Oliveira e Martelotta (2003).

Para maior detalhamento das noções de gênero discursivo e **SEQUÊNCIA TIPO-LÓGICA**, consultar Marcuschi (2002).

Como já vimos, essas funções classificam-se em essenciais, integrantes (ou complementares) e acessórias (ou adjuntivas), numa gradação decrescente de importância na estrutura da oração. Cada uma tem papel específico na articulação estrutural da oração, obedecendo a padrões de uso relativamente regulares ou sistemáticos, ou seja, a padrões gramaticais.

Assim posto, a função que reservamos para análise neste capítulo – aposto – “distancia-se” do grupo das gramaticais. Tal distanciamento deve-se às suas condições de uso, uma vez que lhe falta, basicamente, a marca da regularidade ou da sistematização e também a da hierarquização. Portanto, na perspectiva que assumimos aqui, o aposto, como apresentamos nas seções subsequentes, aproxima-se das estratégias mais amplas da língua, relativas ao domínio do discurso e do texto. Trata-se de função sintática distinta, motivada por fatores específicos e com atuação em contextos diversos, que é usado para determinados propósitos comunicativos.

Segundo a NGB e em conformidade com a maioria das gramáticas e manuais da língua portuguesa, o aposto é uma função sintática que faz parte do grupo das classificadas como acessórias, ao lado do adjunto adnominal e do adjunto adverbial. Nessas fontes, declara-se ainda que há pausa entre o aposto e o termo a que se refere; na escrita, a pausa é representada por vírgula.

De acordo com essa classificação, Cunha e Cintra (1985, p. 151) definem o aposto como “o termo de caráter nominal que se junta a um substantivo, a um pronome ou a um equivalente destes, a título de explicação ou de apreciação”. Na mesma linha de interpretação, Rocha Lima (1987, p. 225) declara que ocorre o aposto quando “um substantivo (ou pronome) pode-se fazer acompanhar imediatamente de outro termo de caráter nominal, a título de individualização ou esclarecimento”.

Depois dessas considerações, destacamos o aposto nos períodos (1) e (2):

(1) *Aquela garota, minha vizinha, me deu o aviso.*

(2) *Aquela garota me deu o aviso, uma notícia triste.*

Como observamos nos períodos acima, o aposto destacado ora explica o sujeito *aquela garota*, ora o objeto direto *o aviso*. Assim, constatamos que o aposto atua na especificação do termo antecedente, precisando-lhe o sentido. Trata-se de uma função acessória, que, de certa forma, equivale a uma “cópia” da antecedente.

ATIVIDADES



Atendem aos Objetivos 1 e 2

1. Veja o anúncio (adaptado) a seguir:



**No dia da
criança, dê
um presente
que não vai
quebrar em
uma semana:
cultura**

a) Aponte o termo que funciona como aposto no enunciado.

b) Comente a respeito da importância desse sintagma para a significação do enunciado.

2. Leia a seguinte notícia hipotética e depois responda o que se pede:

Caiu, ontem à tarde, mais um avião da TAM com 200 passageiros. Os únicos sobreviventes foram um bebê, uma senhora de 98 anos, natural de Salvador, Luís, **o piloto do avião**, Maria dos Remédios, **juíza do Paraná**, e Maria Joaquina, **comissária de bordo**. Ainda não foi detectada a causa da queda.

a) Qual é a função sintática dos termos em destaque?

RESPOSTA COMENTADA

1. a) O termo que funciona como aposto é "cultura".

b) O termo é importante pois esclarece, explica melhor qual é o "presente" que não vai quebrar em uma semana.

2. a) Aposto.

TIPOS DE APOSTO

Para exemplificar o aposto, com base nas definições anteriores, mais especificamente seu caráter explicativo ou esclarecedor, apresentamos alguns trechos retirados de uma matéria sobre incidência de acne na juventude, extraída da revista *Pense Leve*, ano 16, nº 185, de novembro de 2007, p. 51:

(3) “*Cerca de 85% dos jovens, entre homens e mulheres, sofrem com a acne, uma doença crônica, multifatorial e inflamatória das glândulas sebáceas.*”

(4) “*Alimentos ricos em vitamina A, como o fígado, e derivados do leite, além da vitamina E, como amêndoas, milho e soja, ajudam bastante no combate e prevenção às acnes (...)*”

(5) “*(...) diz Márcia Ramos e Silva, chefe do serviço de dermatologia do Hospital Universitário Clementino Fraga Filho da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).*”

Nos trechos (3), (4) e (5), destacam-se os apostos, que, **ANAFORICAMENTE**, retomam o SN antecedente, detalhando-o mais ainda.

Como os exemplos compõem uma matéria jornalística, podemos considerar que o uso desses apostos concorre para maior precisão das informações trazidas ao leitor. Assim, em (3), surge a definição de acne; em (4), as fontes naturais de vitaminas para combate à doença; em (5), a qualificação profissional da especialista que é entrevistada.

Vejam, na sequência, o que ocorreria caso retirássemos os apostos dessas orações:

(3’) *Cerca de 85% dos jovens, entre homens e mulheres, sofrem com a acne.*

(4’) *Alimentos ricos em vitamina A, além da vitamina E, ajudam bastante no combate e prevenção às acnes (...)*

(5’) *(...) diz Márcia Ramos e Silva.*

ANÁFORA é o movimento linguístico pelo qual um termo ou referente faz remissão a outro termo ou referente previamente expresso.

Observamos, com a supressão do aposto, sensível perda informacional nas orações de (3) a (5). O que esse teste evidencia é que o aposto é uma estratégia de expansão de informações, motivada por fatores de natureza discursiva e textual. No caso dos exemplos em análise, a motivação seria o próprio gênero “reportagem jornalística”, que apresenta, com uso do aposto, entre outros recursos linguísticos, explicações e detalhes necessários à produção desse gênero.

Ao retomar o substantivo anterior, o aposto opera um tipo de “cópia” do antecedente, num processo que expande a forma e o conteúdo veiculado, porém essa expansão é feita pela mera justaposição ou contiguidade. O aposto não cria hierarquia ou subordinação, já que não se “encaixa” no SN a que se refere, apenas se coloca a seu lado, como se fosse um “espelho”. Essa é uma característica sintática que afasta o aposto das demais funções consideradas acessórias – o adjunto adnominal e o adjunto adverbial, termos que efetivamente se subordinam a outros. Trata-se de um aspecto importante que concorre para defesa de que o aposto merece tratamento à parte das demais (e efetivas) funções sintáticas.

Vejamos como a utilização do aposto é explorada no título de uma reportagem da revista *Pesca Esportiva*, nº 123, s/d:

(6) “*represa baixa e revoada de ‘aleluias’: condições ideais para buscar os grandes BASS de Capivari*”.

BASS

Tipo de peixe.

Em (6), o SN composto *represa baixa e revoada de “aleluias”* é retomado e expandido no aposto *condições ideais para buscar os grandes bass de Capivari*. Trata-se de um tipo de organização sintática que coloca lado a lado dois sintagmas cumpridores de mesma função. Ao contrário dos exemplos anteriores, em (6), o aposto destaca-se mais ainda de seu antecedente nominal pelo uso de um recurso de pontuação que opera maior separação entre os constituintes – os dois pontos. Esse título destaca o foco da reportagem, que se volta para o destaque das ótimas condições de pesca na região de Capivari.

Na mesma revista, em outra matéria jornalística sobre quartos de pescadores, que são espaços destinados a guardar utensílios de pesca, encontramos o seguinte subtítulo:

(7) “*Os quartos de pesca refletem a organização e até a personalidade de seus donos. Conheça três deles, escolhidos a dedo para esta reportagem.*”

O aposto *escolhidos a dedo para esta reportagem*, que retoma *três deles*, enfatiza, para o leitor, a seleção feita pelo repórter dos quartos que são objeto da matéria, procurando valorizar o conteúdo da reportagem. Trata-se, também nesse caso, do uso do aposto motivado por intenções **PERSUASIVAS**, no âmbito do discurso, e não por necessidade ou exigência gramatical.

Outro tipo de aposto, formado por mais de um núcleo, é o que articula enumerações. Essas enumerações são usadas para detalhar e enfatizar o termo antecedente. É o que se verifica no trecho (8), extraído da revista *Contigo*, nº 1.694, de março de 2008, numa reportagem com o título “Essas mulheres”:

(8) “*Ela é como diz o poeta Drummond: ‘branca, intacta, neutra, rara, feita de pedra translúcida.’*”

No exemplo (8), o aposto enumera as qualidades de uma das mulheres retratadas na reportagem, a apresentadora Angélica. O “dizer” do poeta é retomado, com detalhes e precisão, em cinco atributos que, juntos, compõem o perfil da personalidade homenageada. Esses adjetivos são de valor positivo, concorrendo para a articulação coerente de uma matéria em homenagem à mulher.

Na mesma reportagem, encontramos dois outros apostos enumerativos, na composição do perfil da jornalista Marília Gabriela;

(9) “*(...) foi aprovada em quatro faculdades: cinema, psicologia, artes plásticas e publicidade.*”

(10) “*É uma profissional multifacetada, jornalista, atriz, cantora e apresentadora de televisão.*”

Enquanto a enumeração, em (8), enfatiza aspectos físicos, em (9) o aposto chama a atenção para o nível intelectual, listando as faculdades para as quais a jornalista foi aprovada, e, em (10), destaca sua diversidade de profissões. Mais do que a mera citação dos cursos e de carreiras, o que está em jogo nos trechos (9) e (10) é a competência e a inteligência da mulher homenageada.

A **PERSUASÃO** é uma estratégia linguística de convencimento, pela qual organizamos os textos que produzimos no sentido de que nosso ponto de vista prevaleça sobre os demais.

De acordo com Furtado da Cunha, Oliveira e Martelotta (2003), a **MOTIVAÇÃO DISCURSIVO-TEXTUAL** refere-se às pressões impostas ao uso linguístico não pelas regras gramaticais em si, mas pelas condições em que são produzidos os textos, tais como o tipo de texto, o gênero discursivo, os propósitos comunicativos, entre muitos outros fatores.

A relação entre o uso do aposto e as condições discursivo-textuais é destacada por alguns estudiosos menos comprometidos com a tradição gramatical, como Perini (1995, p. 120-122). Para esse autor, o aposto deve ser incluído na classe dos termos *parentéticos*, ou seja, dos “elementos que sintaticamente repetem a oração ou um de seus termos e se justapõem ao elemento repetido”, atuando como se fossem “parênteses”, adendos informacionais desvinculados da estrutura da oração. De acordo com Perini, devido a esse tipo especial de função, o aposto não deve ser considerado um termo oracional, tal como os demais essenciais, integrantes ou acessórios. O aposto, conforme tal interpretação, assumida também neste capítulo, apresenta-se como um tipo de “processo mais geral de repetição”, para além dos limites da oração.

Além do aposto explicativo e sua **MOTIVAÇÃO DISCURSIVO-TEXTUAL**, há um outro tipo de aposto que provoca dúvidas e incrementa o debate sobre esse termo, apresentado na seção seguinte.

ATIVIDADES



Atendem aos Objetivos 1 e 2

3. Leia a segunda e a terceira estrofes do poema de Vinícius de Moraes, transcritas a seguir, e responda a questão:

Soneto de fidelidade

Quero vivê-lo em cada vão momento
E em seu louvor hei de espalhar meu canto
E rir meu riso e derramar meu pranto
Ao seu pesar ou seu contentamento

E assim, quando mais tarde me procure
Quem sabe a morte, **angústia de quem vive**
Quem sabe a solidão, **fim de quem ama**

(Vinícius de Moraes, *Antologia poética*, Editora do Autor, Rio de Janeiro, 1960, p. 96.)

Que função assumem os termos grifados no poema? Comente.

4. Com base na leitura dos versos iniciais do poema “Aposto”, de Romário Nogueira, defina a função sintática *aposto*:

Aposto

“Acessório do meu poema
Que liga-me a você”

Quero abusar do aposto,
 Explicativo, enumerativo ou outros.
 Usar você como meu substantivo,
 Insostituível, amada e tal,
 Pois você, que fez tanto meu gosto,
 Faz parte do meu ideal.
 (...)

RESPOSTA COMENTADA

3. Os sintagmas grifados no soneto desempenham a função de aposto. O poeta está definindo a morte e a solidão. Na maior parte dos casos, o aposto tem um sentido explicativo. Ele busca dar maior precisão ao termo que o antecede, explicando melhor o que foi dito anteriormente.

4. Aposto é o termo que se refere a um substantivo ou pronome, dando-lhe uma explicação. O aposto pode vir separado por vírgulas ou depois de dois-pontos.

APOSTO OU ADJUNTO ADNOMINAL?

Bechara (1999, p. 452) chama a atenção para um outro tipo de discussão envolvida no uso do aposto. Segundo o autor, nesse termo, “o limite de distinção com o adjunto adnominal propriamente dito é muitas vezes difícil de traçar”. A crítica de Bechara reside num tipo especial de aposto, referido pela tradição gramatical, e classificado como “de denominação” (ROCHA LIMA, 1987, p. 225) ou “de especificação” (CUNHA; CINTRA, 1985, p. 151). Sua função, como o próprio rótulo anuncia, seria a de dar nome ou especificar um antecedente mais genérico, como nos destaques do trecho a seguir, extraído também da revista *Pesca Esportiva*, nº 123, s/d, representativo do depoimento de um pescador:

(11) “A ideia surge durante um bate-papo com os amigos Tubino e Fausto, e acabará me levando a um barranco às margens do Rio Paraguai, em frente ao Morro Pelado, a cerca de 120 km da cidade de Cáceres, no Mato Grosso.”

Em (11), segundo Bechara (1999), não há argumentos suficientes para classificar os termos destacados como aposto. Antes, sua função se aproxima mais daquela cumprida pelo adjunto adnominal, ao precisar (e não exatamente corresponder, como se espera do aposto) o sentido dos SNs antecedentes. Na verdade, *Tubino e Fausto*, *Paraguai*, *Pelado e de Cáceres* não constituem “retomada” do nome anterior. Conforme o autor, esses casos são tratados pela tradição gramatical a partir de critérios pouco claros e precisos, que confundem a análise sintática e o ensino-aprendizagem do português, ao incluir como aposto sintagmas cuja função mais parece com a de adjunto adnominal.

Em Cunha e Cintra (1985, p. 151), verifica-se o esforço em se fazer a distinção entre o aposto de especificação e o adjunto adnominal em contextos semelhantes, como nos seguintes fragmentos exemplificados pelos autores:

Aposto de Especificação	Adjunto Adnominal
↓	↓
<i>A cidade <u>de Lisboa</u></i>	<i>O clima <u>de Lisboa</u></i>
<i>O poeta <u>Bilac</u></i>	<i>O soneto <u>de Bilac</u></i>
<i>O rei <u>d. Manuel</u></i>	<i>A época <u>de d. Manuel</u></i>
<i>O mês <u>de junho</u></i>	<i>As festas <u>de junho</u></i>

Segundo Kury (1986, p. 59), que defende a perspectiva da tradição gramatical, a falta de pausa no aposto de especificação não pode ser usada como argumento para discutir o *status* funcional do termo, pois o emissor pode ser levado “pelo desejo de uma ligação mais direta com o fundamental”, enfatizando o caráter meio facultativo da pausa nessas construções. Em nosso entendimento, contudo, ao criar uma “ligação mais direta”, o emissor não articula aposto, mas sim adjunto, ou seja, para articular outro sentido, recorre também a outro tipo de construção, uma vez que a presença ou não de pausa motiva distintos significados e papéis sintáticos.

Portanto, como já observamos, continua certa imprecisão funcional entre as duas categorias. Mesmo com a ressalva de que os sintagmas que atuam como adjuntos adnominais equivalem a adjetivos (*lisboeta*, *bilaquiano*, *manuelina* e *juninas*) e que a pausa pode ser uma questão opcional em alguns casos, esses dois grupos de construção têm muito em comum, ademais, muitos adjuntos adnominais não têm equivalência com adjetivos.



ATIVIDADES

Atendem aos Objetivos 1, 2 e 3

5. O sentido do que se diz e do que se escreve está não só no que as palavras explicitam como nas significações implícitas que dissimulam. Observe a notícia a seguir:

Ao receber um arreio de presente do (presidente argentino) Carlos Menen, Fernando Henrique Cardoso brincou dizendo para os fotógrafos que da próxima vez posaria montado num cavalo. Menen apressou-se em explicar que não se tratava de Domingo Cavallo, seu ex-ministro e adversário. (Revista *IstoÉ*, nº 1.468, 19/11/1997.)

Das duas expressões usadas para caracterizar Domingo Cavallo, qual é indispensável para a interpretação da notícia? Justifique sua resposta.

6. Explique os dois sentidos que podem ser atribuídos à seguinte frase: "A matança dos marginais escandalizou a população."

7. Observe os seguintes enunciados:

- A blusa de Pedro é linda.
- A cidade de Londrina é linda.

Classifique sintaticamente os termos destacados. Comente.

RESPOSTA COMENTADA

5. As expressões são "ex-ministro" e "adversário" (que funcionam como aposto). Esta última é indispensável para a interpretação da notícia. O jornalista evidencia que Menen aproveitou a oportunidade para, relacionando a palavra "cavalo" (animal) e "Cavallo" (sobrenome), criticar de forma irônica a competência intelectual de seu adversário.

6. Pode-se entender que os marginais mataram alguém (nesse caso, "dos marginais" é adjunto adnominal de matança) ou que os marginais foram mortos ("dos marginais", é, nesse caso, complemento nominal de matança.)

7. No enunciado da letra a, o termo destacado é adjunto adnominal, pois insere-se na estrutura sintática determinando um outro elemento dessa estrutura, e seu significado restringe esse outro elemento; ou seja, não é qualquer blusa, é a blusa "de Pedro". Na letra b, é aposto, visto que não tem função sintática (se retirado, não afetarà a estrutura da frase), mas acrescenta uma informação sobre a cidade.

PAPÉIS DO APOSTO

A falta de funcionalidade sintática específica do aposto faz com que seu papel oracional seja o mesmo daquele desempenhado pelo termo antecedente que retoma. Na verdade, o aposto não tem uma função sintática precisa ou definida; como termo cópia de outro, acaba atuando tal como este.

Já que é possível a retomada de praticamente todos os constituintes da estrutura oracional, são várias as funções sintáticas que admitem serem repetidas por aposto. Citamos as mais recorrentes e representativas, com base em Cunha e Cintra (1985, p. 152-154), a partir de trechos já vistos nesta aula e de outros novos.

a) Sujeito:

Nesse papel, o aposto redobra a carga informacional do sujeito, precisando-o ainda mais, como em (5), a seguir retomado:

(5) “(...) diz *Márcia Ramos e Silva*, chefe do serviço de dermatologia do Hospital Universitário.”

Em (5), a simples menção do nome *Márcia Ramos e Silva* nada informa sobre a qualificação profissional da médica. Quando muito, sem o aposto do sujeito, em meio à reportagem, poderíamos intuir que se trata de uma especialista da área de saúde, o que seria muito pouco quando comparado ao que informa o aposto.

b) Predicativo:

O aposto do predicativo permite a ampliação do sentido veiculado pelo predicativo, ampliando o leque das qualidades referidas, como em (10), também retomado a seguir:

(10) “É *uma profissional multifacetada*, jornalista, atriz, cantora e apresentadora de televisão.”

No exemplo (10), já comentado, o aposto refere-se ao predicativo *uma profissional multifacetada*, expandindo essa referência.

c) Objeto direto:

Como cópia do complemento verbal, o aposto atua na explicitação desse constituinte:

(7) “Os *quartos de pesca refletem a organização e até a personalidade de seus donos*. Conheça três deles, escolhidos a dedo para esta reportagem.”

O objeto *três deles* é redimensionado e valorizado semanticamente pelo uso do aposto *escolhidos a dedo para esta reportagem*.

d) Complemento nominal:

Nesse papel, o aposto concorre para a maior precisão do nome transitivo, que, além do complemento, se acresce de novas informações, como em:

(4) “*Alimentos ricos em vitamina A, como o fígado, e derivados do leite, além da vitamina E, como amêndoas, milho e soja, ajudam bastante no combate e prevenção às acnes (...)*”

O nome *ricos* é complementado pelos SPreps *em vitamina A e além da vitamina E*, que, por sua vez, têm suas fontes naturais detalhadas por intermédio dos apostos subsequentes.

e) Adjunto adverbial:

Com o uso do aposto, a circunstância articulada pelo adjunto adverbial ganha mais precisão, como em:

(12) “*Taís Araújo ousou no visual para a sua personagem em Juízo Final, a maluquete Alícia.*” (Revista *Contigo*, nº 1.694, março de 2008.)

Por se tratar de nota sobre o novo corte de cabelo da atriz para a próxima novela que ainda não foi ao ar, o jornalista precisa informar ao público não só o nome da personagem como também já adiantar um traço de sua personalidade – *maluquete*. Assim articulado, o aposto expande a circunstância de finalidade *para a sua nova personagem em Juízo Final*.

CONCLUSÃO

Nesta aula, estudamos uma das funções acessórias cumpridas pelos termos da oração – o aposto. Embora subsidiário, em termos estruturais, o aposto constitui-se como uma função de importante papel discursivo-textual, uma vez que concorre para a explicação ou precisão de termos antecedentes, destacando e ampliando o sentido desses termos. Trata-se de uma função de base nominal, que atua como cópia de outras, tais como o sujeito, o predicativo, o objeto direto e o indireto, entre outras.

ATIVIDADES FINAIS

Atendem aos Objetivos 1, 2 e 3

1. Leia atentamente as frases a seguir:

a) Todos conhecem Vinicius de Moraes, o poeta.

b) Cleópatra, a rainha do Egito, era excêntrica.

Qual é a função sintática exercida pelos termos destacados nas frases?

2. Em: “Cautelosa, Janaína não saía sozinha de casa”, o termo destacado pode ser tomado como aposto? Comente.

3. Leia a introdução de um texto do gênero entrevista:

Consumismo mirim

Que o marketing de produtos infantis pode incentivar a obesidade, a violência e a sexualidade precoce é um alerta que já vem sendo feito há um tempo. Em geral, a solução proposta pelos especialistas é que as propagandas de “jung food” com conteúdo violento ou sexual sejam restritas para esse público. Mas a psicóloga Susan Linn, professora da Universidade Harvard (EUA), propõe uma solução mais radical: a proibição de toda a publicidade voltada para crianças. (...)

(MONTOVANI, Flávia. *Folha de S.Paulo*, 18 maio 2006. Caderno Equilíbrio.)

a) Os sintagmas destacados no enunciado contribuem de que forma para a significação do texto?

b) A que termos oracionais estão relacionados respectivamente?

4. Nas orações seguintes, retiradas de textos da mídia, classifique os apostos em *de explicação* ou *de denominação*. Em seguida, responda a seguinte questão: desses dois tipos, qual tem recebido críticas de alguns estudiosos sobre sua interpretação como *aposto*? Por quê?

a) "João Gilberto, ícone da bossa nova, é famoso pelo seu particular perfeccionismo."

b) "Na juventude, Francisco de Assis França, olindense nascido a 13 de março de 1966, catava caranguejos no mangue (...)"

c) "Na pomposa inauguração do Theatro de Nossa Senhora da Paz, em Belém do Pará, a companhia do ator pernambucano Vicente Pontes encena o drama As duas órfãs, do francês Adolphe d'Ennery."

RESPOSTA COMENTADA

1. O aposto tem a mesma função do termo que o antecede. Nos exemplos, "o poeta" seria objeto direto e "rainha do Egito" seria sujeito.

2. Cautelosa é termo que não pode ser tomado por aposto, uma vez que este é um termo de natureza substantiva; cautelosa é de natureza adjetiva.

3. a) Sintaticamente, cada um dos termos destacados no texto pode ser identificado como aposto. Ambos estão relacionados a um substantivo para explicar seu significado.

b) O sintagma "professora da Universidade Harvard (EUA)" está relacionado ao sujeito "a psicóloga Susan Linn"; já o sintagma "a proibição de toda a publicidade voltada para crianças" está explicando o que seria "uma solução mais radical", termo que desempenha a função de objeto direto.

4. a. Aposto de explicação.

b. Aposto de explicação.

c. Apostos de especificação.

Questão: O aposto de especificação (letra c), segundo alguns estudiosos, como Bechara (1999), aproxima-se mais da classe dos adjuntos adnominais do que da do aposto, já que aquele não se separa do antecedente por pausa, funcionando assim mais como determinante do SN antecedente, ao lhe especificar o sentido, e não explicar, como seria próprio do aposto.

RESUMO

O aposto é uma palavra ou expressão que explica ou que se relaciona com um termo antecedente, com a finalidade de esclarecer, explicar ou detalhar melhor esse termo. Do ponto de vista sintático, tem o mesmo valor que o termo ao qual se refere, podendo substituí-lo sem que a construção sofra prejuízo em sua estrutura. Aparece geralmente separado por vírgulas, depois de dois-pontos ou travessão. Seu uso na oração está relacionado a pressões de natureza discursivo-textual, com vistas à ênfase de determinados conteúdos.

Vocativo

Ivo da Costa do Rosário
Mariangela Rios de Oliveira

AULA

14

Metas da aula

Apresentar o conceito de vocativo e destacar sua função na frase.

objetivos

Esperamos que, ao final desta aula, você seja capaz de:

1. reconhecer o vocativo na oração;
2. distinguir o vocativo dos demais termos da oração.

INTRODUÇÃO

Na aula anterior, vimos que, segundo a NGB e em conformidade com a maioria das gramáticas e manuais da língua portuguesa, o aposto é uma função sintática que faz parte do grupo das classificadas como acessórias, ao lado do adjunto adnominal e do adjunto adverbial. Nessas fontes, declara-se ainda que há pausa entre o aposto e o termo a que se refere; na escrita, a pausa é representada por vírgula.

Nesta aula veremos o vocativo, termo oracional usado para chamar ou colocar em evidência o ser a que nos dirigimos. Assim, destacaremos a funcionalidade desse termo, seus contextos de uso, verificando por que lançamos mão do vocativo em nossa expressão linguística. Vamos lá?

VOCATIVO – TERMO “ISOLADO”

Para iniciarmos esta seção, vamos observar alguns trechos de resposta a cartas de leitores, publicados recentemente em revistas femininas de grande circulação:

- (1) *Suzana, todos os exercícios físicos são bons para nossa saúde.*
- (2) *Carla, tudo bem? Ficamos sempre muito felizes...*
- (3) *Que boa notícia, Andreia!*

Os termos destacados são os que classificamos como *vocativo*. Trata-se de constituintes “desgarrados” da estrutura oracional, uma vez que não atuam em quaisquer das funções de uma oração, sejam essas essenciais, integrantes ou acessórias. São formas de chamamento, que atuam sobre o interlocutor, a segunda pessoa do discurso, a quem se dirige o locutor. Essas formas funcionam como um tipo de “convite” para que o interlocutor atue na interação ou faça cumprir alguma ordem ou decisão do locutor.

Em (1) e (2), ilustra-se a posição canônica, ou padrão, do vocativo – à frente da oração, separado por pausa; em (3), observa-se sua ordenação final. Numa posição ou noutra, mantém-se a separação em relação à organização sintática oracional. Assim, o vocativo não participa da estrutura formada pelos demais termos da oração, como a sequência formada pelo sujeito e pelo predicado, acompanhada pelos termos complementares e adjuntivos.

Na oração (1), a ordenação *sujeito (todos os exercícios físicos) + predicado (são bons para a nossa saúde)* se inicia após o vocativo *Suzana*. Em (2), somente ocorre oração após o vocativo *Carla* e a frase *tudo*

bem? Em (3), temos apenas frase nominal, sem oração. Nos três casos, portanto, verifica-se a separação do vocativo em relação aos demais termos que compõem a frase em que se insere.

Segundo Cunha e Cintra (1985, p. 156), vocativos são termos “de entoação exclamativa e isolados do resto da frase”. Rocha Lima (1987, p. 229) complementa essa definição ao declarar que o vocativo é “empregado quando chamamos por alguém, ou dirigimos a fala a pessoa ou ente personificado”. Nesse mesmo autor, encontramos a informação de que o vocativo “não pertence propriamente à estrutura da frase, devendo ser considerado à parte”. Kury (1986, p. 61) ratifica essa declaração ao afirmar que o vocativo é um termo “à parte tanto do sujeito como do predicado”.

Esses autores coadunam-se com a perspectiva da NGB, que considera o vocativo um termo distinto das outras três categorias de função sintática oracional. Para tanto, abre-se uma quarta e última classe, à parte das outras três, integrada apenas pelo vocativo.

Diante dessas afirmações, como Perini (1995, p. 91), avançamos mais um pouco, na consideração de que o vocativo “não tem a ver com a estrutura da própria oração, mas com a organização do discurso”. Trata-se de um avanço do autor, na medida em que, além de negar a marca sintática do vocativo, como já o fizera, em boa hora, a tradição gramatical, procura atribuir ao termo um lugar mais efetivo e funcional no uso linguístico.

De fato, a pergunta a ser feita é: para que interpelamos verbalmente alguém? Quando ou em que situações o fazemos? Que gêneros discursivos propiciam o chamamento? Essas e outras questões é que nos permitem constatar que o vocativo, embora não integre a estrutura oracional, é um eficaz recurso de natureza discursiva, mais usado na modalidade falada, em registro informal, próprio de determinados gêneros, como nos trechos de cartas vistos em (1), (2) e (3) e nos fragmentos de diálogos, como os seguintes:

(4)

Maria (sorrindo) – *Tu gosta de eu?*

Tião – *Ó dengosa, eu sem tu não era nada...*

Maria – *Bobagem, namorado como tu era...*

Tião – *Tudo passou!*

(GUARNIERI, Gianfrancesco. *Eles não usam black-tie*. 5ª. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1987, p. 22)

(5)

- *Ana Paula...*

- *Jorge Alberto!*

- *Escuta, eu...*

- *Jorge Alberto, este é o Serge, meu namorado. Serge, Jorge Alberto, meu ex-marido.*

(VERISSIMO, Luis Fernando. *O marido do doutor Pompeu*. São Paulo: Círculo do Livro, 1989, p. 81)

Se observarmos cuidadosamente a organização de muitas de nossas declarações, chegaremos à conclusão de que há outros constituintes cuja função, assim como a do vocativo, extrapolam os limites da organização oracional, atuando no nível do discurso ou do texto. É o que se verifica nos trechos de modalidade falada a seguir, retirados do banco de dados “*Corpus Discurso & Gramática – a língua falada e escrita no Brasil*” (disponível no site www.discursoegramatica.letas.ufrj.br/):

(6) *bom... eu adoro fazer “jazz”...*

(7) *ah... aqui a escola? a escola é ótima...*

(8) *bem... eu me lembro um dia que eu estava...*

Os termos destacados em (6), (7) e (8) não cumprem função oracional. Trata-se de constituintes que atuam na organização do diálogo, na indicação da tomada de **TURNOS** (*bom, bem*), na marcação de momentos de indecisão (*ah*), na ratificação do assunto proposto para discussão (*aqui na escola?*), entre outras estratégias. Enfim, esses termos concorrem para a articulação dos diálogos, atuando em domínios que extrapolam os limites da oração.

Embora não sejam vocativos efetivos, os termos referidos têm em comum com o vocativo o fato de também não participarem da estruturação sintática das frases em que ocorrem. Com isso, ressaltamos que, nas frases que produzimos em nosso dia a dia, principalmente na modalidade falada, lançamos mão de uma série de termos que se situam fora da organização sintática padrão do português, constituída pelo sujeito, pelo predicado e por seus complementos e adjuntos. Em geral, as gramáticas e manuais de português sequer se referem a esses termos, uma vez que a sua função extrapola os limites da oração, sendo motivados por fatores de ordem textual-discursiva.

Nos estudos de análise da conversação, chama-se “**TURNOS**” a cada uma das intervenções linguísticas dos participantes da conversa.

Desse modo, o que estamos querendo dizer com a declaração anterior é que as clássicas funções sintáticas oracionais dão conta apenas das orações da modalidade escrita, na norma padrão, relativas aos textos “bem formados”. Em todos os demais casos, há constituintes que não se enquadram entre os termos essenciais, integrantes ou acessórios, atuando num nível maior, no âmbito discursivo-textual, orientados, portanto, por outros sistemas de regulação.

ATIVIDADES



Atendem aos Objetivos 1 e 2

1. Observe a capa do livro abaixo:



Obrigada, doutor!

Qual a finalidade do termo “doutor” no enunciado acima? Que função sintática esse termo desempenha?

2. Leia o diálogo entre uma mulher e um rapaz, filho dela:

- Mãe, taqui seus chocolates!
- Que chocolates, meu anjo?
- A senhora não sabe que, no Dia das Mães, dê chocolate pra ela? (...)

- Alfredinho, o médico me proibiu de comer chocolate.
- E daí? Esquece o médico. Não é Dia dos Médicos, é Dia das Mães, dia da senhora.

(ANDRADE, Carlos Drummond de. *Poesia e prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguillar, 1988.)

Observe os termos grifados no texto. O que há de semelhante entre eles?

3. Leia um trecho da música de Gilberto Gil:

Aquele abraço

O Rio de Janeiro
Continua lindo
O Rio de Janeiro
Continua sendo
O Rio de Janeiro
Fevereiro e março

Alô, alô, Realengo
Aquele Abraço!
Alô torcida do Flamengo
Aquele abraço
(...)

O autor manda “aquele abraço” a alguns interlocutores, cada um deles constituindo um vocativo. Aponte-os.

RESPOSTA COMENTADA

1. O termo “doutor” está sendo empregado com a finalidade de dirigir-se a alguém. Esse termo exerce a função de vocativo.
2. Ambos são vocativos e são termos que a mulher emprega para chamar o filho.
3. “Realengo”, “Torcida do Flamengo”.

VOCATIVO E MOTIVAÇÃO DISCURSIVA

Muitos estudiosos do português têm se perguntado acerca do papel do vocativo no uso linguístico. A questão é a seguinte: se esse termo é tão desgarrado da estrutura sintática da oração, se é tão periférico, por que nós o usamos com frequência, principalmente na modalidade falada?

Que pressões fazem com que o vocativo tenha lugar no uso do português e, portanto, tenha espaço na descrição e análise da língua?

Entre os estudiosos referidos, encontra-se Perini (1995), em que nos fundamentamos nas considerações apresentadas nesta seção. Para o autor, o caráter mais independente do vocativo pode ser atestado pelo tipo de ordenação e pontuação variada que pode ter na oração. Além da vírgula, outros sinais de pontuação podem marcar a independência sintática do vocativo, como no seguinte exemplo trazido pelo autor:

(9) *Serginho! A bandeira está no chão.*

Como podemos observar, em (9), em vez da vírgula, usa-se o ponto de exclamação na articulação do vocativo. Com isso, o vocativo assume ainda maior independência de sentido e forma em relação ao restante da frase, uma vez que *Serginho!* funciona de modo autônomo, descolado da declaração a seguir *A bandeira está no chão.*

Na modalidade falada, essa autonomia pode ser expressa por pausa de duração maior, marcando a troca de turno entre os interlocutores, com em:

(10)
 - *Serginho!*
 - *O quê?*
 - *A bandeira está no chão.*

Em (10), outro exemplo de Perini (1995), o vocativo resume-se na declaração inicial do primeiro locutor, sem que isso produza impressão nítida de interrupção. Trata-se de um tipo de chamamento que inaugura o diálogo, do contato inicial que abre a conversa.

Para demonstrar a distinção entre o uso do vocativo e a situação distinta de quebra de turno, o autor nos apresenta a seguinte situação exemplar:

(11)
 - *Serginho...*
 - *O quê?*
 - *...vai fazer aniversário amanhã.*

De acordo como Perini (1995), portanto, em (11) temos o sujeito *Serginho* separado do seu predicado *vai fazer aniversário amanhã* por mudança de interlocutor, que interrompe a declaração inicial com a pergunta *O quê?* Na sequência, o primeiro falante retoma a oração inicial, complementando-a.

Com essa lição, Perini demonstra que a análise do papel de cada constituinte de uma frase ou de uma situação de interação deve levar em conta os demais termos que se encontram em seu entorno. É preciso, dessa forma, considerar as condições de produção dos textos, tanto em termos linguísticos como extralinguísticos.

Por fim, Perini (1995) nos apresenta outro argumento comprovador da independência do vocativo face aos demais termos oracionais – a capacidade de se constituir como declaração independente, como resposta específica. Essa característica não se aplica aos demais termos da oração, como o sujeito, o predicado e seus complementos, que precisam se apoiar uns nos outros para serem explicitados.

Para ilustrar o comentário, podemos retomar (10) e (11). Em (10), o vocativo *Serginho* pode, isoladamente, responder à pergunta *Quem você está chamando?* Essa pergunta nada tem a ver com a oração *A bandeira está no chão*, que se configura como declaração independente. Por outro lado, em (11), *Serginho* somente pode responder a uma pergunta baseada ou apoiada no predicado *vai fazer aniversário*, como *Quem vai fazer aniversário?*

Diante dessas ponderações, Perini (1995) ratifica o descolamento semântico-sintático do vocativo, com destaque para a expressividade de sua utilização. Se, em termos estruturais, o vocativo é realmente um termo muito periférico e sem maior participação na estruturação da oração, em termos discursivos, seu uso é altamente motivado e necessário no uso cotidiano da língua portuguesa.

CONCLUSÃO

Como vimos nesta aula, o vocativo é um termo que tem funcionalidade muito particular na oração, uma vez que se configura como elemento isolado, destacado da organização sintática. Trata-se de um chamamento, de uma evocação ao interlocutor. Esse termo atua de acordo com motivações textuais e discursivas, estando a serviço do estabelecimento da interlocução entre o emissor e o receptor.

ATIVIDADES FINAIS

Atendem aos Objetivos 1 e 2

1. O vocativo além de ser o termo por meio do qual o falante chama, pelo nome, apelido, característica etc. a pessoa a quem se dirige, pode revelar se a relação entre o falante e o seu interlocutor é de respeito, afetividade, desprezo, ironia etc.

Nos enunciados abaixo, identifique o vocativo e aponte o tipo de intenção discursiva que se evidencia em cada caso.

a) Acontece, queridinha, que sou muito mais inteligente e mais esperta que você!

b) Tenho reparado, meu amigo, uma certa tristeza em suas palavras.

c) “Senhor Deus dos desgraçados!/Dizei-me vós, Senhor Deus!

Se é loucura... se é verdade/Tanto horror perante os céus...” (Castro Alves)

d) E aí, galera... todo mundo pronto pra curtir a festa?

2. Observe os versos iniciais do poema de Ascenso Ferreira, a seguir transcritos, e faça o que se pede:

Oh! Paisagem nua...

Povoada de árvores magras

Sem folhas verdes para o vento brincar...

Nem uma lâmina d'água no rio exausto,

Em cujas areias as emas esmolambadas

Espojam-se a gritar!

(...)

(FERREIRA, Ascenso. In: *Som Brasil* - encarte do disco homônimo, produzido pela Divisão de Comunicação da Rede Globo, 1981.)

a) Classifique sintaticamente o primeiro verso do poema.

b) Aponte uma motivação discursiva para o tipo de sintaxe desse primeiro verso:

RESPOSTA COMENTADA

1.

- a) Vocativo: “queridinha” – ironia.
- b) Vocativo: “meu amigo” – afetividade.
- c) Vocativo: “Senhor Deus dos desgraçados!”, “Senhor Deus!” – respeito.
- d) Vocativo: “galera” – informalidade.

2.

- a) O primeiro verso do poema é classificado sintaticamente como constituído apenas por vocativo.
- b) A motivação para o uso do vocativo nesse verso inicial pode ser relacionada com o chamamento e o destaque, ou ênfase, à **paisagem nua**, que é tematizada nos versos seguintes.

RESUMO

Além dos termos essenciais, integrantes e acessórios da oração, há um outro termo independente, à parte do sujeito e do predicado. Esse termo é o vocativo, que, como o próprio nome indica, serve para chamar, invocar ou interpelar um ouvinte real ou hipotético. Por esse tipo de funcionalidade, o vocativo em geral se relaciona à segunda pessoa do discurso, que é chamada a agir na interação. O vocativo tem motivações relacionadas aos níveis textual e discursivo, desvinculadas do nível estritamente sintático, e é mais frequente na modalidade falada.

Funções sintáticas e relações textuais

*Ivo da Costa do Rosário
Mariangela Rios de Oliveira*

AULA

15

Meta da aula

Apresentar a sistematização de tipos textuais ligados aos diversos usos linguísticos, destacando o papel da sintaxe na organização destes tipos.

objetivos

Esperamos que, ao final desta aula, você seja capaz de:

1. identificar possibilidades de significação decorrentes do contexto e da escolha de estruturas linguísticas do texto;
2. estabelecer a distinção entre as sequências textuais, com base na identificação referida.

INTRODUÇÃO

Nesta aula, analisamos como as funções sintáticas oracionais concorrem para a articulação textual em Língua Portuguesa. Por outro lado, examinamos constituintes sem papel sintático, porém com atuação no nível textual. Nosso olhar, portanto, está na relação entre a dimensão gramatical da oração, no âmbito dos termos essenciais, integrantes e acessórios, além de outros, e a dimensão discursiva, que analisa os usos linguísticos, a partir de um foco mais amplo. Nessa perspectiva, o nível de análise desta aula amplia-se, na abordagem de questões sobre fluxo da informação, organização sintática de seqüências tipológicas e marcação de foco discursivo.

INFORMATIVIDADE

De acordo com Furtado da Cunha, Oliveira e Martelotta (2003, p. 43), as expressões linguísticas são caracterizadas pela marca da *informatividade*, que se resume “ao que os interlocutores partilham, ou supõem que compartilham, na interação”. Seja na modalidade falada ou escrita, nossas declarações resumem-se num jogo que combina informações conhecidas, ou *velhas*, e informações *novas*, ainda não divulgadas ao interlocutor.

Nesse jogo, estabelece-se relação frequente entre funções sintáticas, no nível da oração, e relações textuais, no nível do discurso, uma vez que as chamadas informações *velhas* costumam aparecer na parte inicial da oração, onde se localiza o sujeito, enquanto as informações *novas* costumam vir na parte final, ou seja, no predicado. Produzir textos, nessa perspectiva, é um processo que retoma e expande sentidos e formas; que leva em conta conteúdos conhecidos e desconhecidos.

Portanto, nas produções textuais efetivas, a articulação oracional no nível do sujeito e do predicado tem relação direta com o *status* informacional. Apresenta-se primeiramente o que se conhece e se partilha para, em seguida, trazer o informe novo, o ainda não partilhado.

As informações *velhas* concorrem para a coesão textual, na medida em que conferem unidade temática e estrutural aos textos, na resposta a perguntas do tipo: qual seu tema? De que está tratando? Esse movimento de retomada, fundamental para a unidade textual, chama-se “ANÁFORA”, e pode ser feita por intermédio de repetições, de sinônimos, de pronomes ou mesmo da “anáfora zero”, que é ausência de qualquer referente, marcada nesta aula com o símbolo θ .

O termo “ANÁFORA” refere-se a um tipo de processo em que um termo linguístico refere-se a ou retoma outro termo que já foi mencionado, provocando um movimento de retomada que concorre para a unidade textual.

Por outro lado, como movimento complementar à anáfora, ou retomada, encontra-se a **CATÁFORA**, a expansão, processada por informações novas, via de regra no predicado. Esses novos informes conferem aos textos individualidade e identidade, uma vez que fazem com que cada produção textual seja distinta uma das outras.

Vejamos, com base no seguinte fragmento, como se realiza tal processo:

(1) “*Euclides Rodrigues Pimenta da Cunha nasceu em Cantagalo, município do Rio de Janeiro, em 20 de janeiro de 1866. Órfão, θ foi criado por tias na Bahia, onde θ fez os primeiros estudos. Mais tarde, θ matricula-se na Escola Politécnica do Rio, transferindo-se depois para a Escola Militar. Positivista e republicano, θ desacata o então Ministro da Guerra, sendo expulso do estabelecimento em 1888. No ano seguinte, após a proclamação da República, θ reingressa na Escola Superior de Guerra, formando-se em Engenharia Militar e Ciências Naturais*” (grifos nossos).

(In: NICOLA, José de. *Literatura brasileira – das origens aos nossos dias*. São Paulo: Editora Scipione, 1998, p. 252.)

Em (1), extraído de uma obra didática, o autor inicia a seção sobre o Pré-Modernismo, apresentando um pequeno relato sobre Euclides da Cunha, um dos maiores escritores brasileiros desse período literário. Para tanto, Nicola abre o texto de apresentação com o nome completo do poeta, na função de sujeito, com informações sobre a data e o local de seu nascimento. (*Euclides Rodrigues Pimenta da Cunha nasceu em Cantagalo, município do Rio de Janeiro, em 20 de janeiro de 1866.*) Trata-se da primeira aparição desse sujeito, o tema do texto, razão pela qual vem codificado na íntegra.

A seguir, expande-se o fluxo informacional com dados sobre sua condição de orfandade e modo de vida na infância (*Órfão, θ foi criado por tias na Bahia, onde θ fez os primeiros estudos.*); agora, surgem apenas os novos informes, articulados no predicado; o sujeito, que se mantém tal como no primeiro período, encontra-se formalmente ausente, marcado aqui pelo símbolo θ, que indica a chamada “anáfora zero”. Nos quatro períodos seguintes, o fluxo informacional é o mesmo – o autor mantém o tema – o sujeito *Euclides Rodrigues Pimenta da Cunha*, sob forma elíptica, e expande o predicado, com o acréscimo de uma série de informes acerca da biografia de Euclides da Cunha.

O termo “**CATÁFORA**” refere-se ao processo em que um termo linguístico antecipa ou anuncia outro que ainda vai aparecer na tessitura textual, concorrendo também para a maior unidade de sentido e forma dos textos.

Com relação às informações *novas*, aquelas que cumprem a função de expansão, uma vez proferidas, são também candidatas a retornarem anaforicamente ao texto, como conteúdos conhecidos, sob nova ou outra função sintática. No trecho (1), o complemento adverbial destacado no terceiro período (*Mais tarde, θ matricula-se na Escola Politécnica do Rio, transferindo-se depois para a Escola Militar*) é retomado no período seguinte na função de complemento nominal, integrando o sentido do adjetivo *expulso*: *Positivista e republicano, θ desacata o então Ministro da Guerra, sendo expulso do estabelecimento em 1888*. No período seguinte, o sintagma preposicionado (SPrep) *em 1888* é retomado anaforicamente em outro SPrep – *no ano seguinte*.

Vejamos agora como a distribuição e o fluxo da informação são processados no seguinte fragmento literário:

(2) “*No dia seguinte, como eu estivesse a preparar-me para descer, entrou no meu quarto uma borboleta, tão negra como a outra, e muito maior do que ela. Lembrou-me o caso da véspera, e ri-me; [...] A borboleta, depois de esvoaçar muito em torno de mim, pousou-me na testa. Sacudi-a, ela foi pousar na vidraça; e, porque eu a sacudisse de novo, θ saiu dali e θ veio parar em cima de um velho retrato de meu pai.*”

(In: ASSIS, Machado de. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. São Paulo: Abril Cultural, 1978, p. 62.)

Em (2), encontra-se uma passagem, em primeira pessoa, sobre a experiência do poeta com uma borboleta azul. Na primeira ocorrência desse referente, temos uma ordem inversa – verbo + sujeito (*entrou no meu quarto uma borboleta, tão negra como a outra, e muito maior do que ela*). Esse “novo ser”, embora sintaticamente na função de sujeito, ocorre no lugar do complemento, da novidade, do objeto; trata-se de uma informação nova (ratificada pelo uso do adjunto adnominal *uma*), ainda desconhecida. Em seguida, esse referente é retomado anaforicamente no SN sujeito *a borboleta*, agora com o artigo definido, pois já não se trata mais de um ser desconhecido, novo, mas sim de um referente dado. No período seguinte, a borboleta é expressa pelo pronome oblíquo *a*, na função de complemento verbal, em duas ocasiões (*Sacudi-a; porque eu a sacudisse*), pelo pronome reto *ela*, como sujeito (*ela foi pousar na vidraça*) e, por fim, em mais duas ocasiões, com anáfora zero (*θ saiu dali e θ veio parar em cima de um velho retrato de meu pai*).

ATIVIDADE



Atende ao Objetivo 1

1. Há ocasiões em que o sentido do texto é construído pelo leitor. Textos com esse nível de elaboração exigem que se lance mão de conhecimentos adquiridos anteriormente e estabeleçam-se relações cujas pistas o próprio texto oferece em sua superfície.

a) Leia atentamente os versos iniciais da música “Comida”, de autoria de Arnaldo Antunes, Marcelo Fromer e Sérgio Brito, e comente sobre o sentido do terceiro e do quarto versos para o leitor, levando em conta o comentário anterior:

bebida é água.
 comida é pasto.
 você tem sede de quê?
 você tem fome de quê?

b) Leia o enunciado abaixo e comente a respeito do movimento de expansão, proporcionado pelo demonstrativo “este”.

“Essa história de usar nomes falsos para relatar fatos me aborrece. Por isso, este meu relato vai com todos os nomes e sobrenomes.”

RESPOSTA COMENTADA

a) Nos versos destacados, o leitor é “chamado”, é convidado a responder à pergunta do escritor: a sede e a fome são de quê? O sujeito **você**, que morfologicamente se constituiu num pronome de tratamento, a pontuação interrogativa, num tipo de “pergunta retórica” (aquela que não requer resposta efetiva) e a organização sintática de ambos os versos, com a posposição do SPrep **de quê**, constituem marcas do convite referido.

b) A anáfora tem como função 'lembrar'. É o termo usado em um texto para lembrar ou retomar algo que já foi dito. Ao contrário da anáfora, a catáfora tem a função de anunciar o que vai ser dito. Esses termos são estudados em coesão textual. Por exemplo, a gramática tradicional diz que o demonstrativo 'este' é catafórico, porque deve referir-se a algo que será apresentado; e 'esse' é anafórico, porque se refere a algo que já foi anunciado no texto ou no contexto.

SEQUÊNCIAS TIPOLÓGICAS

De acordo com Marcuschi (2002), os diversos textos que circulam na comunidade linguística são compostos por *sequências tipológicas*, definidas como arranjos estruturais portadores de determinadas marcas específicas. Entre essas marcas se destacam as funções sintáticas e sua articulação. Assim, a narração, a descrição, a injunção e a dissertação/argumentação são tratadas como espécies de sequências tipológicas que, combinadas ou não em maior ou menor grau, formam os variados textos, os produtos linguísticos materializados que circulam no trato social.

Assim posto, consideramos que as pessoas não produzem frases ou orações de modo isolado, nem falando, nem escrevendo. O que elas fazem é produzir sequências em que relatam fatos, descrevem pessoas, objetos ou situações, pedem ou fazem apelo, expressam sua opinião, entre outros propósitos comunicativos.

Ler e escrever, portanto, é trabalhar com a decodificação e a codificação dessas sequências; a habilidade em sua elaboração e combinação será, segundo o mesmo autor, fundamental para o aprimoramento da competência comunicativa. E conhecer como as funções sintáticas oracionais concorrem para a elaboração dessas sequências é um importante instrumento para as habilidades de produção e de análise de textos.

Vejamos, a seguir, como algumas dessas sequências referidas por Marcuschi (2002) organizam-se em relação às funções sintáticas oracionais. Os trechos de modalidade escrita ilustrados são provenientes do banco de dados “*Corpus Discurso & Gramática*”, disponibilizados no *site* www.discursoegramatica.lettras.ufrj.br. Trata-se de materiais

produzidos por estudantes do Ensino Superior; esses textos não passaram por revisão ou correção, portanto, são apresentados tais como produzidos, razão pela qual alguns trechos trazem desvios em relação à norma culta escrita.

Narrativa

Trechos narrativos são caracterizados pela articulação de um relato, em torno de constituintes verbais indicadores de ação ou de mudança, geralmente no pretérito. Nesses trechos, informações sobre lugar e tempo são fundamentais, como componentes do *fundo narrativo*, do conjunto de dados subsidiários, mas nem por isso menos relevantes, que auxiliam na construção do cenário textual para a ação que se desenvolve, a *figura narrativa*, conforme Givón (2001).

Caracterizam, portanto, essas sequências a presença de sujeitos humanos e agentes (em orações de voz ativa), bem como a ocorrência de predicados verbais, além de complementos e adjuntos adverbiais, referentes às informações sobre espaço, tempo e modo das ações relatadas.

No relato a seguir, exemplifica-se tal articulação:

(3) *“Depois do bar, nós resolvemos ir para casa, no Grajaú. Eu peguei o carro e fui dirigindo alucinadamente até que no Rebouças, um Voyage surgiu na minha frente e eu não pude desviar. Depois da batida, eu perdi a direção do carro e ele foi se arrastando uns cem metros pelo paredão do túnel. A Andréia que estava do meu lado e com o vidro aberto, ficou desesperada, porque além do nervosismo da batida, a fuligem e a sujeira do paredão voou toda na cara dela e ela estava toda preta. Ela começou a gritar para eu tirar o carro dali e ir embora, só que o carro não andava de jeito nenhum.*

Depois de várias tentativas, eu saí do carro para pedir socorro e comecei a andar pelo túnel, mais na frente eu encontrei um carro parado e fui conversar com seu motorista:”

O relato apresentado no fragmento (3) gira em torno de um sujeito humano, agente, que é o próprio narrador, e de um acidente ocorrido consigo, uma batida de carro, o que justifica a presença constante do *eu*. Essa primeira pessoa do singular perpassa todo o trecho destacado, encontrando-se do início (*Eu peguei o carro e fui dirigindo alucinada-*

mente) ao fim (*eu encontrei um carro parado e fui conversar com seu motorista*) de (3). Por vezes, a função de sujeito é exercida por outros constituintes, como em: a) *um Voyage surgiu na minha frente e ele foi se arrastando uns cem metros pelo paredão do túnel*, em que se tematiza o carro que vinha na direção contrária, o motivo do acidente contado; b) *A Andréia [...] ficou desesperada e Ela começou a gritar*, momentos nos quais o relato se volta para a acompanhante do narrador.

Os predicados que estruturam a narrativa são organizados em torno do tipo “verbal”, em consonância com a marca da ação, da dinamicidade que caracteriza essa sequência tipológica. Assim, o sujeito *eu*, o mais frequente e em torno do qual é centrado o relato, tende a ser agentivo, praticando ações, como em *Eu peguei o carro e eu saí do carro*; já os sujeitos *Andréia* e *carro*, que não são os centrais, têm agentividade mais baixa, como em *Ela começou a gritar e um Voyage surgiu na minha frente*.

Quando o narrador para sua história para inserir comentários descritivos, de função secundária, que auxiliam a compor a cena, encontramos o predicado nominal (*A Andréia [...] ficou desesperada*) e predicado verbal negativo, de uso mais raro (*o carro não andava de jeito nenhum*), em que verificamos dupla negação, por meio de *não* e de *nenhum*.

Também por conta da sequência de base narrativa, encontramos no trecho apresentado três informações relativas ao momento da ação codificadas como adjunto adverbial temporal em posição inicial (*depois do bar; depois da batida; depois de várias tentativas*), além de informações sobre o local do acidente também na função de complemento (*para casa; dali*) ou adjunto adverbial (*no Grajaú; no Rebouças*).

ATIVIDADE



Atende ao Objetivo 2

2. Texto:

Notícia de jornal

Tentou contra a existência num humilde barracão
 Joana de tal por causa de um tal João
 Depois de medicada retirou-se pro seu lar
 Aí, a notícia carece de exatidão
 O lar não mais existe, ninguém volta ao que acabou

Joana é mais uma mulata triste que errou
Errou na dose, errou no amor
Joana errou de João
Ninguém notou, ninguém morou
Na dor que era o seu mal
A dor da gente não sai no jornal
(...)
(Haroldo Barbosa e Luiz Reis)

a) Quanto à sequência tipológica, como podemos classificar o texto acima? Comente.

b) Além dos personagens, há alguém que conta a história. O narrador participa dos acontecimentos? Ele se mostra ao leitor? Como ele se posiciona em relação ao tempo dos acontecimentos? Justifique suas respostas com indicadores gramaticais.

RESPOSTA COMENTADA

a) O texto é narrativo, pois apresenta um relato centrado num fato ou acontecimento; há personagens atuando e um narrador que relata a ação. Há a presença de outros elementos como tempo, ambiente que trabalhados em conjunto permitem a simulação de uma história que reflita uma dada realidade, algo que não é verdadeiro, mas parece ser; não aconteceu, mas poderia ter acontecido.

b) Trata-se de um narrador-observador, alguém que conta a história "de fora"; os personagens são a terceira pessoa do discurso, ou seja, de quem se fala. Temos, assim, uma narrativa em terceira pessoa (verbos e pronomes são indicadores gramaticais das pessoas do discurso; tentou, retirou-se, Joana é.). O narrador conta fatos já acontecidos, perfeitamente concluídos (daí o uso do pretérito perfeito do indicativo: tentou, retirou-se...).

Descritiva

Este tipo de sequência tem como característica estrutural maior a presença de verbos de estado, em geral no presente ou imperfeito do indicativo. Devido a essa característica, trechos descritivos são em geral organizados em torno de predicados nominais e verbais, estes sem sua marca típica de ação. Informações sobre espaço tendem a acompanhar as sequências descritivas, como *fundo* para a localização do objeto da descrição (pessoa, animal, objeto, sensação, entre outros), ou como *figura*, quando o lugar é, ele mesmo, o tema descrito.

Em (4), a seguir, ilustramos o modo de organização padrão da sequência descritiva:

(4) “O lugar que mais gosto de ficar é a sala, sentada nesta cadeira preta, escutando música, ou então na rede. A sala não tem muitos móveis, só uma rede, uma mesinha de metal preta, uma cadeira de couro e madeira, quatro de metal preto que geralmente ficam fechadas e esta cadeira que eu gosto. Tem também um aparelho de som, uma televisão e um carrinho de televisão. Tem vídeo e uma estante de madeira baixa, com dois porta-retratos e um vasilho de louça. Tem também uma bicicleta ergométrica e um monte de caixas. O chão é de taco e não tem tapete.”

(Corpus Discurso & Gramática)

Como podemos observar, o texto descritivo anterior organiza-se basicamente em torno de um dos cômodos da casa da emissora – a sala, que constitui o tema da descrição. Após o primeiro período, em que *a sala* aparece como informação nova, esse referente passa a assumir a função de sujeito, como elemento já conhecido. Nessa função, sua primeira ocorrência é plena, por intermédio de SN (*A sala não tem muitos móveis*); após, como anáfora zero, é retomado elipticamente em sucessivas construções (*Tem também um aparelho de som*; *Tem vídeo*; *Tem também uma bicicleta ergométrica*). São possíveis ainda duas outras interpretações desses trechos:

- podemos considerar que as muitas ocorrências de *tem* + SN constituem oração sem sujeito, em que *ter*, à semelhança de *haver*, como variante mais popular do que esta, funciona como verbo existencial. Essa interpretação é favorecida pelo argumento de que, na descrição, o que importa são os traços ou componentes da pessoa ou objeto descrito;

- podemos ainda, numa alternativa mais próxima à tradição gramatical, considerar essas construções como do tipo VS, em que o SN posposto atua como sujeito de *tem*.

Do ponto de vista dos predicados que organizam (4), temos uma profusão de sintagmas verbais em torno do referido *ter* existencial, no presente do indicativo, concorrendo para o sentido estático e apresentativo que caracteriza as descrições em geral. Por vezes, surge o predicado nominal (*que geralmente ficam fechadas; O chão é de taco*), concorrendo também para a composição do quadro descrito.



ATIVIDADE

Atende ao Objetivo 2

3. Leia o texto abaixo:

Anúncio de João Alves

À PROCURA DE UMA BESTA

A partir de 6 de outubro do ano cadente, sumiu-me uma besta vermelho-escuro com os seguintes característicos: calçada e ferrada de todos os membros locomotores, um pequeno quisto na base da orelha direita e crina dividida em duas seções em consequência de um golpe, cuja extensão pode alcançar de 4 a 6 milímetros, produzido por jumento.

(...)

João Alves Júnior

(Fonte: http://radiomec.com.br/70anos/70anos_quadra.asp)

a) Com relação ao anúncio que João Alves fez publicar, como você o classificaria segundo o tipo de composição? Comente.

Faça a leitura do texto abaixo com bastante atenção:

Clarinete

Um elemento clássico e imprescindível num concerto, o clarinete, com seu timbre aveludado, é o instrumento de sopro de maior extensão sonora, pelo que ocupa na banda de música o lugar do violino na orquestra.

(...)

Sua cor é confundivelmente marrom, havendo partes onde se encontra uma sensível passagem entre o castanho-claro e o escuro, é facilmente desmontável, o que lhe confere a propriedade de caber numa caixinha de quarenta e cinco centímetros de comprimento e dez de largura.

(Fonte: <http://www.algosobre.com.br/redacao/descricao-com-exemplos.html>)

b) Com base no texto acima e no que foi apresentado nesta aula, faça uma análise a respeito da sequência tipológica e da estrutura gramatical que sustenta esse texto.

RESPOSTA COMENTADA

a) *Trata-se de um texto em que o autor, por meio de detalhes bem característicos, descreve um animal perdido. Embora seja utilizada uma linguagem bastante original, trata-se de uma descrição objetiva, chegando a lembrar uma descrição técnica, pois o autor não emite juízos de valor.*

b) *A descrição apresenta uma gramática muito peculiar: predominam as frases nominais, as orações centradas em predicados nominais; os adjetivos ganham expressividade tanto na função de adjunto adnominal quanto na de predicativo; os períodos são curtos e prevalece a coordenação; quando há subordinação, predominam as orações adjetivas (adjuntos adnominais de um substantivo).*

Injuntiva

Como as sequências injuntivas caracterizam-se pela função de comando ou incitação, predicados verbais, em torno de formas imperativas ou de convocação, frases exclamativas e vocativos, entre outras, são estratégias sintáticas usadas nesses trechos. A marca própria da injunção é o traço dialógico ou interacional, uma vez que, para haver comando ou incitação, é pressuposta a presença do interlocutor, que tanto pode estar ausente, como leitor, na modalidade escrita, ou presente, nos textos orais.

Vejamos, em (5), um exemplo desse tipo de sequência:

(5) *“A última foi agora; os deputados aprovaram uma verba de Cr\$ 250.000.000,00 para tratamento dentário, como se o salário deles já não fosse suficiente! Eles deviam saber e contar nos dedos quem trata*

dos dentes no país. Chega dessas imagens de corrupção até mesmo com os nossos maiores governantes. O Brasil precisa crescer se não for agora quando será?

Vamos nos permitir, vamos valorizar a educação e pensar que a economia de um país pra ficar bem na balança primeiramente tem de exportar mais e importar menos. Como um país não pode consumir mais do que exporta. Se dá esse problema. Lógico que existe outros problemas econômicos entre eles estão: Especulação, Empresário, Sonegações de impostos etc... Acorda Brasil!!!”

(Corpus Discurso & Gramática)

O fragmento anterior é a parte final de uma dissertação sobre a situação política do Brasil no final dos anos 1990. O emissor, indignado com o quadro nacional, faz uma verdadeira conclamação a que a população brasileira tome atitude. Para essa convocação:

a) chama o interlocutor para o texto, com o uso do sujeito *nós* em predicados de comando (*Vamos nos permitir, vamos valorizar a educação*);

b) usa ironicamente a exclamação (*como se o salário deles já não fosse suficiente!*);

c) lança mão de formas imperativas (*Chega dessas imagens de corrupção*) e de vocativo, na finalização do texto (*Acorda Brasil!!!*).

Nesse momento final, como numa verdadeira “apoteose”, o autor utiliza três significativos recursos para marcar sua indignação: o vocativo, o imperativo e a tripla pontuação exclamativa; trata-se de uma combinação de recursos, envolvendo a prosódia, a morfologia e a sintaxe, que cria esse interessante efeito de sentido.



ATIVIDADE

Atende ao Objetivo 2

4. De acordo com o que foi apresentado a respeito das características de textos injuntivos, diga se o provérbio abaixo é um exemplo dessa sequência tipológica e fundamente sua resposta.

É dando que se recebe.

RESPOSTA COMENTADA

O enunciado *É dando que se recebe* não é uma sequência injuntiva/instrucional, dado que não tem características formais deste tipo de sequência (os imperativos, os circunstanciais de fim, a enumeração de procedimentos aparecem na construção) e também não tem função discursiva injuntiva ou instrucional, dado que lhe falta o caráter impositivo/obrigatório aos procedimentos visados (neste caso, a compra do produto).

Dissertativa/argumentativa

Embora se possa fazer distinção entre dissertação e argumentação, na base de que a primeira resume-se na exposição de ideias ou pontos de vista e a segunda na tentativa de convencimento dessas ideias, vamos aqui nos alinhar àqueles que tratam dissertação e argumentação como faces da mesma moeda. Esse entendimento reside no fato de que, ao expormos opinião, já estamos, de fato, num processo de persuasão, com vistas à adesão de nosso(s) interlocutor(es).

Os trechos argumentativos, de acordo com Marcuschi (2002), caracterizam-se por terem como forma verbal precípua o verbo *ser* no tempo presente seguido de um complemento, que atua como atributo, na formação do predicado nominal. Trata-se de sequências que expressam juízo de valor ou opinião. Como os objetos da argumentação são mais abstratos – pontos de vista e argumentos, as formas linguísticas usadas nessas sequências também se encontram assinaladas pela marca da abstratização, na estreita relação entre sentido e sua expressão. Assim, essas sequências são organizadas, em geral, em torno de sujeitos e predicados

também mais abstratos, fora do uso considerado mais padrão ou regular dessas funções.

Em (6), ilustramos o comentário:

(6) “*Neste momento, o Brasil atravessa a maior de todas as crises econômicas pelas quais já passou. Apesar da economia estar demonstrando uma pequena melhoria nos últimos meses, a inflação assim como o desemprego continuam muito altos, mostrando que o país não se recuperou da devastação do governo Collor.*

[...]

Hoje em dia, eu vejo que uma pessoa entrando no mercado de trabalho tem muito menos chances de conseguir um resultado satisfatório do que meus pais tiveram a trinta anos atrás na década de sessenta. Não é nada agradável saber que a gente vai ter de trabalhar muito para ganhar um mínimo para poder viver razoavelmente.”

(*Corpus Discurso & Gramática*)

No fragmento (6), aborda-se a situação econômica do Brasil. No primeiro parágrafo, num ponto de vista mais “neutro”, com o uso da terceira pessoa, encontramos na função de sujeito os SNs *o Brasil, a economia, a inflação assim como o desemprego e o país*. Trata-se de referentes genéricos, que também se relacionam coerentemente com os predicados em que se organizam, sejam esses predicados os verbais com pouco ou nulo conteúdo de ação (*atravessa a maior de todas as crises econômicas; não se recuperou da devastação do governo Collor*) seja o predicado nominal (*continuam muito altos*).

No segundo parágrafo, o emissor assume perspectiva pessoal, em que sua opinião ganha contorno mais subjetivo. Sujeitos humanos agora são trazidos ao texto, como os codificados pelos sintagmas *eu, a gente* (= nós) e *meus pais*. Por outro lado, mantém-se o traço da generalização nos complementos verbais (objetos diretos) sob forma de SN cujo determinante é artigo indefinido (*uma pessoa, um resultado, um mínimo*).

Como o ponto de vista é a respeito de um determinado período do país, os dois parágrafos em análise são abertos por adjunto adverbial de tempo (*Nesse momento; Hoje em dia*), num tipo de ordenação contrastiva em relação ao lugar padrão de ocorrência dessa função sintática – ao final da oração ou período. Assim, trazidos em primeiro lugar no texto, esses sintagmas fazem com que a informação sobre o período abordado funcione como uma “moldura”, na qual o emissor apresenta seus pontos de vista e argumentos.



ATIVIDADE

Atende ao Objetivo 2

5. Leia com bastante atenção o texto abaixo:

O Pão Nosso

Pode haver revolta. Mas é improvável que o caminho da mudança no Brasil seja aberto com explosões sociais. A energia que pode ser usada agora para fazer um futuro diferente está, aparentemente, em outras fontes de transformação. Porque há mudança no Brasil. Ela não corre, mas anda. Não corre, mas ocorre.

Seus sinais estão, por exemplo, no melhoramento das cidades em plena crise da administração federal, no basta à corrupção e no movimento pela ética na política, na emergência de movimentos em favor da mulher, da criança ou da ecologia, no antirracismo. São antídotos contra a cultura autoritária que sempre ditou a receita do desastre social. Eles estão na confluência de duas tendências. Parte da elite não quer viver no apartheid sul-africano. E cada vez mais pobres querem sua cota de cidadania. Essa maré vai empurrando a democracia da sociedade para o Estado, de baixo para cima, dos movimentos sociais para os partidos e instituições políticas.

(...)

(SOUZA, Herbert de. O Pão Nosso. *Veja* 25 anos – Reflexão para o futuro. São Paulo. Abril, 1993, p.15-21.)

a) Ao ler esse fragmento, que marcas linguísticas o identificam como formado basicamente por sequências do tipo dissertativo/argumentativo?

b) Qual é a tese defendida pelo articulista do texto?

RESPOSTA COMENTADA

a) Quanto aos aspectos formais, esse fragmento organiza-se em torno de verbos no presente do indicativo, o que demonstra não haver progressão temporal; elementos verbais mais “estativos” como estão, é, há são exemplos desses usos que caracterizam as sequências dissertativo/argumentativas. Os conceitos são genéricos, abstratos, articulados por intermédio de substantivos como revolta, energia, cidadania, entre outros, e de adjetivos como improvável, sociais ou diferente, entre outros.

b) A tese que será desenvolvida pelo autor aparece no primeiro parágrafo: O caminho para a mudança no Brasil não são as explosões sociais, mas sim as transformações sociais.

CONCLUSÃO

Nesta aula, tratamos da relação entre os elementos linguísticos, sua estrutura e funcionalidade, e as sequências tipológicas em que estão inseridos. Vimos ainda que as funções sintáticas são fundamentais para a configuração da tessitura textual, uma vez que as sequências organizam-se em torno da combinação de sujeitos e de seus predicados. Nessa relação, os processos anafóricos ganham destaque, na vinculação do que já foi mencionado e do que se menciona.

ATIVIDADE FINAL

Atende aos Objetivos 1 e 2

Observe o seguinte trecho inicial de um conto folclórico:

O caboclo, o padre e o estudante

Um estudante e um padre viajavam pelo sertão, tendo como bagageiro um caboclo. Deram-lhes numa casa um pequeno queijo de cabra. Não sabendo dividi-lo, mesmo porque chegaria um pequenino pedaço para **cada um**, o padre resolveu que **todos** dormissem [...]

(In: CASCUDO, Luís da Câmara. *Contos tradicionais do Brasil*. Belo Horizonte/ São Paulo: Itatiaia/Edusp, 1986, p. 213.)

a) Indique os referentes dos termos destacados no trecho do conto:

b) Como esses termos destacados concorrem para a organização textual?

c) Com base nas marcas linguísticas do fragmento, classifique a sequência tipológica articulada, justificando sua resposta.

RESPOSTA COMENTADA

a) Lhe: *Um estudante, um padre e um caboclo (ou em outra ordem).*

Lo: *Pequeno queijo de cabra (ou somente queijo de cabra; ou queijo).*

Cada um: *O estudante, o padre e o caboclo (ou em outra ordem).*

Todos: *O estudante, o padre e o caboclo (ou em outra ordem).*

b) Ao promover relações anafóricas, de recuperação de referentes já surgidos no texto, esses termos concorrem para a manutenção da unidade temática, da coesão e da coerência textuais.

c) As marcas linguísticas definem a sequência como narrativa. Os verbos de ação no pretérito, como viajavam, deram e resolveu, bem como a ordenação de ações em ordem cronológica e o uso de sujeitos que praticam ação (um estudante e um padre) são marcas desse tipo de sequência.

RESUMO

Como mostramos nesta aula, diferentes níveis de elaboração linguística resultam em diferentes sequências tipológicas. Vimos que nas sequências descritivas, a ordenação dos fatos ou episódios não é relevante. As sequências narrativas, ao contrário, caracterizam-se justamente pela evolução dos fatos, pela mudança de estado, pelas relações de consequência. Sequências tipológicas injuntivas ou instrucionais têm por objetivo instruir o leitor/ouvinte sobre alguma coisa, por isso, as formas verbais mais frequentemente são empregadas no modo imperativo. Por fim, a classificação de um texto como do tipo dissertativo recobre características textuais de duas naturezas: por um lado, temos o tipo expositivo, que apenas expõe ideias, por outro lado, o tipo argumentativo, que objetiva convencer o interlocutor sobre a validade das ideias.

Introdução à sintaxe do texto falado

Ivo da Costa do Rosário
Mariangela Rios de Oliveira

AULA

16

Metas da aula

Apresentar e analisar a organização do texto falado e do escrito em Língua Portuguesa, a partir das características específicas da modalidade oral.

objetivos

Esperamos que, ao final desta aula, você seja capaz de:

1. identificar as marcas estruturais dos textos falados, relacionando-as com as condições específicas de produção da oralidade;
2. estabelecer pontos em comum e de contraste entre a organização da fala e da escrita em textos do Português, levando em conta as funções sintáticas descritas pela tradição gramatical.

INTRODUÇÃO

Nas aulas anteriores, apresentamos, analisamos e discutimos as funções sintáticas oracionais, com base na descrição da tradição gramatical. Tratamos também de como essas funções concorrem para a organização textual, da importância de sua articulação na estruturação linguística dos textos que lemos e produzimos, de modo geral.

Mas até aqui privilegiamos uma modalidade de expressão – a escrita. Isso quer dizer que praticamente tudo o que estudamos nas aulas passadas se aplica, e muito bem, à língua escrita.

E o que dizer da fala? Como se organizam sintaticamente os textos orais? Até que ponto os conteúdos das aulas anteriores dão conta dos textos falados? Aliás, o que é e como se define a fala?

Nesta aula, vamos procurar responder a essas e outras questões. Vamos abordar essa modalidade tão “natural” e espontânea, mas também ainda tão pouco conhecida e abordada pelo ensino de Língua Portuguesa – a modalidade falada! Vamos lá?!

MODALIDADE FALADA – CONTEXTUALIZAÇÃO

A fala é a modalidade considerada inicial e mais espontânea em relação à escrita. De acordo com Marcuschi (2001, p. 18), é “adquirida naturalmente em contextos informais do dia a dia e nas relações sociais e dialógicas que se instauram desde o momento em que a mãe dá seu primeiro sorriso ao bebê”.

Usada para fins comunicativos mais imediatos, a modalidade falada é expressa por meio de sons e vale-se também de outros recursos, como gestos, expressão fisionômica, movimentação corporal, recursos de **ENTOAÇÃO** (alongamento, pausa), entre outros.

O termo “**ENTOAÇÃO**” (ou “**entonação**”) refere-se ao modo com que se pronunciam palavras ou frases na modalidade falada. Assim, aspectos como alongamento e tonicidade (jogo de sílabas átonas e tônicas), além de outros, são marcas entoacionais.

Embora seja a modalidade mais básica e elementar do uso linguístico, em face da escrita, a fala passou a ser objeto de estudo e de ensino mais recentemente. No Brasil, coube ao Projeto NURC (Projeto de Estudo da Norma Linguística Urbana Culta), nos anos 70 do século XX, o início do levantamento e da pesquisa sistemática e rigorosa da língua falada em nosso país. Se levarmos em conta a longa e tradicional história dos estudos de língua escrita, concluímos, de fato, que a fala, somente há algumas décadas, tem sido descrita e analisada de modo mais sistemático e rigoroso. No Brasil, desde o NURC, uma série de projetos tem contribuído para o levantamento e a pesquisa sistemática

da modalidade falada, como o PEUL (Programa de Estudos sobre o Uso da Língua), o VARSUL (Variação Linguística na Região Sul do Brasil), entre muitos outros.



O Projeto NURC tinha inicialmente o objetivo de documentar e descrever a norma objetiva do Português culto falado em cinco capitais brasileiras: Porto Alegre, São Paulo, Rio de Janeiro, Salvador e Recife. A partir de 1985, o escopo do projeto foi ampliado, no sentido de observar outros aspectos, tais como: análise da conversação, análise da narrativa, análise sociopragmática do discurso e outros. Para conhecer melhor o projeto, você pode acessar o *site* <http://www.lettras.ufrj.br/nurc-rj/>

PROPRIEDADES DO TEXTO FALADO

Com o avanço desses estudos, uma série de propriedades, atribuídas aos textos falados, foram levantadas e estudadas com mais rigor. Tais propriedades vinculam-se diretamente à organização sintática específica desses textos e constituem-se no que chamamos de “sintaxe do texto falado”. Para exemplificar as propriedades referidas, vamos usar nesta aula exemplos extraídos do banco de dados “Corpus Discurso & Gramática”, disponibilizados no *site* www.discursioegramatica.lettras.ufrj.br. Vamos partir de textos produzidos por estudantes da cidade de Niterói, no Rio de Janeiro.

Para demonstrar e ilustrar as propriedades do texto falado, vamos trabalhar inicialmente com o depoimento a seguir, em que o estudante universitário Aydano comenta sobre a orla de Niterói. O entrevistador pede que o jovem descreva um local em que gosta de passear e a resposta é a seguinte:

(1) *que eu goste de passear? uhn::... bom... duran/ eh::... eu gosto muito dessa orla... daqui... da::... da Boa Viagem... que vai até o Gragoatá... eu gosto muito dessa orla daqui... bom... e é basicamente... saindo da minha casa chega na praia... tem uma subida... que vai beirando o mar... né? você:: vai subindo em direção ao MAC... tem::/ onde está o MAC... o MAC está em cima... embaixo tem... um... um::/ umas cavernas... que*

*eu gosto de ficar olhando... embaixo do museu... depois você desce...
continua eh:: agora a Prefeitura... gramou... fez um:: jardim legal ali... e
você vai olhando... depois que você passa do MAC... começa a descer...
aí tem a:: a praiazinha da Boa Viagem... que é uma praia pequena...
que também tem outra caverna... depois chega à Ilha da Boa Viagem...
que está muito bonita assim... acho que é a:: a vista mais bonita assim
da Baía... que tem é essa... é essa daqui... que você vê a boca da Baía...
a ilha... a::... a igrejinha... que fica bem de frente à entrada da Baía... o
Cristo... o Pão de Açúcar... tudo junto...*



Marcus Guimarães

Figura 16:1: Museu de Arte Contemporânea de Niterói, com o Corcovado ao fundo.
Fonte: <http://www.uff.br/saudecoletiva/creditos.php>

Como se trata de texto falado, o fragmento (1), bem como os demais que nos servem de exemplificação, é transcrito de acordo com norma específica, assim definida:

Símbolo	Significado
...	qualquer pausa
/	ruptura, truncamento
?	interrogação
::	alongamento
()	trecho inaudível
(palavra)	suposição de audição
((risos))	comentários do transcritor

A seguir, vamos apresentar e ilustrar as propriedades que caracterizam os textos falados, com base na descrição de Aydano, em (1).

Fragmentação

Um dos traços da organização sintática dos textos falados que mais chamam nossa atenção é certa impressão de “fragmentação” que tais textos nos passam. Dizemos “certa” porque nossos olhos, tão acostumados a ler textos escritos, de alguma forma familiarizaram-se com a disposição sintática dessa modalidade, estranhando, assim, tudo aquilo que foge à configuração tradicional da modalidade escrita.

Como podemos observar em (1), Aydano vai construindo sua descrição por intermédio de *frases curtas*, como se fossem pequenos “jatos de informação”. É o que ocorre, por exemplo, na sequência “eu gosto muito dessa orla daqui... bom... e é basicamente... saindo da minha casa chega na praia... tem uma subida... que vai beirando o mar”. Somente nesse fragmento, temos seis unidades, todas margeadas por pausa.

Tal forma de estruturação, típica de textos falados, é bem distinta em relação à modalidade escrita. A marca mais fragmentada da fala tem como um de seus fundamentos o fato de que, ao falarmos, vamos construindo o texto quase ao mesmo tempo em que o planejamos. O tempo de elaboração do texto falado, portanto, é menor em comparação com a elaboração da escrita. De outra parte, nosso interlocutor também precisa receber as informações em “doses” mais curtas, uma vez que está diante de nós, processando quase ao mesmo tempo em que recebe o que falamos.

Além de frases curtas, que se justapõem lado a lado, outros aspectos concorrem para a marca fragmentária do texto falado. Um deles é a *hesitação*, que se define como o momento de indecisão, em que o falante vacila diante do que diz. O alongamento (simbolizado na transcrição por ::), como traço entoacional, costuma marcar sequências de hesitação, como em: “eh::... eu gosto muito dessa orla... daqui... da::... da Boa Viagem...”. Nesse trecho, chamado a descrever o lugar de que mais gosta, o estudante hesita um pouco no início de sua fala, ao definir o espaço que lhe servirá como tema: a orla da Boa Viagem. São vários os motivos que levam à hesitação na produção de textos falados, entre os quais podemos citar: a dúvida, a tensão, o receio, a indecisão, a

desatenção, entre outros. Na escrita, a hesitação não se apresenta como traço estrutural, uma vez que ao escrever temos tempo para pensarmos, planejarmos e nos expressarmos de modo mais planejado.

Outro aspecto que concorre para a aparente fragmentação estrutural da fala é a ocorrência de *ruptura* ou *truncamento* (simbolizado na transcrição por /). Também resultante do planejamento quase imediato da oralidade, a ruptura é marca constitutiva do texto falado. Ao contrário da escrita, em que dispomos de tempo para escrever e reescrever, a fala não usa rascunho, ou seja, o que foi dito está dito.

Desse modo, diante de um equívoco ou mudança de planejamento, só resta “quebrar” a sequência e ir adiante, tal como faz Aydano em alguns trechos de sua descrição. Logo no início, o estudante diz “bom... duran/ eh:... eu gosto muito dessa orla... daqui... da:... da Boa Viagem...”, ou seja, ele abandona o projeto inicial, que seria comentar a partir de um marco temporal (interrompe a palavra *durante* na segunda sílaba), e opta por começar pela declaração direta do local de que mais gosta, a orla da Boa Viagem. Em outros três momentos, ocorrem rupturas desse tipo, que, de certa forma, nos mostram o projeto de texto de Aydano em plena elaboração; temos acesso ao que o estudante pretendia dizer, ao que abandonou e à sua opção final.

No que concerne à propriedade da fragmentação, devemos observar também que o texto falado, tal como exemplificado em (1), não é organizado em torno de períodos ou parágrafos, que são parâmetros específicos da escrita. A fala é um *fluxo contínuo*, portanto as frases encontram-se lado a lado, umas após as outras, tal como proferidas, sem a marcação de unidades maiores, próprias da escrita padrão.

Situacionalidade

Enquanto textos escritos podem ser lidos, teoricamente, em qualquer espaço e tempo, sendo, portanto, menos apoiados no contexto efetivo de sua produção inicial, textos falados são altamente contextualizados e dependentes da situação em que foram elaborados.

A primeira declaração de Aydano em (1) é “que eu goste de passear? uhn:... bom...”, que se trata da repetição da pergunta final do entrevistador. Ou seja, ele começa sua fala pela retomada da fala do seu interlocutor, na demonstração do alto grau de contextualização

do texto falado. A seguir, o estudante diz: “eu gosto muito dessa orla... daqui... da::... da Boa Viagem... que vai até o Gragoatá... eu gosto muito dessa orla daqui”. O “aqui” nos permite supor que o aluno está num local próximo ao que descreve, podendo se referir ao espaço em que é entrevistado como a própria orla da Boa Viagem, ao bairro do Gragoatá (onde fica a orla) ou à cidade de Niterói (onde fica o Gragoatá e a praia da Boa Viagem).

O mesmo ocorre quando Aydano, mais adiante, comenta: “agora a Prefeitura... gramou... fez um:: jardim legal ali...”. O estudante faz referência ao poder executivo municipal de um período determinado, no caso, o final dos anos 90 do século XX, época em que concedeu essa entrevista. Assim, os termos “agora” e “Prefeitura” tem sua referência fortemente apoiada na situação comunicativa, sendo desnecessário precisá-los mais pormenorizadamente.

Outro traço linguístico de motivação situacional é o uso do pronome “você”, como em “e você vai olhando... depois que você passa do MAC... começa a descer...”. Na verdade, esse “você”, que surge motivado inicialmente pela situação de entrevista, que em princípio é de fato o interlocutor, passa a funcionar como um tipo de pronome indefinido. Assim, o “você” é “qualquer pessoa”, alguém indistinto que, hipoteticamente, realiza as ações de *olhar*, *passar* e *começar a descer*.

Mais um aspecto motivado pela situação é o uso de “né?”. Trata-se, como outros constituintes linguísticos do tipo “sabe?”, “entende?”, “tá?”, de marcadores conversacionais, de elementos que, desprovidos de função sintática efetiva, concorrem para a articulação do texto falado. São elementos que pedem a adesão do interlocutor para o que está sendo falado, que sinalizam e orientam o movimento do texto. Sua função, portanto, não é do âmbito sintático, mas sim do nível **PRAGMÁTICO**.

Reiteração

Se, em textos escritos, o que declaramos pode ser lido e relido, o que evita repetições, na fala, pelo contrário, é mesmo necessária a reiteração, o reforço do que dizemos. Essa condição tem consequências em termos da organização estrutural da fala, uma vez que o fluxo informacional, que diz respeito aos conteúdos que estamos elaborando, segue orientado por outros parâmetros, ocasionando certa reduplicação, ou mesmo redundância.

A PRAGMÁTICA refere-se a uma abordagem linguística que leva em conta as condições contextuais, principalmente as externas ou situacionais, na elaboração dos textos, notadamente os falados. Pertence à esfera da pragmática a consideração do perfil dos interlocutores e das condições de uso linguístico (espaço, tempo, propósitos comunicativos, modalidade, entre outras).

Ao se referir à Ilha da Boa Viagem em (1), Aydano, em meio à descrição, diz: “depois chega à Ilha da Boa Viagem... que está muito bonita assim... acho que é a:: a vista mais bonita assim da Baía... que tem é essa... é essa daqui...”. Para acentuar sua opinião, acerca da beleza do local descrito, o estudante fica meio “parado” no seu texto, apenas ratificando a beleza da Boa Viagem. O que seria um tipo de “desvio” da sintaxe padrão é, em casos como esse, classificado como traço constitutivo do texto falado, ainda mais quando o que se diz tem a ver com aspectos subjetivos: o local de que se gosta mais, um fato marcante, uma defesa de opinião, entre outros. Ao descrever o local de que mais gosta em Niterói, Aydano não só faz referência a esse espaço como também acaba por ratificar e acentuar sua preferência. Para tanto, vale-se da estruturação sintática, reiterando frases que veiculam sua preferência.

Em (1), outros mecanismos reiterativos se encontram ainda em marcas contextuais, tal como vistas na seção anterior desta aula. Assim, a retomada da pergunta do entrevistador para ponto de partida da descrição, em “que eu goste de passear?”, bem como a repetição de “daqui”, em “eu gosto muito dessa orla... daqui... da::: da Boa Viagem... que vai até o Gragoatá... eu gosto muito dessa orla daqui”, concorrem para a articulação da marca reiterativa própria do texto falado.

ATIVIDADE

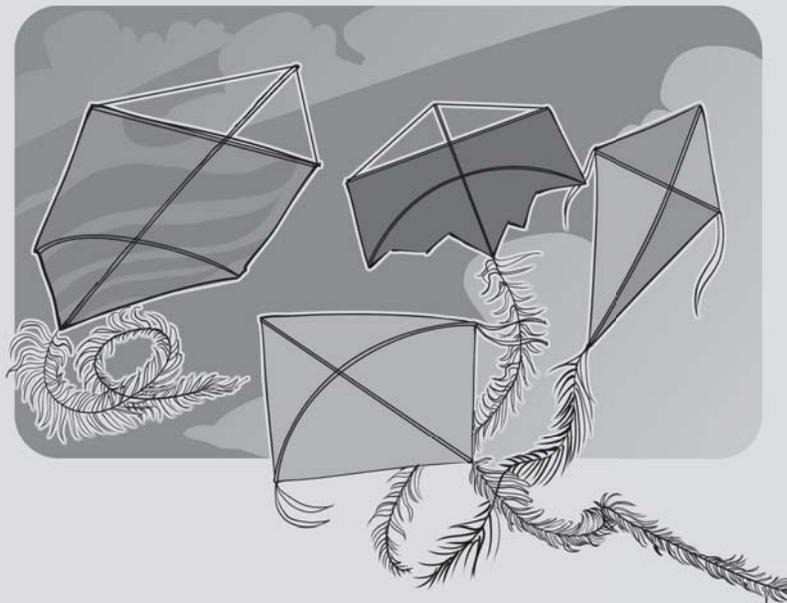


Atende ao Objetivo 1

1. Leia atentamente o texto a seguir. Trata-se do relato de procedimento de Afonso, aluno do último ano do Ensino Fundamental de Niterói, e depois responda às questões:

o que eu sei fazer é pipa... cafifa... que em Niterói é mais conhecida como cafifa... tem vários tipo de cafifa... pião... raia... morcego... cortadeira... baratinha... são vários tipo de cafifa... pra faze ... (panhá) um bambu... bambu... corta (no) tamanho que você quer a cafifa... corta... vai afinando a vareta... até ficar no ponto certo... aí você quer fazer um pião? você afina duas varetas... quer fazer um morcego? afina três... baratinha? são duas e uma pequenininha... raia? é uma/ é uma em pé e a outra envergada... a cafifa que eu mais gosto de fazer é o pião... você pega duas varetas... fica o formato duma cruz... passa uma linha nas beiras... na ponta da/ vem traçando as linhas... aí depois você pega a folha da cor que você quiser...

folha... tesoura... cola... e corta em volta/ () cola o papel na vareta... corta... ne/ em direção na/ das linhas assim... passa a cola... cola... depois está pronta pra soltar...



a. Destaque exemplos da propriedade de fragmentação no texto de Afonso, em termos de frases curtas e ruptura ou truncamento:

b. No relato do aluno, não há praticamente marcas de hesitação, que costumam ser tão próprias do texto falado. Aponte pelo menos uma justificativa para essa ausência.

c. Em *aí depois você pega a folha da cor que você quiser*, como podemos interpretar o uso do pronome “você”, em termos da propriedade de situacionalidade?

d. Embora o relato tenha progressão informacional evidente, em que Afonso vai enumerando os tipos de “cajifa” e os modos de fazê-las, há marcas da reiteração, próprias do texto falado. Aponte uma das passagens, no relato do aluno, marcada por essa propriedade:

RESPOSTA COMENTADA

a. Exemplo de frases curtas: **a cafifa que eu mais gosto de fazer é o pião... você pega duas varetas... fica o formato duma cruz... passa uma linha nas beiras...** (na verdade, todo o texto é articulado em termos de pequenas frases, que, juntas, compõem o relato).
Exemplo de ruptura ou truncamento: **passa uma linha nas beiras... na ponta da/ vem traçando as linhas... e e corta em volta/ () cola o papel na vareta.**

b. Uma justificativa plausível para a ausência de hesitação está no fato de que o aluno relata algo de que gosta e sabe fazer muito bem, que é a cafifa. Ele escolheu o tema, tem experiência na confecção dos vários tipos de cafifa e, por isso, fala com desenvoltura e tranquilidade. Essas condições concorrem para que Afonso não hesite em sua fala, sendo claro, seguro e objetivo.

c. Esse pronome, inicialmente apoiado no contexto da situação comunicativa, referindo-se ao entrevistador, passa a ser usado para referência indefinida. Em outras palavras, no trecho destacado, Afonso não se dirige ao interlocutor, mas sim a todos aqueles que querem fazer uma cafifa. Trata-se, portanto, de uma função indefinida do pronome, e não mais de tratamento.

d. Em **tem vários tipo de cafifa... pião... raia... morcego... cortadeira... baratinha... são vários tipo de cafifa...**, temos um caso de reiteração, em que Afonso destaca a diversidade de tipos de cafifa. Outro fragmento marcado pela reiteração é **...aí depois você pega a folha da cor que você quiser... folha... tesoura... cola...**, com o destaque para os materiais usados na confecção da cafifa.

SINTAXE DO TEXTO FALADO E DO ESCRITO

Até aqui, abordamos o texto falado, sua caracterização e propriedades mais específicas. Nesta seção, vamos tratar comparativamente das duas modalidades, na demonstração do que ambas têm de distinto e de comum, em termos de organização sintática.



Para tanto, vamos assistir a um vídeo muito esclarecedor das relações e distinções entre as modalidades falada e escrita. Trata-se de uma entrevista do professor **LUIZ ANTÔNIO MARCUSCHI**, um dos mais importantes pesquisadores brasileiros nesta área: <http://www.youtube.com/watch?v=XOzoVHyiDew>

Vamos apoiar nossos comentários em dois textos correspondentes, produzidos pela estudante niteroiense Isabelle, em versão falada e escrita. Os textos são elaborados com base no mesmo tema e tipo. Trata-se de relatos de opinião acerca da violência, assunto escolhido pela aluna, que estava na última série do Ensino Fundamental à época da produção dos textos. A partir do texto falado, a aluna produziu a versão escrita.

Texto falado

(2) *bom... a violência aqui... no bairro... que é mui::ta... durante o dia não tem tanto... mas... à noite... tem bastante... ah... de vez em quando à noite você escuta muito ti::ro... você não... pode sair à noite depois de dez horas... poder até pode... mas... é perigoso... um peda/nesse pedaço assim... é... é perigoso... um pedaço aqui dol/da frente do colé::gio... atrás do colégio assim é perigoso... porque... de vez em quando... sai bastante tiro... inclusive... semana passada ou retrasada no horário de aula aqui... morreu um cara aqui na frente... tomou tiro aqui na frente... tomou tiro aqui na frente... aí... tinha muitos alunos em aula... muitos alunos no colégio e o/os alunos não podiam... passar do portão pra fora... por causa do... do perigo... né? e muitos que já tinham ido embora tinham que não podiam voltar porque... se não o::la polícia acabaria perguntando se... se o::/os alunos do colégio... são testemunhas... né? porque estuda aqui... aí eu acho que é muita violência... tem muito ti::ro... eu acho que isso deveria mudar porque... se... de noite está assim... daqui a pouco... vai ser até na/là luz do dia... vai ter assim muito tiro... muita violência... esse bairro aqui eu acho que tinha que mudar...*

Texto escrito

(3) *O Relato de opinião é sobre a violência no bairro de Santanna que é bastante. À noite, depois de 10:00 hs você sai de casa com medo,*

LUIZ ANTÔNIO MARCUSCHI possui doutorado em filosofia da linguagem (1976) e pós-doutorado em questões de oralidade e escrita (1987), ambos realizados na Alemanha.

Na UFPE, criou o Núcleo de Estudos Linguísticos da Fala e Escrita (NELFE). Tem várias publicações, muitas delas explorando temas pioneiros na área da linguística. É autor dos livros *Análise da conversação*; *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*; *Fenômenos da linguagem: reflexões semânticas e discursivas*; *Cognição, linguagem e práticas interacionais* e autor nas seguintes obras (dentre outras): *Conversas com linguistas*; *Gêneros textuais e ensino*; *Hipertexto e gêneros digitais*.

pois por aqui tem muitos tiros, nós todos escutamos muitos tiros, um dia mataram um cara na frente do colégio em horário de aula, muitos alunos ainda estavam no colégio e foi horrível. Eu acho que deveria ter mais policiamento por aqui, porque se anda acontecendo isso de dia depois nós não poderemos sair mais de casa.

Aspectos distintos

Em termos de distinção, alguns aspectos são visivelmente salientes, comparados (2) e (3). Um desses aspectos é o tipo de organização geral das frases: no texto falado, temos as frases mais curtas, separadas por pausa (marcada pelas reticências), como em “*a violência aqui... no bairro... que é mui::ta... durante o dia não tem tanto... mas... à noite... tem bastante...*”. Esse trecho falado tem seu correspondente escrito num tipo de estruturação bem mais “enxuta”: “*O Relato de opinião é sobre a violência no bairro de Santanna que é bastante.*”

A continuidade dos relatos ratifica a distinção referida. A partir da comparação desses dois pequenos fragmentos iniciais, já podemos observar que se trata, de fato, de duas modalidades que têm modos próprios de organização sintática. Em termos de funções sintáticas e sua distinta organização nas duas modalidades, podemos observar que as informações circunstanciais, relativas ao tempo e ao espaço, tendem a ser estruturadas variadamente. No texto falado, essas informações não atuam como efetivos “adjuntos adverbiais”, uma vez que não são acessórias a outros termos. Assim, em (2), temos *daqui a pouco* e *no bairro*, por exemplo, atuando de modo mais “solto”, como efetivas frases. Já em (3) esses constituintes funcionam como adjuntos adverbiais (*À noite, depois de 10:00 hs você sai de casa com medo*).

Um traço estrutural distintivo de ambos os textos é a continuidade que caracteriza (2), em contraste com a organização em períodos, articulada em (3). Enquanto a oralidade se apresenta como um fluxo contínuo, em que Isabelle vai falando, colocando uma após outra frases que se complementam e concorrem, deste modo, para a elaboração de seu texto, na escrita, a aluna dispõe de outros recursos, entre os quais se destaca a distribuição da informação por períodos e o uso de letras maiúsculas e minúsculas. Se no texto falado dispomos de recursos como alongamento, ênfase, gestos, entre outros, no texto escrito, utilizamos estratégias específicas, como pontuação e ortografia.

Outro aspecto que afasta (2) e (3) é a presença, no texto falado, das marcas de sua elaboração, por intermédio de rupturas para reformulação do que é dito, como em “*é perigoso... um peda/nesse pedaço assim... é... é perigoso... um pedaço aqui dol/ da frente do colé::gio... atrás do colégio assim é perigoso...*”. Consideramos que os trechos truncados no texto falado por Isabelle tem relação também com o tema que escolheu comentar, a questão da violência em seu próprio colégio e o perigo a que os alunos, como ela mesma, estão expostos. O assunto, portanto, favorece a emoção, o apelo ao sentimento de Isabelle. Por outro lado, o texto escrito está mais “despido” dessas marcas de elaboração, como em: “*À noite, depois de 10:00 hs você sai de casa com medo, pois por aqui tem muitos tiros, nós todos escutamos muitos tiros, um dia mataram um cara na frente do colégio em horário de aula, muitos alunos ainda estavam no colégio e foi horrível.*”

Mais uma propriedade saliente no texto (2) é a situacionalidade. Em (2), Isabelle já inicia sua fala com uma declaração fortemente apoiada na situação comunicativa: “*bom... a violência aqui... no bairro...*”. Tanto o advérbio *aqui* quanto o nome *bairro* são somente preenchidos, em termos de sentido, a partir do contexto da fala. Já no texto (3), a mesma Isabelle inicia seu texto com a declaração: “*O Relato de opinião é sobre a violência no bairro de Santanna que é bastante.*” Dadas as condições de produção da escrita, como bem assinala o professor Marcuschi no vídeo que apresentamos, a aluna precisa, ao escrever, criar o contexto de referência de sua produção, uma vez que pretende comentar sobre a violência num espaço específico – o bairro de Santanna, para leitores que não estão à sua frente.

Em termos da propriedade de reiteração, podemos observar que o texto falado por Isabelle se constitui a partir de várias declarações que retomam o já dito. Em (2), para destacar o perigo e a violência do bairro de Santanna, a aluna, em várias ocasiões, faz uso da reiteração, como em “*é perigoso... um peda/nesse pedaço assim... é... é perigoso... um pedaço aqui dol/ da frente do colé::gio... atrás do colégio assim é perigoso...*”. Somente no fragmento exemplificado, temos três ocorrências de “perigoso”, cujo efeito de sentido é justamente o realce do perigo a que todos estão expostos na região em que mora. Em relação ao texto escrito, o destaque para o perigo do bairro de Santanna é articulado por intermédio de estratégia distinta. Com as declarações de que “*a violência*

no bairro de Santanna que é bastante” ou de que “*À noite, depois de 10:00 hs você sai de casa com medo*”, Isabelle faz referência ao perigo em (3). Para ilustrar sua opinião, a aluna relata a morte de uma pessoa perto do colégio.

No que concerne à propriedade de reiteração, a própria dimensão maior do texto (2) em relação a (3) já é indício das sucessivas retomadas do texto falado. Essas marcas, tais como outras próprias da fala, são “apagadas” no texto escrito, em prol de uma estrutura mais enxuta, concisa e sintaticamente mais integrada.

Aspectos comuns

Se a comparação de textos falados e escritos aponta contrastes visíveis e salientes, de outra parte, também permite o estabelecimento de pontos em comum. Essa condição nos mostra que, apesar de fala e escrita terem modos de organização específicos, as duas modalidades guardam também correspondências, uma vez que se trata de dois modos de comunicação e expressão pela linguagem verbal.

Uma das correspondências entre esses textos é a *centralidade temática*, uma vez que Isabelle fala e escreve sobre o mesmo tema – a violência no bairro de Santanna, em Niterói. Em (2) e (3), essa questão é apresentada inicialmente, por estratégias sintáticas distintas. Enquanto em (2) temos “*bom... a violência aqui... no bairro... que é mui:ta...*”, em (3) seu correspondente é “*O Relato de opinião é sobre a violência no bairro de Santanna que é bastante.*” No texto falado, a aluna faz referência ao tema por intermédio de sintagmas curtos, margeados por pausa (*bom, a violência aqui, no bairro, que é muita*); trata-se de declarações justapostas, sem maior integração estrutural. Já no texto escrito, essas informações nos chegam de modo mais integrado, por meio de uma declaração complexa, em que temos duas orações (1: *O Relato de opinião é sobre a violência no bairro de Santanna*; 2: *que é bastante*). Assim, observamos, ao longo de ambos os textos, essa mesma tendência: organizados a partir de recursos sintáticos específicos, (2) e (3) discorrem sobre o mesmo tema.

Outro ponto que aproxima (2) e (3) é a presença da *ordem sintática padrão* do Português: *sujeito + verbo + complementos*. Embora,

como já visto nesta aula, a estruturação geral da fala e da escrita tenham traços específicos, mantém-se a ordenação canônica referida. Nos curtos sintagmas do texto (2), essa ordem tende a estar meio “diluída”, como em “*os alunos não podiam... passar do portão pra fora...*”, em que o complemento de “podiam” está no sintagma a seguir, separado por pausa. Por outro lado, no texto (3), as funções sintáticas estão mais próximas na linearidade textual, integrando um todo, como em “*muitos alunos ainda estavam no colégio*” ou então “*deveria ter mais policiamento por aqui*”.

Um terceiro traço que verificamos em textos falados e escritos é a presença de *conectores textuais*, de elementos de ligação que são usados para conferir maior unidade e integração entre frases e declarações em geral. Na fala, esses conectores, em geral, são elementos que estão fora da descrição feita pela gramática tradicional, funcionando como marcadores, como elementos que vão pontuando o texto, desprovidos de função sintática. Estão nesse caso, no texto (2), o uso inicial de “bom”, para abrir o relato de Isabelle, e o de “né?”, em que a aluna busca adesão ao que opina. No texto escrito, como vemos em (3), a articulação textual ocorre por intermédio de elementos mais convencionais, integrantes de classe morfológica das conjunções, como “pois” e “porque”.

CONCLUSÃO

Destacamos nesta aula uma das modalidades linguísticas mais naturais e básicas da expressão verbal – a fala. Vimos como os textos falados têm propriedades que lhes são particulares e como, de outra parte, podem se relacionar aos textos escritos. Destacamos que as marcas da oralidade têm relação direta com o modo falado de produção e com os traços específicos da situação comunicativa em que são articulados, enquanto a escrita é contextualizada de outro modo, com o apagamento das condições mais efetivas dessa produção. Tais aspectos distintivos e correspondentes fazem com que a sintaxe da fala e da escrita apresentem contrastes e correlações, conduzindo à conclusão de que as chamadas “funções sintáticas oracionais” se aplicam mais efetivamente aos textos escritos, uma vez que os textos falados têm modo de estruturação distinto.

ATIVIDADES FINAIS

Atendem ao Objetivo 2

Leia atentamente o fragmento falado e o escrito pela aluna Simone, do último ano do Ensino Fundamental da cidade de Niterói. Simone conta-nos sobre um rápido encontro com um colega dela. Depois da leitura, faça as questões que se seguem:

Texto falado

bom... hoje... quando eu estava vindo pra escola... foi muito engraçado... meu colega me parou... e me perguntou o que que... eu tinha... recebido de presente de dia dos namorados... eu ri... olhei pra ele e falei "ah... ganhei esse par de brincos..." aí ele: "hum:: bonitinho..."

Texto escrito

Hoje quando eu estava indo para a escola, meu amigo Leandro me parou na rua e me perguntou como foi o meu dia dos namorados e que que eu ganhei eu respondi: - Foi ótimo e ganhei estes brincos.



1. Em termos de organização de frases, que distinção podemos apontar entre os textos falado e escrito por Simone?

2. O que os termos “bom”, “aí” e “hum”, no texto falado, e o termo “quando”, no texto escrito, têm em comum, do ponto de vista da articulação textual?

3. Em termos de situacionalidade, podemos dizer que o texto falado é mais expressivo e tem mais marcas relativas a sua condição de produção. Aponte, pelo menos, dois fragmentos do texto falado que indicam esse envolvimento de Simone:

RESPOSTA COMENTADA

1. Embora os textos relatem o mesmo encontro e conversa, no relato falado, as frases são mais curtas, margeadas por pausa e, lado a lado, vão configurando a cena. Já no texto escrito, o formato é mais compactado, com frases mais longas, articuladas em torno da conjunção aditiva “e”.

2. Esses termos têm em comum o fato de atuarem na conexão textual; trata-se de elementos desprovidos de função sintática no texto falado (**bom, aí e hum**) e que atuam como conjunção no texto escrito (**quando**). Todos concorrem para a coesão dos relatos.

3. A maior expressividade do relato falado por Simone pode ser exemplificada pelos sintagmas **foi muito engraçado** e **eu ri**. Ambos, em primeira pessoa, fazem referência ao humor da cena, o que não se encontra no texto escrito pela mesma aluna.

RESUMO

Nesta aula, tratamos da sintaxe em termos de sua distinção e correspondência nos textos falados e escritos. Iniciamos nosso estudo pela caracterização da fala como modalidade dotada de traços específicos em relação à oralidade. Vimos que há marcas próprias da oralidade, como fragmentação, situacionalidade e reiteração, e que tais marcas acabam por motivar usos sintáticos também próprios nesses materiais. Por outro lado, vimos que há pontos em comum entre textos falados e escritos, o que se justifica pelo traço da expressão verbal que partilham, e que esses pontos explicam os aspectos correspondentes entre as duas modalidades.

Abordagens sintáticas alternativas – Azeredo

*Ivo da Costa do Rosário
Mariangela Rios de Oliveira*

AULA

17

Metas da aula

Apresentar e discutir os conteúdos específicos da análise sintática da língua portuguesa, de acordo com a perspectiva de José Carlos de Azeredo.

objetivos

Esperamos que, ao final desta aula, você seja capaz de:

1. reconhecer os conceitos principais da sintaxe estabelecidos por Azeredo;
2. compreender o conceito de *competência pragmática*;
3. caracterizar a comutação, a transposição e os constituintes imediatos.

INTRODUÇÃO

Estamos chegando ao final do nosso curso de sintaxe do período simples. Neste momento, é hora de conhecermos outras abordagens que diferem da que é normalmente apresentada pela gramática tradicional. Assim sendo, esta aula intenta proporcionar a você uma maior capacidade de investigação, de reconhecimento e de análise do funcionamento da sintaxe por meio da abordagem dada por José Carlos de Azeredo a esse tema.

A visão gramatical de Azeredo foi escolhida para nortear esta aula porque o autor tem grande penetração no ambiente acadêmico brasileiro, além de suas obras servirem como base para diversos trabalhos e pesquisas, especialmente nas áreas de morfologia e sintaxe.

Veremos como o autor conceitua gramática e léxico, teremos a oportunidade de rever um pouco das posições centrais do Estruturalismo e conheceremos também o fenômeno da transposição, que é central na proposta desenvolvida por Azeredo. Vamos embarcar nesse desafio?

José Carlos Santos de Azeredo graduou-se em Língua Portuguesa e Literaturas pela UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro). Nessa mesma universidade, fez o mestrado em Letras (Letras Vernáculas) e doutorou-se em Letras (Letras Vernáculas). Teve como orientador no mestrado e no doutorado o professor e gramático Celso Cunha, cujas obras serviram de base para grande parte de nossas aulas. Foi professor no curso de Letras da UFRJ de 1970 a 1996. Atualmente, é professor adjunto da UERJ (Universidade do Estado do Rio de Janeiro). É escritor e coordenador de gramática do *Dicionário Caldas Aulete*. Azeredo é autor (e organizador) de livros como *Escrevendo pela nova ortografia*, feito em parceria com o Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia, importante livro sobre a nova ortografia do português pós-acordo de 1990. Também é autor de livros recentes, como a *Gramática Houaiss da língua portuguesa* e a *Gramática Comparativa Houaiss: quatro línguas românicas*, em parceria com o Instituto Houaiss.
(Fonte: Adaptado de http://pt.wikipedia.org/wiki/Jos%C3%A9_Carlos_de_Azeredo. Acesso em 07/05/2012.)

AS UNIDADES DO PLANO DO CONTEÚDO: LÉXICO E GRAMÁTICA

Gramática e léxico, segundo Azeredo, constituem as duas unidades principais da primeira articulação da linguagem.

Azeredo define *sintaxe* a partir da noção fundamental de dupla articulação da linguagem, que pode ser explicada por meio da existência de dois planos de estruturação das línguas, respectivamente, o plano do conteúdo e o plano da expressão, daí o nome dupla articulação, proposto por André Martinet. Ao plano da expressão, também chamado segunda articulação, correspondem unidades como acentos, sílabas e fonemas; ao plano do conteúdo, também chamado primeira articulação, pertencem unidades como palavras, raízes, afixos e as chamadas proposições.

A partir de alguns exemplos com problemas de estruturação de enunciados, o autor explica (1990, p. 11-12) as diferenças entre (a), (b) e (c), apresentados a seguir:

a) *Encarceravam-se os prisioneiros em bolachas* – enunciado com problemas na escolha das palavras – a palavra *bolachas* não parece adequar-se à oração;

b) *Os encarceravam prisioneiros se cavernas em* – enunciado com problemas de estruturação sintática, embora as palavras não tenham problemas de formação;

c) *Os prisionavam-se encarcereiros em cavernam* – enunciado com problemas na estrutura das palavras, embora tenha estruturação sintática correta.

Azeredo afirma, com base em (a), que é possível substituir palavras e alterar a sua formação sem conseqüências no arranjo dos enunciados; para isso, usam-se unidades que têm caráter renovável, e que compõem um universo aberto e se chamam *semantemas* ou *morfemas lexicais* (como em *bolachas*). Essas unidades pertencem ao *léxico*.

A partir de (b), o autor demonstra como a sintaxe é uma instância componente da gramática do português, assim como a ordenação de constituintes é fundamental para a organização das frases e declarações em geral. Em (b), embora os termos sejam conhecidos, não há sentido articulado; trata-se de algo impossível de ser produzido ou entendido em língua portuguesa.

É possível também, com base em (c), reconhecer a existência de unidades chamadas *morfemas gramaticais*, elementos que compõem um universo fechado e pouco renovável, destinados a salientar as relações entre os morfemas lexicais, além de auxiliarem no processo de criação de palavras a partir de outras (como em *prisão – prisioneiro*) e expressar

significados próprios a certas classes (em *encarceravam*, o significado de terceira pessoa do plural); essas unidades pertencem à *gramática*.

A análise da estrutura das palavras aponta a existência de vários elementos, que são chamados costumeiramente de *morfemas*. Existem basicamente dois tipos de morfema: os lexicais e os gramaticais. Os elementos que contêm o significado básico da palavra chamam-se *morfemas lexicais*, e os que indicam a flexão das palavras, ou seja, as variações para indicar número, gênero, pessoa, modo, tempo recebem o nome de *morfemas gramaticais*. Em *gatas*, por exemplo, *gat-* é morfema lexical, *-a* é morfema gramatical indicador de gênero feminino e *-s* é morfema gramatical indicador de número plural.

Depois da breve apresentação dos dois universos (léxico e gramática), Azeredo procede a uma pequena reflexão sobre a delimitação que normalmente se faz entre esses dois planos, visto que existem algumas evidências que tornam problemática a separação tradicionalmente feita entre léxico e gramática. Azeredo cita, em particular, a existência de algumas classes de palavras, a saber, *artigos*, *preposições*, *pronomes e conjunções*, que, embora não disponham de morfema lexical, pertenceriam também ao léxico, junto com as palavras de outras classes, sendo por isso incluídas nos dicionários e estando também sujeitas a uma série de predisposições gramaticais, como distribuição no enunciado e concordância.

Outro fato problemático listado pelo autor é a questão da irregularidade entre elementos gramaticais, como a que ocorre entre os verbos (*vou – fui*), que pode despertar suspeitas de que aí haveria diferenças lexicais, portanto, as diferenças entre léxico e gramática não são assim tão nítidas.

Assim, depois de discutir um pouco as distinções entre os dois níveis do plano do conteúdo, Azeredo dedica-se, no item seguinte, a tratar especificamente dos problemas da estruturação de enunciados. A sua abordagem vai incluir também alguns comentários sobre sintaxe e pragmática.

RESPOSTA COMENTADA

- a) O elemento **das**, segundo Azeredo, não apresenta elemento lexical, mas pode ser considerado um elemento pertencente ao léxico. Isso se justifica pelo fato de **das** não reunir as características de um morfema gramatical e estar dicionarizado.
- b) O morfema **-s** no final da palavra **poemas** é um morfema gramatical, visto que indica a flexão de número plural da palavra.
- c) Se substituíssemos o morfema **-a** por **-o** em **penetra**, teríamos a forma verbal **penetro**. Certamente teríamos uma mudança no plano da expressão conduzindo a uma mudança no plano do conteúdo. Apesar de serem duas formas diferentes do mesmo verbo **penetrar**, no primeiro caso, temos um verbo no modo imperativo afirmativo; no segundo caso, a forma verbal estaria na primeira pessoa do presente do indicativo.

De acordo com Pinto (2000, p. 47), “um número muito grande de trabalhos, com temas e objetivos os mais diversos, circula nos periódicos e outras publicações declaradamente inseridos no domínio da **PRAGMÁTICA**”. A Pragmática, cujo conceito foi criado por Peirce, em 1878, analisa o uso concreto da linguagem na prática linguística. Dessa forma, podemos definir Pragmática como a ciência do uso.

SINTAXE E PRAGMÁTICA

Embora, segundo Azeredo, a sintaxe possa ser provisoriamente vinculada à criação/interpretação de frases, ela não dá conta de explicar todos os fenômenos relacionados a esses fatores. É preciso também investigar as circunstâncias externas dessa criação/interpretação, que podem não somente viabilizar como também enriquecer os significados veiculados. Essas condições, basicamente contextuais, são normalmente denominadas **PRAGMÁTICAS**, e diferentes condições dessa natureza podem atuar decisivamente sobre os aspectos de significação dos enunciados.

De fato, as palavras e expressões da língua podem adquirir outros significados, a depender do contexto em que são ditas, por quem são ditas e para quem são ditas. Essa constatação leva muitos teóricos, inclusive Azeredo, a postular que um trabalho em sintaxe só é bem realizado quando se levam em conta também os fatores de ordem pragmática.

Define-se *competência pragmática* como a capacidade de se compreender a intenção do locutor no ato de linguagem. Esse conceito, portanto, amplia e completa o que, há muito tempo, vem se chamando “competência linguística”.

Por exemplo, imaginemos uma situação. Uma pessoa está arrumando uma mesa de guloseimas para um aniversário. Sem que ela permita, vêm muitas crianças e comem vorazmente grande parte dos doces

que estão sobre a mesa. Essa pessoa, em ato de reprovação e em tom irônico, profere a seguinte frase: “Nossa, que povo educado!”

Nenhum falante da língua teria dificuldades para compreender exatamente o contrário do que a própria pessoa disse. Apesar de ela ter dito “Que povo educado!”, ela está querendo dizer exatamente o oposto: “Que povo mal-educado!” Comprendemos o sentido irônico da frase proferida porque temos competência pragmática para tal. Uma abordagem estritamente sintática não nos possibilitaria adquirir esse significado.

Assim, pela competência pragmática, somos capazes de entender e de atribuir sentido ao que falamos/escrevemos ou ao que ouvimos/lemos. Geralmente, a modalidade falada e os registros de uso mais informal da língua são mais dependentes do contexto pragmático.

No capítulo 2 do livro *Iniciação à sintaxe do português* (1990), Azeredo traça uma breve descrição histórica dos estudos da gramática. Para tanto, parte dos primórdios do estudo da linguagem, na Grécia Antiga, passando pelo Renascimento, pela emergência da investigação diacrônica no século XIX e chegando, finalmente, ao século XX, com o Estruturalismo e a Gramática Gerativa.

Vale a pena ler todo o capítulo, que apresenta muitas informações quanto à história da disciplina gramatical. Nesta aula, faremos um recorte desse percurso histórico e focalizaremos apenas o caminho percorrido da abordagem estrutural à sintaxe gerativa.

ATIVIDADE



Atende ao Objetivo 2

2. Dentro de um elevador, em um dia com temperatura de 40°C, registrou-se o seguinte diálogo entre dois usuários:

Usuário I (descontraído): *Está fazendo um calor insuportável, hein?!*

Usuário II (irritado): *Não, amigo, está um frio danado!*

Com base no conceito de competência pragmática, responda: como o usuário II interpretou a mensagem recebida? Na realidade, qual pode ter sido a intenção do usuário I?

RESPOSTA COMENTADA

Ambos os usuários estruturam sintaticamente seus discursos de forma adequada. O segundo julga a afirmação do primeiro óbvia e responde de forma irônica e grosseira. Na verdade, a sentença produzida pelo primeiro tinha o valor pragmático de romper o silêncio, o que não foi observado pelo interlocutor. A situação ilustra que o significado pode extrapolar o próprio discurso, sendo processado pragmaticamente.

A ABORDAGEM ESTRUTURAL NA ANÁLISE SINTÁTICA

O Estruturalismo, primeira linha mestra da Linguística como ciência, emerge no século XX e se desenvolve na Europa e nos Estados Unidos, a partir dos estudos de Ferdinand de Saussure. O Estruturalismo propõe a investigação e a enumeração das unidades que compõem os sistemas linguísticos, e as relações entre si. Vejamos algumas atitudes típicas da corrente estruturalista:

a) Leva em conta a oralidade nos estudos, conferindo-se à escrita apenas o status de representação da fala;

b) Estabelece equivalência valorativa entre todos os sistemas linguísticos, bem como a possibilidade de que todos apresentem igualmente uma estrutura gramatical. Elimina-se, assim, a noção de certo/errado na Linguística.



Figura 17.1: Ferdinand de Saussure, linguista cujos conceitos serviram de base para o desenvolvimento do Estruturalismo no século XX.

Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Ferdinand_de_Saussure

As posições adotadas pelo Estruturalismo conferem-lhe a propriedade de revolucionar os estudos da linguagem no século XX, tanto em termos epistemológicos (fundamentos teóricos) quanto em termos metodológicos (procedimentos de análise), da forma descrita a seguir:

a) Inaugura-se a noção de *estrutura*, tomada por Azeredo como “feixe de relações”; essa ideia leva todo estruturalista a observar seu objeto de análise não mais isoladamente, mas dentro de uma ordem estrutural – de uma gramática, em outras palavras, em que “as unidades da língua não têm existência em si mesmas, mas em função de relações”.

b) Metodologicamente, desenvolveram-se alguns procedimentos de análise, destacadamente o da **COMUTAÇÃO**, que tem por finalidade isolar e definir as unidades presentes na cadeia da fala.

No Estruturalismo norte-americano, especificamente, desenvolveram-se as noções de *constituente imediato* e, recorrentemente, as formulações de regras estruturais (“de estrutura sintagmática”, segundo Azeredo). Tais regras se baseiam na divisão binária estruturalista, em que uma estrutura vai-se dividindo progressivamente em duas partes, particularmente na primeira articulação. Os elementos resultantes das divisões são chamados *constituintes imediatos*, e a comprovação descritiva deste

A propriedade da **COMUTAÇÃO** consiste em uma operação de troca ou substituição de elementos. Como

o próprio nome sugere, comutar é trocar. Para realizá-la, troca-se um segmento do plano da expressão e tem-se, como resultado, uma alteração no plano do conteúdo.

Por exemplo, na palavra *menino*, podemos comutar (trocar ou substituir) o último elemento (morfema gramatical -o) por outro elemento (morfema gramatical -a). Por meio dessa operação de comutação, chegaremos à forma feminina do nome, ou seja, a palavra *menina*. Da mesma forma, podemos comutar o morfema lexical (*menin-*) por outro morfema lexical (*cachorr-*). Dessa forma, chegaremos a *cachorro*. Assim, a cada alteração no plano do significado, corresponderá uma alteração no plano do conteúdo.

tipo de análise vem com a possibilidade de que cada conjunto binário possa ser substituído por um só elemento na mesma posição na estrutura.

Crystal (1988, p. 63) define constituinte imediato como “o termo usado na análise gramatical, com referência às divisões que podem ser efetuadas dentro de uma construção sintática, em qualquer nível”. Tomemos como exemplo a seguinte frase:

- As crianças estão brincando.

Nesta frase, os constituintes imediatos seriam *as crianças* (SN sujeito) e *estão brincando* (SV predicado). Esses constituintes, por sua vez, poderiam ser analisados em unidades menores, ou seja, também em constituintes imediatos em nível hierarquicamente inferior. Assim, seria possível postular os seguintes constituintes: *as + crianças*, *estão + brincando*. Esse procedimento pode continuar até que se atinjam constituintes irreduzíveis, no nível morfológico.

Camara Jr., grande linguista estruturalista brasileiro, na década de 1950, também trabalhava com o conceito de constituintes imediatos, definindo-os de maneira muito semelhante a Crystal (1988): “nome que se dá na linguística descritiva moderna aos elementos formais que constituem uma forma linguística complexa. São apreendidos pela análise, e esta só cessa quando se chega aos constituintes imediatos, isto é, que se articulam sem intermédio de outros” (1981, p. 83).

No nível da oração, a análise em constituintes imediatos mostra que a frase não é uma simples sucessão de vocábulos, mas uma superposição de camadas binárias, uma vez que todos os cortes realizados segmentam os blocos em dois elementos. Essa análise acontece também ao nível do vocábulo, mostrando que ele não é uma sequência de morfemas, mas também uma superposição de blocos binários.

Relacionado à noção de constituinte imediato, emerge o conceito de estrutura sintagmática: cada sintagma se define a partir de critérios distribucionais e são passíveis de análise interna para a apreensão dos seus constituintes imediatos. O estudo desses fatos é encargo da chamada *gramática sintagmática* ou *de constituintes*, que estabelece, basicamente, o SN e o SV como os constituintes imediatos da oração, os quais, por sua vez, também poderão revelar outros constituintes imediatos.

Assim consideradas as características gerais do Estruturalismo, observamos que a abordagem de Azeredo tem forte relação com essa perspectiva linguística. O próprio conceito de que o objeto da sintaxe é o

sintagma, e não termos isolados e dispostos lado a lado, já dá a dimensão de como se privilegiam as relações sintagmáticas, ou associativas, na forma como Azeredo trata da ordenação de constituintes.

ATIVIDADE



Atende ao Objetivo 3

3. Observe a oração a seguir:

Alguns homens trabalhavam.

Usando o processo de comutação, faça cortes que possibilitem novas construções gramaticalmente aceitáveis.

RESPOSTA COMENTADA

Pelo processo de comutação (troca de uma unidade por outra que possa ocupar o mesmo ponto na cadeia sintagmática), é possível obter diversos enunciados possíveis. Entre os quais, exemplificamos com os seguintes:

Trabalhavam / alguns homens.

Eles / trabalhavam.

Alguns homens / cantavam.

FRASE, ORAÇÃO E HIERARQUIA GRAMATICAL

Azeredo dedica-se a delimitar e discutir os níveis de análise julgados pertinentes à sintaxe, bem como algumas definições-chave para este nível de análise gramatical. Partindo do texto como unidade de discurso, o autor define a frase como “o menor texto possível”. Em termos de aderência ao contexto, a frase apresenta gradação: de um lado, a interjeição, frase completamente vinculada ao contexto a que se refere, e, do outro, a oração, tipo de enunciado geralmente declarativo, uma estrutura bimembre com sujeito e predicado. Da forma como se

apresenta, a oração, segundo Azeredo, seria passível de análises reveladoras de sua hierarquia de elementos.

Para o autor, a análise gramatical é o procedimento que permite reconhecer e identificar os padrões de combinação dos diferentes níveis de funcionamento da estrutura da gramática. Por meio dessa análise, chega-se a uma hierarquia que detecta elementos, tais como: o morfema, o mais simples, o vocábulo; o sintagma, a oração e o período, o mais complexo, definido como “a maior unidade da estrutura gramatical” (p. 33).

Tradicionalmente distribuídas nas diferentes disciplinas relacionadas à gramática, o vocábulo e o morfema dizem respeito à *morfologia*, e a oração e o período dizem respeito à *sintaxe*. Azeredo mantém esta distinção, acrescentando ao seu estudo a noção de sintagma, a seu ver importante para a análise sintática. Segundo o autor, o sintagma é o objeto efetivo da análise sintática, podendo sua constituição ser aferida por intermédio de três propriedades básicas:

a) Alterações de posição e mobilidade:

O prisioneiro desatou o nó das cordas com os dentes. / Com os dentes, o prisioneiro desatou o nó das cordas.

b) Eventuais substituições:

O prisioneiro desatou o nó das cordas com os dentes. / Ele desatou o nó das cordas com os dentes.

c) Interposição de elementos funcionalmente equivalentes, ou seja, coordenação:

O prisioneiro desatou o nó das cordas com os dentes. / O prisioneiro e seu amigo desataram o nó das cordas com os dentes. / O prisioneiro desatou o nó das cordas com os dentes e fugiu.

Esses parâmetros revelam a existência de uma relação hierarquizada entre os vocábulos e outras unidades de nível superior, os sintagmas, que procedem à elevação dos vocábulos à condição de membros funcionais de uma oração.

Em (a), por exemplo, a expressão *com os dentes* denota um sintagma, visto que constitui uma unidade de sentido. Afinal, o que significa, por exemplo, *com os*? A própria gramática tradicional reconhece isso ao considerar a expressão *com os dentes* um adjunto adverbial de meio. E assim acontece com os outros elementos destacados.

Até mesmo por poderem comportar porções maiores de elementos, e também por interagirem funcionalmente dentro da frase, os sintagmas

são internamente analisáveis. Assim, observamos que as condições de combinação das partes que os formam são hierarquizadas e estritamente delimitadas, de forma tal que um elemento determina as condições de ocorrência de outros elementos que eventualmente compõem com aquele elemento o sintagma.

Em nível hierárquico superior aos sintagmas, Azeredo aloca as orações e os períodos. Assim o autor os caracteriza:

a) A oração é “a unidade gramatical cujo eixo é o verbo”.

b) O período é a “unidade gramatical constituída de pelo menos uma oração e que pode funcionar como frase”.

Apesar de explorar também o período, o foco do autor é, de fato, a oração como unidade de análise que contém um predicado e pode ter um verbo predicador (núcleo do predicado) ou um verbo transpositor (que torna um sintagma não verbal o núcleo do predicado). A existência de sujeito na oração condiciona-se pela presença de verbo pessoal; o verbo transitivo determina a presença de objeto(s). Assim, temos:

a) A oração tem dois constituintes centrais – sujeito e predicado;

b) O predicado é constituído por um termo central (SV predicador intransitivo), ou dois termos (SV não predicador + predicativo ou SV predicador transitivo + objeto(s)).

c) Pode haver presença de modificadores (geralmente SAdv).

Passemos agora a um importante conceito cunhado por Azeredo: *transposição*.

A TRANSPOSIÇÃO

O que suscita um estudo sobre este fenômeno, por parte de Azeredo, é o fato de que podemos identificar, ao lado de sintagmas de formação equivalente aos elementos que lhes servem de núcleo, outros sintagmas que não trazem essa característica. Nesse último caso, ocorre o fenômeno da transposição, que permite, normalmente, que elementos de outros níveis de análise sejam alçados à condição de sintagmas, como também procede à alteração das condições sintáticas de certos elementos dos enunciados.

Vejam os alguns exemplos de ocorrência ou não da transposição na sintaxe oracional do português:

a) O *prisioneiro disse mentiras*: SN formado por nome (aqui não há transposição).

b) *O prisioneiro disse que seu colega mentiu*: SN formado por oração (aqui há transposição, porque uma oração inteira é reduzida à condição de SN, visto que o segmento destacado – *que seu colega mentiu* – equivale ao elemento *mentira*, por exemplo).

c) *É necessário falar a verdade. / Falando a verdade, vais escapar da condenação*. – transposição por infinitivo e gerúndio, que permite às orações a condição de, respectivamente, SN e SAdv.

d) *Você é mentiroso*: o verbo *ser* funciona como **transpositor**, alçando o nome *mentiroso* à condição de predicador.

e) *Você tem mentido muito*: a locução verbal *tem mentido* é alçada à condição de SV, e, portanto, de predicador, através do transpositor *ter*, que transforma uma forma nominal, no caso o particípio, num predicador (porque confere noções gramaticais tipicamente verbais às formas nominais).

Para a organização dos sintagmas, os **TRANSPOSITORES** contribuem fortemente, visto que organizam os elementos do enunciado em termos de nível de análise (no caso, fazendo com que todos sejam em princípio analisáveis como sintagmas).

TRANSPOSITOR é o elemento que indica a passagem de uma categoria a outra, como é o caso do artigo *que*, diante de um verbo, assinala a sua substantivação. Exemplo: *o chegar* do verão.

ATIVIDADE



Atende ao Objetivo 3

4. Azeredo define *transposição* como sendo um processo morfossintático através do qual uma classe de palavras assume um comportamento característico de outra classe de palavras. É, nas palavras do autor, “*um processo pelo qual se formam sintagmas derivados de outras unidades, as quais podem ser sintagmas básicos ou orações*” (cf. Azeredo, 2004:211). Isso se dá através de alguns elementos conhecidos, em geral, como transpositores. Com base no conceito de transposição, comente o papel exercido pela conjunção integrante *que* no enunciado a seguir:

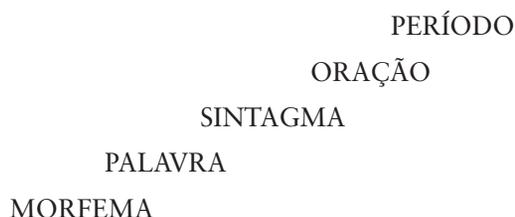
É verdade que ele não estudou.

RESPOSTA COMENTADA

Nas relações sintagmáticas, os transpositores não são apenas afixos, mas também podem ser preposições, determinantes, pronomes, conjunções e, até mesmo, verbos. De acordo com Azeredo, uma oração não é substantiva, mas sim, é o bloco sintagmático iniciado pela conjunção subordinativa integrante (um transpositor nominalizador) que adquire a função substantiva, em períodos como “É verdade que ele não estudou”. Enfim, é a conjunção integrante que exerce a função de transpositor e torna possível que a oração funcione como um substantivo. O que se pode chamar de “conectivo subordinativo” não é nada mais do que um transpositor.

ESTRUTURA SINTAGMÁTICA

Os sintagmas constituem um dos níveis da estrutura gramatical do português, na qual o morfema ocupa o nível mais baixo, seguido do vocábulo. Acima do sintagma, temos a oração e o período, conforme expomos a seguir:



A análise gramatical nada mais é que a identificação das unidades linguísticas e das regras que presidem as suas combinações entre si em cada nível.

Azeredo apresenta alguns procedimentos que auxiliam na identificação dos sintagmas, que tem a ver com o processo de comutação, já analisado em seções anteriores desta aula. Dado o seguinte período:

O prisioneiro desatou o nó das cordas com os dentes.

a) As unidades gramaticais identificam-se também através de particularidades distribucionais, como mobilidade e posição. Os grupos de função que puderem ser deslocados podem ser considerados sintagmas:

- *Com os dentes, o prisioneiro desatou o nó das cordas.*
- *Com os dentes, desatou o prisioneiro o nó das cordas.*

b) Sintagmas também podem ser substituídos (às vezes) por referentes pronominais:

- *Ele desatou o nó das cordas.*
- *O prisioneiro desatou-os.*

O sintagma não é uma mera união de vocábulos, da mesma forma que a palavra não é apenas a união de morfemas. A diferença entre as unidades é de nível: vocábulos unitários podem constituir sintagmas:

- *A freira beijou Laurinha e a menina com aparelho nos dentes.*

No exemplo acima, *Laurinha e a menina com aparelho nos dentes* são sintagmas que equivalem em função.

Vejamos cada tipo de sintagma separadamente:

O sintagma nominal

O SN inclui um núcleo que, sendo um substantivo comum, pode vir precedido de determinantes ou modificadores:

[Muitas] [outras] [casas] [antigas] [de veraneio] [que tinham sido tombadas]
Det Det N Mod Mod Mod

Podem ser determinantes do SN:

- identificadores*: artigo definido e pronome demonstrativo;
- possessivos*: pronome possessivo;
- indefinidos*: pronomes indefinidos com valor quantitativo (quanto, mais, vários, cada, todo, muito, pouco, bastante, tanto, qualquer, algo, algum, nenhum);
- referenciadores*: numerais cardinais e outros pronomes indefinidos (outro, demais, mesmo, próprio);
- relativo*: cujo.

Podem ser modificadores do SN:

- o *sintagma adjetivo*: adjetivos e orações adjetivas;
- o *sintagma preposicionado*: locuções adjetivas;
- o *sintagma adverbial*: advérbios (assim).

Podem ser núcleos de SN, além de substantivos, os seguintes pronomes:

- a) *pessoais*: retos e oblíquos (átonos e tônicos);
- b) *indefinidos*: alguém, ninguém, nada, tudo, algo, cada (um, qual);
- c) *demonstrativos (identificadores)*: isto, isso, aquilo;
- d) *quantificadores*: todo (e flexões), ambos (as);
- e) *possessivos*;
- f) *referenciadores*: outro, demais, mesmo, próprio.

O sintagma verbal

O SV caracteriza-se pela presença obrigatória do verbo, que desempenha a função de predicado, único constituinte fundamental da oração.

Assim, por exemplo, numa oração como O sintagma verbal *desempenha a função de predicado*, o sintagma destacado se classifica como verbal, atuando como predicado de toda a oração.

O sintagma adjetivo

Tem como núcleo um adjetivo, que pode vir precedido de um determinante (variante combinatória de um pronome indefinido) ou precedido e seguido de um modificador:

- a) *determinantes*: tão (tanto), quão (quanto), algo (algum), nada (nenhum), mais, muito, um pouco, um tanto, bastante, assaz, todo, quase;
- b) *modificadores*: antepostos à base (advérbios em *-mente*) ou pospostos à base (sintagmas preposicionados).

O sintagma preposicionado

Pode formar-se por preposição + SN ou preposição + adjetivo. Funciona como predicadores acompanhados de SER, ou como modificadores verbais, nominais, adjetivais, adverbiais ou oracionais.

Os SPreps exercem variadas funções explicadas pela gramática tradicional: *adjunto adnominal*, *complemento nominal*, *adjunto adverbial*, *objeto indireto*, *agente da passiva*.

O sintagma adverbial

Tem por núcleo um advérbio e estrutura-se analogamente ao sintagma adjetival:

- precedidos de determinante: *muito tarde, bastante depressa*;
- precedidos de modificador: *incrivelmente longe*;
- seguidos de modificador: *longe da cidade*.

Servem também de modificadores, atuando junto a:

- *orações*: devagar se vai ao longe;
- *verbos*: eles conversaram demoradamente;
- *adjetivos*: levemente feridos;
- *substantivos*: o exemplo acima;
- *advérbios*: incrivelmente longe.

CONCLUSÃO

Como tivemos a oportunidade de verificar, Azeredo apresenta uma proposta alternativa para a descrição sintática da língua portuguesa. Essa visão pode nos ajudar a entender melhor muitos fenômenos gramaticais, visto que oferece tratamento diferenciado para as funções sintáticas. O autor destaca o sintagma como o efetivo objeto da sintaxe, com ênfase em suas propriedades, sua diversidade funcional e sua hierarquia na configuração gramatical do português. Trata-se de uma abordagem inspirada na vertente estruturalista da pesquisa linguística, que muito acrescenta ao que a tradição gramatical tem descrito sobre a sintaxe portuguesa.

ATIVIDADE FINAL

Atende aos Objetivos 1, 2 e 3

Leia um trecho da música de Luan Santana, chamada "Incondicional":

Eu vou pedir ao sol
Pra iluminar nosso caminho
E todas as estrelas, pra enfeitar nosso destino
Me leve aonde for, segure a minha mão
Pois sei que você vai ser a minha direção

A gente é assim
Temos tanta coisa em comum
Você tem marca em mim, e pra você não sou mais um
Assim é nosso amor, tão forte como a noite
Perfeito como o dia

Eu vou subir nas nuvens pra desenhar o teu sorriso
E no azul do céu, vou ver os seus olhos brilhando
E em meio as estrelas, fico flutuando

(Fonte: <http://letras.terra.com.br/luan-santana/incondicional/>. Acesso em: 07/05/2012.)

a) Realize testes de comutação do sujeito da frase presente no primeiro verso da música.

b) Na palavra *estrelas*, presente no terceiro verso, qual é o morfema lexical? Como é possível depreendê-lo?

c) No primeiro verso da terceira estrofe, a letra da canção diz: "Eu vou subir nas nuvens pra desenhar o teu sorriso." É possível compreender essa frase sem o auxílio da competência pragmática? Por quê?

RESPOSTA COMENTADA

- a) Por meio da comutação, poderíamos propor as seguintes frases: João vai pedir ao sol. Meu pai vai pedir ao sol. Eu e você vamos pedir ao sol. Em todos esses casos, procedemos à substituição do elemento **Eu** por outros funcionalmente equivalentes.
- b) O morfema lexical da palavra **estrelas** é **estrel-**, visto que é esse segmento que possui a carga de significação do vocábulo.

c) Com certeza, não. A competência pragmática é fundamental para compreendermos em que sentido o eu lírico diz que vai às nuvens desenhar um sorriso. Em termos literais, por exemplo, isso não seria possível.

RESUMO

Com esta aula, apresentamos uma síntese do tratamento que Azeredo propõe para a descrição e análise da sintaxe da oração do português. O autor inicia suas considerações com a distinção, nem sempre clara, entre a dimensão lexical e a gramatical da língua. Azeredo destaca a importância do contexto extralinguístico para a apreensão do sentido das orações, propondo a “competência pragmática” como fundamental para o entendimento entre os interlocutores numa comunidade linguística. O autor toma o sintagma como objeto da sintaxe, identificando suas propriedades e seus tipos estruturais básicos. Com esta aula, trazemos novas contribuições interpretativas à análise da sintaxe oracional do português, a partir de um dos estudiosos mais conceituados e respeitados na área.

Abordagens sintáticas alternativas – Perini

*Ivo da Costa do Rosário
Mariangela Rios de Oliveira*

AULA

18

Meta da aula

Apresentar a abordagem de Mário Perini para a sintaxe da Língua Portuguesa.

objetivos

Esperamos que, ao final desta aula, você seja capaz de:

1. reconhecer a abordagem sintática de Mário Perini;
2. distinguir a abordagem de Mário Perini das abordagens tradicionais.

INTRODUÇÃO

Após estudarmos todas as funções sintáticas oracionais, no transcorrer das aulas passadas, e de vermos ainda como outros autores, como Azeredo, interpretam e tratam essa questão, vamos, nesta última aula, deter-nos em um outro autor brasileiro, também de grande representatividade para o estudo da sintaxe. Estamos falando de Mário Perini, que muito tem contribuído para que possamos compreender um pouco mais sobre os fenômenos relacionados à ordenação de constituintes do Português.

Para iniciarmos esta aula, partimos das seguintes perguntas que vocês também devem estar fazendo: quem é Mário Perini? Qual sua contribuição para o estudo da sintaxe do Português? Vamos, a seguir, responder a essas e outras questões.

MÁRIO PERINI – PROFESSOR E PESQUISADOR

O professor Mário Alberto Perini atua na Universidade Federal de Minas Gerais e tem uma vasta produção bibliográfica na área dos estudos da gramática do Português. São de sua autoria obras como *Gramática do português brasileiro*, lançada pela editora Parábola em 2010, *Estudos de gramática descritiva – as valências verbais*, também editada pela Parábola em 2008, além de muitas outras, como a *Gramática descritiva do português* e *Sintaxe portuguesa – metodologia e funções*, ambas publicadas pela editora Ática, em 1995 e 1989, respectivamente.

Segundo Perini (1997), os principais problemas no ensino de gramática são: objetivos mal colocados, metodologia inadequada e falta de organização lógica de teorias. Com relação a este último ponto, os professores em sala de aula não podem fazer muito, já que a tarefa de atualizar e organizar a gramática cabe a linguistas e gramáticos. No que se refere aos dois primeiros problemas, será o professor o essencial elemento para a adoção de uma abordagem mais adequada.

Para Perini, o estudo sistematizado da gramática deve estar ligado ao funcionamento efetivo da língua, pois assim o aluno desenvolve conscientemente suas habilidades linguísticas. Para isso, a gramática adequada deve partir dos itens lexicais e gramaticais da língua e mostrar as regras em seu uso, desde o sintagma até o texto.



Figura 18.1: Foto recente de Mário Perini.

Fonte: <http://www.ufmg.br/boletim/bol1682/8.shtml>

O professor Mário Alberto Perini questiona o motivo pelo qual se ensina gramática na escola, uma vez que, segundo ele, a gramática é ensinada de um ponto de vista não científico, como um conjunto de regras, sem espaço para debate e reflexão. Ele compara o ensino de Português ao de Biologia, na demonstração de que, nas aulas de Biologia, as experiências são muito utilizadas, os alunos fazem testes e descobertas. Já nas aulas de Português, ao contrário, esse espaço está faltando, uma vez que, em geral, não há condições para maior reflexão e discussão dos conteúdos.

Para o autor (2010, p. 41), em vez de eliminar pura e simplesmente o estudo de gramática na escola (com o que estaríamos fechando uma janela), é preciso redefinir esse estudo em termos de formação científica. Só assim essa disciplina – parte essencial do estudo da linguagem, o mais importante dos fenômenos sociais – poderá dar sua contribuição na formação dos alunos da Educação Básica.



É muito importante que você assista ao vídeo a seguir, de uma entrevista de Perini, em que ele discute várias questões que nos interessam, como a relação entre língua padrão e língua popular, a questão do certo e do errado no uso linguístico, o papel da gramática no ensino de Português, entre outros assuntos relevantes: <http://www.youtube.com/watch?v=GYobXPh6oRA>

Agora, conhecendo a proposta geral de Perini, podemos realizar a atividade que segue.



ATIVIDADE

Atende ao Objetivo 1

1. Leia os versos abaixo, de Oswald de Andrade:

Vício da fala

Para dizerem milho dizem mio

Para melhor dizem mió

(...)

Comente, com base nas informações desta aula, o conceito de adequação linguística à luz do excerto do poema de Oswald de Andrade.

RESPOSTA COMENTADA

De acordo com Perini, a língua que falamos é bastante diferente da língua que escrevemos. Assim, os trabalhadores da lavoura dizem **mio**, mas na língua escrita culta, seria **milho**. Trata-se de duas formas de expressão igualmente adequadas, cada qual no seu contexto. As duas variedades existem, vão continuar a existir e, principalmente, não podem ser trocadas: escrevem-se textos formais em português padrão escrito, e muitas vezes se usa **mio** no português falado.

NÍVEIS DE ANÁLISE

Segundo Perini (2000, p. 49), a definição dos diversos níveis de linguagem surgiu devido à necessidade de se “equacionar a imensa complexidade da estrutura das línguas”.

Vejam, por exemplo, a frase seguinte:

- Roberto encontrou Joana no parque.

Pode-se, em primeiro lugar, assumir o ponto de vista da pronúncia. Isso envolveria conhecimentos acerca de vogais tônicas e átonas, consoantes (modos e pontos de articulação), ditongos, hiatos, prosódia etc. Estaríamos, dessa forma, no campo da *fonologia*.

Existem outras possibilidades de análise, como o ponto de vista da *morfologia*. Iríamos, portanto, para o campo da constituição interna das palavras que constituem esse enunciado: radicais, bases, desinências etc. Dessa forma, estudariamos as regras que governam a associação dessas palavras, ou seja, o estudo dos *morfemas*.

Se ficarmos no nível do significado, poderíamos afirmar que Ricardo é um homem e que Joana é uma mulher. O evento ocorreu no passado, e assim por diante. Esse nível de análise é chamado de *semântica*.

Por fim, podemos analisar o enunciado, segundo a maneira como as palavras se associam, ou seja, segundo regras de formação de frases. Assim, podemos verificar que existe uma regra pela qual a terminação de *encontrou* de certo modo depende do elemento que se coloca no lugar de *Roberto*. Se substituíssemos o nome *Roberto*, por exemplo, por *João e Marcos*, isso naturalmente traria uma modificação para o verbo seguinte, ou seja, o verbo *encontrou*. Alterariamos essa forma verbal para *encontraram*.

Segundo Perini (2000, p. 50), “todas essas observações têm a ver com a estruturação interna da frase e constituem um estudo denominado *sintaxe*”. É sobre esse nível que nos deteremos. Está pronto para essa caminhada?

FRASE, ORAÇÃO E PERÍODO

Perini (2000, p. 61) afirma que o conceito de frase é difícil de ser definido. Porém, apropria-se da definição proposta por Camara Jr. (1977, p. 122), para quem é uma “unidade de comunicação linguística, caracterizada (...) por ter um propósito definido (...) e por uma entoação que lhe assinala nitidamente o começo e o fim”. E o autor acrescenta a esse conceito o fato de as frases, na escrita, serem delimitadas por uma maiúscula no início e por certos sinais de pontuação no final.

Assim, não há grande divergência entre o que a gramática tradicional e Perini propõem para o conceito de frase. Na verdade, o autor afirma que há problemas com essa definição, mas não os expõe.

Oração, segundo sua concepção, “é uma frase que apresenta determinado tipo de estrutura interna, incluindo sempre um predicado e frequentemente um sujeito, assim como vários outros termos” (PERINI, 2000, p. 61).

Precisamos fazer duas ponderações: em primeiro lugar, esse conceito de oração incorpora a ideia de que há orações sem sujeito, uma vez que o autor admite que só o predicado é realmente essencial. Em segundo lugar, o autor afirma que as frases não oracionais também são analisáveis, visto que são como “fragmentos de orações”.

Por fim, Perini (2000, p. 62) conclui que “tradicionalmente, emprega-se também a designação *período* para as orações que constituem uma frase”. Aparentemente, o autor traça uma abordagem muito semelhante à feita pela NGB. Por outro lado, há algumas diferenças importantes. Vejamos o exemplo abaixo:

- Ele comprou um carro e fez uma grande festa.

O exemplo acima é um período, em perfeita concordância com a definição dada pelo autor para esse termo. Em seguida, vale a pena perguntar: quantas orações há nesse período? Segundo a visão tradicional, responderíamos que há duas orações: *a) Ele comprou um carro; b) Fez uma grande festa.*

Perini (2000, p. 62), contudo, afirma que há, na verdade, três orações nesse período. As duas primeiras são as que a própria gramática tradicional reconhece. A terceira oração, por sua vez, é coextensiva com a própria frase e seria, portanto, um período. Assim, teríamos as três orações:

Oração 1: Ele comprou um carro.

Oração 2: Fez uma grande festa.

Oração 3: Ele comprou um carro e fez uma grande festa.

Quantos tipos de oração existem para Perini? A lista é a mesma da apresentada pela gramática tradicional? Esse é o assunto do próximo tópico de nossa aula.

TIPOS DE ORAÇÃO

Perini (2000, p. 64), de fato, adota uma lista de orações muito similar à adotada pela gramática tradicional. Para o autor, há 5 tipos de oração: imperativas, interrogativas, exclamativas, declarativas e optativas. Vejamos como cada uma delas pode ser caracterizada.

As orações imperativas apresentam um verbo no modo imperativo e normalmente aparecem sem sujeito explícito. São tipicamente utilizadas para veicular *ordens e pedidos*. Vejamos um exemplo:

- Compre um ingresso para o show de mais tarde.

As *orações interrogativas* compreendem dois subtipos principais: *interrogativas abertas* (também chamadas *interrogativas de Q*) e *interrogativas fechadas* (ou *interrogativas de sim-ou-não*). Vejamos cada uma delas.

As *interrogativas abertas* contêm um elemento interrogativo, entre os quais podemos citar *o que, o quê, quem, quando, como, por que, onde, qual*. Esse elemento interrogativo vem normalmente (mas não obrigatoriamente) no início da oração. Vejamos alguns exemplos:

- O que você vai fazer?
- Você vai fazer o quê?

As *interrogativas fechadas* são geralmente marcadas apenas pelo ponto de interrogação. Apresentam normalmente menos possibilidades de resposta. Vejamos alguns exemplos:

- Sua mãe vai fazer o bolo que encomendamos?
- Você estava na praça ontem?

As *orações exclamativas* têm estrutura parecida com a das *interrogativas*, mas não são marcadas com ponto de interrogação. Ao contrário, são seguidas, na escrita, de ponto de exclamação e, na fala, mostram um tipo particular de contorno entonacional. Expressam surpresa, exclamação etc. Exemplo:

- Como você é inteligente!

As *orações declarativas* definem-se negativamente, por não apresentarem os traços distintivos das *imperativas* (verbo no imperativo), das *interrogativas* (elemento interrogativo e ponto de interrogação) e das *exclamativas* (ponto de exclamação). Podem apresentar estruturas bem variadas. Vejamos:

- O seu irmão chegou ontem.
- Foi o seu irmão que chegou ontem.
- O seu irmão, ele chegou ontem.

As *orações optativas* são bem mais raras em termos de frequência. Possuem verbo no subjuntivo e são frequentemente introduzidas pelo exclamativo *que*, podendo ser marcadas com ponto de exclamação. Expressam desejo. Vejamos:

- Que Deus o abençoe!
- Queira a sorte que você consiga vencer!

FUNÇÕES SINTÁTICAS

Como vimos nas aulas anteriores, a Nomenclatura Gramatical Brasileira utiliza os seguintes termos para expressar as diversas funções sintáticas da oração: sujeito, predicado, objeto (direto e indireto), predicativo (do sujeito e do objeto), complemento nominal, agente da passiva, aposto etc.

A análise sintática que Perini (2000) propõe difere, em muitos aspectos, dessa proposta mais tradicional. Segundo o autor, o parâmetro é estritamente sintático, ou seja, não lança mão de critérios semânticos. Faz, assim, uma abordagem formal da oração, sem levar em consideração aspectos do significado.

Perini (2000), à maneira de Azeredo, também utiliza uma análise de base sintagmática, ou seja, define os grandes constituintes da oração a partir de sintagmas ou de constituintes imediatos, hierarquicamente organizados, e cada um desses constituintes possui um comportamento gramatical próprio, o que vale dizer que possui uma função própria.

Vejamos um exemplo:

- Meus amigos compraram um carro extremamente potente.

A partir desse exemplo, é possível fazer um “primeiro corte”, definindo os grandes constituintes (ou sintagmas) da oração da seguinte forma:

- [Meus amigos] – [compraram] – [um carro extremamente potente].

Podemos dizer que esses constituintes são os sintagmas da sentença, ou ainda, como diz Perini, são os *constituintes imediatos da oração*. Cada um deles desempenha uma função específica na sentença. No exemplo acima, *Meus amigos* é sujeito. *Compraram* é predicado. *Um carro extremamente potente* é objeto direto.

Esses constituintes imediatos podem ser subdivididos na análise. Contudo, em primeiro lugar, seguindo a sequência estipulada pelo linguista, vamos às funções sintáticas de nível oracional, isto é, as funções que podem ser desempenhadas pelos constituintes imediatos da oração. Vejamos:

Predicado (Pred) e núcleo do predicado (NdP)

O núcleo do predicado (NdP) é uma função exercida unicamente pelo verbo. Isso significa afirmar que somente o verbo pode ser núcleo do predicado.

Na análise tradicional, o núcleo do predicado também pode ser exercido pelo nome, tal como acontece nos chamados predicados nominais. Assim, vejamos os exemplos abaixo:

- Meu irmão chegou de São Paulo.
- Meu irmão está nervoso.

Quanto ao primeiro exemplo, há consenso entre os estudiosos quanto ao fato de *chegou* ser o núcleo do predicado. Trata-se, na ótica da gramática tradicional, do núcleo de um predicado verbal.

No segundo exemplo, a análise tradicional considera a palavra *nervoso* (predicativo do sujeito) como sendo o núcleo do predicado, visto que esse é um caso de predicado nominal. Perini, ao contrário, propõe que o núcleo do predicado é o verbo *está*. Dessa forma, o autor é fiel ao princípio geral que sempre estabelece o verbo como o núcleo do predicado.

Isso não significa que *está* é o elemento mais importante ou principal do predicado. Isso seria importante, segundo Perini (2000), em uma análise de fundo semântico. Sua proposta não considera esse tipo de análise, mas apenas a questão formal ou sintática.

O núcleo do predicado faz parte de um constituinte, chamado predicado (Pred). Normalmente, apresenta apenas um elemento (mas nem sempre). Aqui novamente há uma diferença entre a análise de Perini e a análise proposta pela gramática tradicional. Vejamos:

- O pai de Marília ofereceu um jantar para todos.

Segundo a análise de Perini, o Pred (predicado) da oração é apenas o verbo *ofereceu*. A análise da gramática tradicional, por outro lado, consideraria *ofereceu um jantar para todos como predicado*.

Sujeito (Suj)

Na maioria das orações, existe um constituinte que se harmoniza com o NdP (núcleo do predicado) em número e pessoa. Esse fenômeno da harmonização é chamado de *relação de concordância*. Vejamos um exemplo:

- Meus primos comeram um pote de sorvete.

O constituinte da oração acima que se harmoniza (ou concorda) com o NdP (*comeram*) só pode ser *meus primos*, afinal, ambos estão

na 3ª pessoa do plural. Por isso, *meus primos* é considerado sujeito da oração. O sintagma *um pote de sorvete*, por sua vez, não poderia ocupar o cargo de sujeito porque não estabelece concordância com o verbo.

Essa análise conduz-nos a uma definição bastante prática para sujeito, sob a ótica de Perini (2000, p. 77): “Sujeito é termo da oração que está em relação de concordância com o NdP.”

Essa definição, de caráter formal, abandona ideias como termo mais importante ou ser que pratica a ação, visto que essas ideias não são estritamente de base sintática.

A propriedade “estar em concordância com o NdP”, que define o sujeito, é também chamada um traço que o constituinte tem na oração. Esse traço é abreviado assim: [+CV], em que CV significa que há concordância verbal.

Agora, lançamos um desafio para você, que está lendo esta aula. Leia a frase a seguir:

- Comprei um livro novo ontem.

Qual seria o sujeito da oração acima? Certamente, você deve ter pensando no sujeito oculto, elíptico ou desinencial *eu*. Certo? Pois bem, essa é uma solução tradicional, que é distinta da proposta por Perini.

Essa distinção se coloca na medida em que, para o autor, é preciso que o sujeito esteja explícito, em efetiva relação de concordância com o verbo. Assim, como sua expressão é somente pela desinência verbal, Perini opta por considerar que a oração não tem, efetivamente, um sujeito. Assim, a solução encontrada é afirmar que esse é um caso de oração sem sujeito. Afinal, não há um elemento explícito que concorde com o verbo da oração (*comprei*).

Na verdade, as relações de concordância por si só são insuficientes. O próprio Perini (2000) argumenta que também se deve considerar as relações de ordem. Mostra, assim, que o sujeito ocorre preferencialmente logo antes do verbo. No entanto, como lembra o linguista, este também não é um critério que possa ser utilizado por si só para a identificação dessa função.

ATIVIDADES



Atendem ao Objetivo 2

2. Explique qual seria o sujeito da oração a seguir, conforme a visão de Perini:

- “A Daniela, a própria irmã não aguenta.”

3. Leia o texto abaixo:

Reportagem

(João Guimarães Rosa)

O trem estacou, na manhã fria,
Num lugar deserto, sem casa de estação:
A parada do Leprosário...

Um homem saltou, sem despedidas,
Deixou o baú à beira da linha,
E foi andando. Ninguém lhe acenou...
(...)

a) “O trem...”, “Um homem...” iniciam as duas primeiras estrofes. Que relação estabelecem com as formas verbais?

b) É possível dizer que, de certa forma, esses termos estão em desacordo com o título do poema? Por quê?

4. Observe a sentença abaixo:

“Aquele menino está **cabisbaixo**.”

Segundo a gramática tradicional, o termo grifado exerce a função sintática de núcleo do predicado nominal. Perini corrobora com essa classificação?

RESPOSTA COMENTADA

2. Perini abandona a visão tradicional de que o sujeito é o ser que pratica a ação ou o termo sobre o qual se faz uma declaração. Se o sujeito é o termo sobre o qual se faz uma declaração, o sujeito desta frase poderá ser A Daniela. O autor prefere afirmar que o sujeito é a função sintática cujo termo concorda com o verbo. Nesse caso, será a própria irmã.

3.

a) São sujeitos das formas verbais estacou e saltou.

b) Sim. Porque são apresentados sem os determinantes específicos, próprios de uma reportagem (“o homem de tal”, “a estação tal...”). Isso ocorre porque se trata de um poema que não é uma reportagem propriamente dita.

4. Não. Para Perini, o verbo sempre será o NdP (núcleo do predicado).

Objeto direto (OD)

Para analisarmos essa função, vamos retomar um exemplo já dado anteriormente:

- Meus amigos compraram um carro extremamente potente.

O constituinte *um carro extremamente potente* não pode ser sujeito, porque é marcado como [-CV], ou seja, não está em relação de concordância com o verbo (*compraram*).

Um primeiro teste feito por Perini consiste na anteposição [+Ant] do elemento. Esse é um traço do constituinte *um carro extremamente potente*, visto que é possível algo do tipo:

- Um carro extremamente potente, meus amigos compraram.

Nem todos os elementos da oração possuem o traço [+Ant]. O NdP (núcleo do predicado), por exemplo, não possui esse traço, sendo considerado [-Ant]. O deslocamento do NdP para o início da oração, por exemplo, cria um resultado, no mínimo, muito pouco usual. Vejamos:

- Compraram, meus amigos um carro extremamente potente.

Assim, Perini admite que o objeto direto (OD) se define como [-CV, +Ant].

Complemento do predicado (CP)

Antes de explorarmos essa função propriamente dita, vejamos um exemplo:

- Maria é professora.

Se aplicarmos os traços que caracterizam o objeto direto [-CV, +Ant], chegaríamos à conclusão de que professora, no exemplo acima, é um objeto direto. Essa análise é adequada?

Perini (2000) afirma que é possível traçar uma distinção entre o chamado objeto direto e o complemento do predicado (CP), que seria a função com a qual o termo *professora* pode ser classificado. O traço definidor seria o de *concordância nominal*.

Tradicionalmente, o termo *professora* seria classificado como predicativo do sujeito, visto que, entre outras características, é ligado ao sujeito por meio de um verbo de ligação, no caso, o verbo *ser*. Perini prefere denominá-lo *complemento do predicado*, já que reserva o termo *predicativo* para outra função sintática.

Perini (2000) observa que, quando o complemento de predicado é representado por um item passível de concordância nominal, ele concorda com o sujeito. Vejamos:

- Pedro está motivado.
- Pedro e João estão motivados.

Os termos *motivado* e *motivados* são marcados como [+CN]. Esse é traço que distingue os complementos de predicado dos chamados objetos diretos. Assim, para uma descrição mais completa, diremos que o complemento do predicado é [-CV, +Ant, +CN]. O objeto direto, por sua vez, é [-CV, +Ant, -CN]. Lembramos que o traço [CN] diz respeito à *possibilidade* de concordância nominal com algum outro termo da oração, não necessariamente com o sujeito.

Atributo (Atr) e predicativo (Pv)

Vejamos mais dois exemplos:

- Todos consideraram o caso *encerrado*.
- Antônio reclama *frequentemente*.

Alguns testes permitem caracterizar a função sintática de *encerrado* no primeiro exemplo. Assim, esse termo é:

- [-CV], pois não está em relação de concordância com o NdP.
- [-Ant], pois não pode aparecer anteposto em uma frase correspondente. Exemplo: * Encerrado, todos consideraram o caso.

- [+Q], pois pode ser retomado por *o que*. Exemplo: Todos consideraram esse caso o quê? Todos consideraram esse caso encerrado.

- [+CN], pois, quando representado por um item passível de concordância nominal, esta se manifesta. Exemplo: Todos consideraram a situação encerrada.

Assim, temos uma nova função, definida pelos traços [-CV, -Ant, +Q, +CN]. A essa função, Perini (2000) chama Predicativo (Pv).

Agora, vamos analisar as propriedades ou traços do termo *frequentemente*, presente no segundo exemplo. Esse termo é:

- [-CV], pois não apresenta possibilidade de concordância.
- [+Ant], pois pode aparecer anteposto em uma frase correspondente. Exemplo: Frequentemente, Antônio reclama.
- [-Q], pois não pode ser retomado por *o que*. Exemplo: O que Antônio reclama? Antônio reclama frequentemente.

Assim, a função desempenhada por *frequentemente* se chama **Atributo (Atr)** e se define pelos seguintes traços: [-CV, +Ant, -Q]. Devemos ressaltar que o termo *atributo* tem outra acepção na tradição gramatical, em que é usado para se referir à classe dos adjetivos. A função *atributo* classificada por Perini, como no exemplo que apresentamos aqui, tem correspondência com o que a gramática tradicional classifica como *adjunto adverbial*.

Negação verbal (NV)

Seria impossível criar uma lista com todas as realizações possíveis das cinco funções estudadas até o momento (sujeito, objeto direto, complemento do predicado, predicativo e atributo). Por outro lado, existem outras funções que só podem ser desempenhadas por um número limitado de elementos. É o que acontece com a função de *negação verbal (NV)*. Vejamos:

- O médico não deu um laudo.

A palavra *não* é a mais genuína representante da negação verbal. Os traços que a distinguem são [-CV, -Ant, -Q]. A esses traços, acrescentamos que só pode ocorrer logo antes do NdP, sem possibilidade de inserção de nenhum elemento entre os dois.

Perini afirma que, em língua portuguesa, somente as palavras *não* e *mal* podem ser consideradas NV. Para Perini (2000), sintaticamente, esses dois termos apresentam comportamento bastante diferente de *nunca*, *já*, *nada* e *ninguém*.

Adjunto adverbial (AA), adjunto oracional (AO), adjunto circunstancial (AC)

Vejam os seguintes exemplos:

- Maria pintou a casa *completamente*.
- Esse professor é *francamente* um neurótico.
- Meu pai come *muito*.

No primeiro exemplo, encontramos o termo *completamente*, que exibe os seguintes traços:

- [-CV], pois não apresenta possibilidade de concordância.
- [-Q], pois não pode ser retomado por *o que*. Exemplo: *O que Maria pintou a casa?
- [-Ant], pois não pode aparecer anteposto em uma frase correspondente. Exemplo: * Completamente, Maria pintou a casa.

Os asteriscos usados acima, bem como os demais que se seguem, indicam frases agramaticais e hipotéticas, sem condições de serem usadas em português, tanto na modalidade falada quanto escrita.

Pelos traços, identificamos que essa função apresenta a peculiaridade de ter uma posição relativamente mais fixa na oração. Perini (2000) chama essa função de *adjunto adverbial* (AA). A notação completa seria: [-CV, -Ant, -Q, -CN, -NDP].

Apesar de a gramática tradicional apresentar esse termo, é bom lembrar que são tomados de maneira distinta na proposta de Perini (2000). Nesta abordagem, esse grupo representa um número bem menor que o da gramática tradicional.

Vejam os seguintes exemplos, agora, as características de *francamente*, presente no segundo exemplo:

- [-CV], pois não apresenta possibilidade de concordância.
- [-Q], pois não pode ser retomado por *o que*. Exemplo: * O que esse professor é um neurótico?
- [+Ant], pois pode aparecer anteposto em uma frase correspondente. Exemplo: Francamente, esse professor é um neurótico.

CLIVAGEM

Trata-se de uma construção que põe em evidência um elemento da oração, com o auxílio do verbo *ser* mais o item *que*; pode-se, assim, “clivar” um sujeito, como em *Foi meu pai que me deu esse carro*.

Na literatura linguística, muitos estudiosos analisam termos como *francamente* à parte, reservando-lhe o nome de “advérbios de oração”. Perini (2000) classifica-os como *adjuntos oracionais (AO)*.

Perini (2000) acrescenta mais um traço a ser levado em consideração. Trata-se da **CLIVAGEM**. De uma forma geral, as funções sintáticas podem ser clivadas, com poucas exceções, entre elas a de NdP e NV.

O adjunto oracional também é claramente não clivável, ou seja, [-Cl]. Afinal, a oração seguinte é totalmente improvável em português:

* *É francamente que esse professor é um neurótico.*

Assim, Perini (2000) define o AO como [-CV, +Ant, -Q, -CN, -Cl, -pNdP].

Por fim, vamos analisar o terceiro exemplo: *Meu pai come muito*. Essa frase apresenta o termo *muito*, que se assemelha profundamente com a função de atributo já analisada. Afinal, tanto esse termo como os atributos compartilham os seguintes traços já analisados: [-CV, +Ant, -Q, +Cl, -pNdP]. Por outro lado, há uma diferença substancial.

Tanto o termo *muito* quanto os atributos podem ser antepostos, mas só os atributos podem ser colocados imediatamente antes do NdP. Assim, seria possível a frase: *Antônio frequentemente reclama*. Por outro lado, seria improvável a frase: * *Meu pai muito come*.

De acordo com Perini (2000), temos base para a postulação de um novo traço, chamado [PA], que significa *posição de auxiliar*. Esse traço exprime a propriedade de um termo ocorrer entre o sujeito e o NdP (ou entre o sujeito e a negação verbal mais o NdP, quando for o caso).

O termo *muito* que vimos analisando é chamado por Perini de *adjunto circunstancial (AC)*. Essa função é definida pelos seguintes traços: [-CN, +Ant, -Q, +Cl, -CN, -pNdP, -PA].

CONCLUSÃO

Assim, concluímos a abordagem que Perini dá às funções sintáticas. Concordamos com o autor quanto à não completude de sua proposta. De fato, a abordagem provavelmente não esgota a lista de funções de nível oracional existentes em nossa língua. Aliás, existe alguma proposta que consiga isso?

Mesmo assim, julgamos essa abordagem muito proveitosa, pois, em primeiro lugar, enriquece nossos conhecimentos; em segundo lugar,

revela outras possibilidades de descrição sintática do português, além da que a gramática tradicional apresenta.

É muito aconselhável que o leitor consulte a própria gramática do professor Perini, para que possa se aprofundar ainda mais na abordagem que trouxemos. Na gramática, há maior detalhamento de tudo o que trouxemos nesta aula, que, por diversas razões, teve de estar um pouco mais resumido ou simplificado aqui.

Por fim, vale a pena recordar os traços distintivos, utilizados por Perini (2000), bem como a notação utilizada para determinar as funções de nível oracional:

Traços distintivos

[CV] – concordância verbal – a propriedade de estar em relação de concordância com o NdP (Núcleo do Predicado).

[Ant] – anteposição – propriedade de poder aparecer no início da oração em uma frase correspondente.

[Q] – a propriedade de poder ser retomado pelos elementos *que*, *o que* ou *quem*.

[CN] – concordância nominal – a propriedade de estar em concordância nominal com outros termos da oração.

[Cl] – clivagem – a propriedade de poder ocorrer como foco de uma frase clivada correspondente.

[PA] – posição do auxiliar – a propriedade de uma determinada função poder ocorrer na posição do auxiliar (entre o sujeito e o NdP).

[pNdP] – a propriedade de só poder ocorrer imediatamente antes do NdP.

Funções de nível oracional

- *Sujeito*: [+CV].
- *Objeto direto*: [-CV, +Ant, +Q, -CN, +Cl, -PA].
- *Complemento do predicado*: [-CV, +Ant, +Q, +CN, +Cl, -PA].
- *Predicativo*: [-CV, -Ant, +Q, +CN, +Cl, -PA].
- *Atributo*: [-CV, +Ant, -Q, +CN, +Cl, +PA].
- *Negação verbal*: [+pNdP].
- *Adjunto adverbial*: [-CV, -Ant, -Q, -CN, +Cl, -PA].
- *Adjunto oracional*: [-CV, +Ant, -Q, -CN, -Cl, +PA].
- *Adjunto circunstancial*: [-CV, +Ant, -Q, -CN, +Cl, -PA].
- *Núcleo do predicado* (postulado).

ATIVIDADES FINAIS

Atendem aos Objetivos 1 e 2

1. Leia atentamente a seguinte declaração de Perini (2010, p. 35):

Então, o que é que a gramática poderia fazer enquanto disciplina escolar? Minha resposta é que a gramática é uma disciplina científica, tal como a química, a geografia e a biologia. Assim como a biologia estuda os seres vivos (sua forma, fisiologia, hábitos etc.) e a química estuda os elementos e suas combinações, a gramática estuda um aspecto da linguagem – um fenômeno tão presente em nossas vidas quanto os seres vivos ou os elementos químicos.

Com base nessa declaração, justifique a opção de Perini em privilegiar os aspectos estruturais em sua proposta de análise dos termos oracionais do português.

2. Como vimos nesta aula, há certas divergências entre a análise sintática praticada pela tradição gramatical e aquela proposta por Perini. Com base nas duas orações que se seguem, aponte as referidas divergências:

a) Aprendemos uma boa lição.

Como as duas abordagens classificam a função “sujeito” em (a)?

b) Ninguém é dono da verdade.

Qual a função sintática de *dono da verdade* em cada uma das descrições?

RESPOSTA COMENTADA

1. Ao enfatizar o aspecto científico da gramática, comparando-a com a Química, a Geografia e a Biologia, o autor prioriza uma abordagem mais formal, em que os fatores de análise são mais “visíveis”. Como consequência, os aspectos semânticos, aqueles relativos aos sentidos veiculados, ficam em segundo plano, em prol de uma abordagem que leva em conta os elementos da estruturação sintática.

2.

a) Segundo a tradição gramatical, na oração (a), temos sujeito oculto, elíptico ou desinencial, marcado pela desinência número-pessoal mos, em aprendemos. Por outro lado, para Perini, estamos diante de um caso de oração sem sujeito, uma vez que não há, formalmente, um termo que cumpra essa função na oração.

b) De acordo com a abordagem tradicional, o sintagma dono da verdade atua como predicativo do sujeito, na formação do predicado nominal. Para Perini, trata-se da função de complemento do predicado, que se distingue do objeto direto pelo traço da concordância, uma vez que o complemento do predicado concorda com o sujeito.

RESUMO

Com esta aula, mostramos como as funções sintáticas oracionais, ensinadas geralmente com base na tradição gramatical, admitem outras leituras e interpretações, como as apresentadas por Perini. Vimos como o autor, com base em argumentos coerentes e estruturais, aborda a sintaxe e dá conta das funções no nível oracional, apresentando-nos outras possibilidades interpretativas. Assim, é possível, com base em parâmetros distintos, chegar a novos modos de compreender as relações sintáticas, seus termos e funções. Não se trata de escolher ou eleger uma ou outra abordagem gramatical, mas sim de enriquecer nosso olhar e experiência, com a consideração da diversidade de perspectivas de que pode se revestir a análise dos termos oracionais.

Português II

Referências

Aula 10

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Antologia poética*. 12. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1978.

ASSIS, Machado de. *Dom Casmurro*. São Paulo: Garnier, 1900.

AZEREDO, José Carlos de. *Iniciação à sintaxe do português*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995.

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 1999.

BINHO. *Na ponta da língua*. Belo Horizonte: Miguilim, 1995.

CANDIDO, Antonio; CASTELLO, J. Aderaldo. *Presença da literatura brasileira: o modernismo*. 8. ed. São Paulo: Difel, 1981.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

DOCUMENTOS confidenciais do Twitter vão parar na internet. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 22 jul. 2009. Caderno Informática.

LIMA, Carlos Henrique Rocha. *Gramática normativa da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1987.

LUFT, Celso Pedro. *Moderna gramática brasileira*. 8. ed. Rio de Janeiro: Globo, 1987.

MOUTINHO, Viale (Org.). *Contos populares de Angola: folclore quimbundo*. São Paulo: Princípio, 1994. p.25-26.

TECNOLOGIA. *Veja especial*, São Paulo, p. 18, agosto, 2007.

VERISSIMO, Erico. *Um certo Capitão Rodrigo*. São Paulo: Abril Cultural, 1981.

Aula 11

BANDEIRA, Manuel. *Estrela da vida inteira*. 4ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1973.

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 37ª ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 1999.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

KURY, Adriano da Gama. *Novas lições de análise sintática*. São Paulo: Ática, 1986.

LUFT, Celso Pedro. *Moderna gramática brasileira*. 8ª. ed. Rio de Janeiro: Globo, 1987.

MOTTA, Ed. *Perfil*. CD. Somlivre/Universal, s/d.

ROCHA LIMA, Carlos Henrique. *Gramática normativa da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1987.

Aula 12

ALI, Manuel Said. *Gramática histórica da língua portuguesa*. 7ª ed. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1971.

AZEREDO, José Carlos de. *Fundamentos da gramática do português*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 37ª ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 1999.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

KURY, Adriano da Gama. *Novas lições de análise sintática*. 2ª ed. São Paulo: Ática, 1986.

LUFT, Celso Pedro. *Moderna gramática brasileira*. 8ª. ed. Rio de Janeiro: Globo, 1987.

ROCHA LIMA, Carlos Henrique. *Gramática normativa da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1987.

Aula 13

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 37ª ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 1999.

CUNHA, Celso e CINTRA, Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

FURTADO DA CUNHA, Angélica; OLIVEIRA, Mariangela; MARTELOTTA, Mário (Org.). *Linguística funcional – teoria e prática*. Rio de Janeiro: DP&A/Faperj, 2003.

GUARNIERI, Gianfrancesco. *Eles não usam black-tie*. 5ª. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1987.

KURY, Adriano da Gama. *Novas lições de análise sintática*. São Paulo: Ática, 1986.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Gêneros textuais: definição e funcionalidade*. In: DIONÍSIO, Ângela; MACHADO, Anna; BEZERRA, Maria (Org.) *Gêneros textuais & ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

PERINI, Mário. *Gramática descritiva do português*. São Paulo: Ática, 1995.

ROCHA LIMA, Carlos Henrique. *Gramática normativa da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1987.

VERISSIMO, Luis Fernando. *O marido do doutor Pompeu*. São Paulo: Círculo do Livro, 1989.

VOTRE, Sebastião; OLIVEIRA, Mariangela (Org.). *Corpus “Discurso & gramática” – a língua falada e escrita no Braisl*. (disponível em www.uff.br/d&g)

Aula 14

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 37ª ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 1999.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

FURTADO DA CUNHA, Angélica; OLIVEIRA, Mariangela; MARTELOTTA, Mário (Org.). *Linguística funcional – teoria e prática*. Rio de Janeiro: DP&A/Faperj, 2003.

GUARNIERI, Gianfrancesco. *Eles não usam black-tie*. 5ª. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1987.

KURY, Adriano da Gama. *Novas lições de análise sintática*. São Paulo: Ática, 1986.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Gêneros textuais: definição e funcionalidade*. In: DIONÍSIO, Ângela; MACHADO, Anna; BEZERRA, Maria (Org.). *Gêneros textuais & ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

PERINI, Mário. *Gramática descritiva do português*. São Paulo: Ática, 1995.

ROCHA LIMA, Carlos Henrique. *Gramática normativa da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1987.

VERISSIMO, Luis Fernando. *O marido do doutor Pompeu*. São Paulo: Círculo do Livro, 1989.

Aula 15

ASSIS, Machado de. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

AZEREDO, José Carlos de. *Iniciação à sintaxe do português*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Contos tradicionais do Brasil*. Belo Horizonte/São Paulo: Itatiaia/Edusp, 1986.

Corpus “Discurso & Gramática” – a língua falada e escrita no Brasil, disponível no site www.discursoegramatica.lettras.ufrj.br

FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica; OLIVEIRA, Mariangela Rios de; MARTELOTTA, Mário (Org.). *Linguística funcional: teoria e prática*. Rio de Janeiro: DP&A/Faperj, 2003.

GIVÓN, Talmy. 2001. *Syntax: an introduction*. Vol. I. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. 2002. *Gêneros textuais: definição e funcionalidade*. In: DIONÍSIO, Angela; MACHADO, Anna; BEZERRA, Maria Auxiliadora (Org.). *Gêneros textuais & ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna (p. 19-36).

NICOLA, José de. *Literatura brasileira – das origens aos nossos dias*. São Paulo: Editora Scipione, 1998.

Aula 16

CASTILHO, Ataliba T. *Nova gramática do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2010.

Corpus “Discurso & Gramática” – a língua falada e escrita no Brasil, disponível no site www.discursoegramatica.lettras.ufrj.br

FERREIRA, Luiz Antonio. *Oralidade e escrita: um diálogo pelo tempo*. São Paulo: Eufusão, 2004.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. São Paulo: Cortez, 2001.

_____. *Análise da conversação*. São Paulo: Ática, 1986.

PRETI, Dino. *Estudos de língua oral e escrita*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

Aula 17

AZEREDO, José Carlos. *Iniciação à sintaxe do português*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990.

_____. *Fundamentos de Gramática do Português*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

_____. *Gramática Houaiss da Língua Portuguesa*. São Paulo: Houaiss/Publifolha, 2008.

CAMARA, J. Mattoso Jr. *Dicionário de Linguística e Gramática*. Petrópolis: Vozes, 1981.

CRYSTAL, David. *Dicionário de Linguística e Fonética*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

PINTO, Joana Plaza. Pragmática. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina. *Introdução à Linguística 2*. São Paulo: Cortez, 2004. (47-68/12 pp.)

Aula 18

PERINI, M. A. *Gramática do português brasileiro*. São Paulo: Parábola, 2010.

_____. *Estudos de gramática descritiva: as valências verbais*. São Paulo: Parábola, 2008.

_____. *Para uma nova gramática do português*. São Paulo: Ática, 2000.

_____. *Gramática descritiva do português*. São Paulo: Ática, 1995.

_____. *Sintaxe portuguesa: metodologia e funções*. São Paulo: Ática, 1989.